



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PRECONCEITOS E DISCRIMINAÇÃO FACE A MINORIAS SEXUAIS

Joana Raquel Silveira Santos

Orientação: Prof.^a Doutora Madalena Melo

Mestrado em Psicologia

Especialização em Psicologia da Educação
Dissertação

Évora, Julho de 2018



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PRECONCEITOS E DISCRIMINAÇÃO FACE A MINORIAS SEXUAIS

Joana Raquel Silveira Santos

Orientação: Prof.^a Doutora Madalena Melo

Mestrado em Psicologia

Especialização em Psicologia da Educação
Dissertação

Évora, Julho de 2018

Agradecimentos

A realização deste trabalho não seria possível sem o apoio e dedicação de algumas pessoas e, a elas, dedico esta dissertação.

Á minha orientadora, Prof.^a Madalena Melo, sem o seu apoio, dedicação e paciência, nada disto seria possível. Obrigada por não ter desistido de mim e por me ter acompanhado neste longo (eu sei, bastante longo) processo. Como acreditou em mim, fez-me acreditar também, muito obrigada...

Ao Paulo Pelixo, por me ter ensinado que é possível a desconstrução dos preconceitos e que devemos celebrar as pequenas (grandes) vitórias quando essa desconstrução tem os seus frutos.

Á minha família, à minha mãe (que sofreu tanto como eu), ao meu pai e ao meu irmão que sempre me incentivaram a seguir os meus sonhos e a nunca desistir apesar das adversidades que possam surgir.

Aos meus avôs e às minhas avós que, apesar de não estarem presentes, sei que estariam extremamente orgulhosos/as...

Á minha segunda família, Ana Pólvora, Ana Morais, Edna Cruz, Bruno Ribeiro, Júlia Saraiva e Joana Alberto, por serem todos/as um pilar imprescindível na minha vida.

E, por fim, *à Marianita* pela paciência quando alguma coisa corria mal (e pelo mau humor que se seguia), pelo apoio e força quando estava desmotivada, fundamentalmente, obrigada por tudo e mais alguma coisa. Sem ti, nada disto fazia sentido...

Resumo: Preconceitos e Discriminação face a Minorias Sexuais

Apesar das mudanças sociais e legislativas em Portugal para uma maior inclusão das pessoas LGB (lésbicas, gays e bissexuais), a verdade é que as pessoas homossexuais ainda sofrem de discriminação, perpetuada por preconceitos acerca da homossexualidade. Este estudo tem como principal objetivo avaliar semelhanças/diferenças ao nível dos preconceitos direcionados a gays e a lésbicas. Neste sentido, foi utilizada uma amostra de 251 participantes e selecionou-se uma escala que avalia as atitudes face à homossexualidade: EMAFLG - Escala Multidimensional de Atitudes face a Lésbicas e a Gays (Gato, Fontaine & Carneiro, 2012). Esta escala foi reestruturada e adaptada, de forma a conter itens exclusivamente sobre a homossexualidade, de forma geral, tendo a nova versão sido denominada de QOOS (Questionário de Opiniões sobre a Orientação Sexual). Criaram-se ainda dois instrumentos que pudessem avaliar o preconceito face à homossexualidade masculina (Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Masculina) e feminina (Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Feminina).

Os principais resultados apontam para diferenças quanto aos preconceitos direcionados a gays e a lésbicas, não na sua tipologia, mas na sua distribuição. Existem ainda diferenças no grau de preconceito em função das variáveis sexo, idade, grau de escolaridade, posição política e religiosa e conhecimento e grau de proximidade com pessoas LGB.

Por fim, os resultados parecem apontar, de uma forma geral, para atitudes mais negativas para com a homossexualidade masculina.

Palavras-chave: Heterossexismo, Heteronormatividade, Homossexualidade Feminina, Homossexualidade Masculina, Preconceitos.

Abstract: Prejudice and Discrimination towards Sexual Minorities

Despite the social and legislative changes in Portugal for a greater inclusion of LGB (lesbians, gays and bissexuals) people, the truth is that gay people still suffer from discrimination perpetuated by prejudices about homosexuality. This study aims to evaluate the similarities/differences in prejudice towards gay men and lesbians. As such, we used a sample of 251 participants and selected an instrument that evaluates attitudes towards homosexuality: EMAFLG – Multidimensional Scale of attitudes towards Lesbians and Gay Men – (Gato, Fontaine & Carneiro, 2012). This scale was restructured and adapted so that it could contain items about homosexuality, in a general sense, therefore the new version was called QOOS (Questionnaire of Opinions about Sexual Orientation).

We created two instruments that could evaluate prejudices towards gay men (Questionnaire of Opinions about Gay Men) and Lesbians (Questionnaire of Opinions about Lesbians).

The main results pointed towards differences between prejudices against gay men and gay women, not in its typology but in its distribution. There were also differences in prejudice considering the variables sex, age, school degree, political and religious positions and knowledge/proximity towards LGB people.

Finally, the results suggested that attitudes are more negative towards gays than lesbians.

Keywords: Heterosexism; Heteronormativity; Lesbians; Gay Men; Prejudices;

Índice

Agradecimentos	I
Resumo: Preconceitos e Discriminação face a Minorias Sexuais	II
Abstract: Prejudice and Discrimination towards Sexual Minorities	III
Índice	IV
Índice de tabelas	VI
Índice de anexos	VII
Introdução	1
Parte I- Enquadramento Teórico	9
Capítulo I- Da homofobia a homonegatividade: evolução dos conceitos	9
1.1. Homofobia, heterossexismo e heteronormatividade	9
1.2. Preconceitos tradicionais e moderno/contemporâneos	12
Capítulo II – Discriminação face a orientações sexuais não normativas – Lésbicas e Gays	14
2.1. Representações sociais associadas ao género	14
2.2. Manifestações dos preconceitos: discriminação face a lésbicas e a gays	16
2.3. Influência dos preconceitos e discriminação nas vivências e construção identitária de lésbicas e gays	24
Parte II – Estudo Empírico	27
Capítulo I- Questões de Investigação	27
Capítulo II- Metodologia	27
2.1) Participantes	27
2.2) Instrumentos	30
2.2.1) Escala Multidimensional de Atitudes face a Lésbicas e a Gays (EMAFLG)/Questionário de Opiniões sobre a Orientação Sexual (QOOS)	31
2.2.2. Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Masculina e Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Feminina	33
2.3. Procedimentos	34
2.3.1. Procedimentos de recolha de dados	34
2.3.2. Procedimentos de análise de dados	35

Capítulo III- Apresentação e análise psicométrica dos instrumentos	37
3.1) Análise fatorial exploratória e consistência interna do EMAFLG/QOOS	37
3.2. Análise fatorial exploratória e consistência interna do QOH-Masculina.....	40
3.3. Análise fatorial exploratória e consistência interna do QOH-Feminina.....	43
3.4. Análise descritiva dos fatores do QOOS e dos QOH-Masculina e QOH-Feminina	45
3.4.1. Análise descritiva dos fatores do QOOS	45
3.4.2. Análise descritiva dos fatores do QOH-Masculina e QOH-Feminina.....	46
3.5. Relação entre fatores do QOOS e dos QOH-Masculina e QOH-Feminina.....	47
3.6. Análise inferencial dos resultados.....	50
3.6.1. Diferenças de médias entre os fatores dos QOH-Masculina e QOH-Feminina ...	50
3.6.2. Diferenças de médias em função do sexo	51
3.6.3. Relação entre a idade e os fatores dos QOOS, QOH-Masculina e QOH-Feminina	52
3.6.4. Diferenças de médias em função do grau de escolaridade	54
3.6.5. Diferenças de médias em função da posição religiosa.....	56
3.6.6) Diferenças de médias em função da posição política	58
3.6.7. Diferenças de médias em função do conhecimento e grau de proximidade com pessoas LGB.....	60
Discussão dos resultados.....	64
Conclusões.....	71
Limitações	73
Sugestões para estudos futuros	74
Implicações para a intervenção/prática.....	75
Referências bibliográficas.....	75
ANEXOS	86

Índice de tabelas

<i>Tabela 1. Distribuição dos/as participantes por grupos de faixas etárias</i>	28
<i>Tabela 2. Distribuição dos/as participantes de acordo com a ocupação</i>	29
<i>Tabela 3. Distribuição dos/as participantes de acordo com o conhecimento de pessoas LGB</i>	29
<i>Tabela 4. Distribuição dos/as participantes de acordo com a posição religiosa agrupada</i>	30
<i>Tabela 5. Distribuição dos/as participantes de acordo com a posição política agrupada</i>	30
<i>Tabela 6. Estrutura Fatorial do Questionário de opiniões sobre a orientação sexual</i>	38
<i>Tabela 7. Estrutura Fatorial do Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Masculina</i>	42
<i>Tabela 8. Estrutura Fatorial do Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Feminina</i>	44
<i>Tabela 9. Médias e desvios-padrão dos fatores do QOOS</i>	46
<i>Tabela 10. Médias e desvios padrão, dos fatores dos QOH-Masculina e QOH-Feminina</i>	46
<i>Tabela 11. Coeficiente de Correlação de Pearson (r) entre fatores do Questionário de Opiniões sobre a Orientação Sexual, do QOH-Masculina e QOH-Feminina</i>	49
<i>Tabela 12. Comparação de médias entre os diferentes fatores dos QOH-Masculina e QOH-Feminina (Paired samples t-test)</i>	51
<i>Tabela 13. Comparação de médias entre o sexo dos/as participantes e os fatores do QOOS (teste t)</i>	51
<i>Tabela 14. Comparação de médias entre o sexo dos/as participantes e os fatores dos QOH-Masculina e QOH-Feminina</i>	52
<i>Tabela 15. Coeficiente de Correlação de Pearson (r) entre a idade e os fatores do QOOS, do QOH-Masculina e QOH-Feminina</i>	53
<i>Tabela 16. Comparação de médias e entre o grau de escolaridade dos/as participantes e os fatores do QOOS (ANOVA oneway)</i>	55
<i>Tabela 17. Comparação de médias entre os fatores dos QOH-Masculina e QOH-Feminina e o grau de escolaridade dos/as participantes (ANOVA oneway)</i>	56
<i>Tabela 18. Comparação de médias entre a posição religiosa e os fatores do QOOS (ANOVA oneway)</i>	57
<i>Tabela 19. Comparação de médias e desvios padrão entre os fatores dos QOH-Masculina e QOH-Feminina e a posição religiosa (ANOVA oneway)</i>	58
<i>Tabela 20. Comparação de médias entre a posição política e os fatores do QOOS (ANOVA oneway)</i>	59
<i>Tabela 21. Comparação de médias entre os fatores dos QOH-Masculina e QOH-Feminina e a posição política (ANOVA oneway)</i>	60
<i>Tabela 22. Comparação de médias entre os fatores da QOOS e os/as participantes que conhecem pessoas LGB (teste t)</i>	61
<i>Tabela 23. Comparação de médias entre participantes que (não) conhecem pessoas LGB e os fatores dos QOH-Masculina e QOH-Feminina (Teste t)</i>	62
<i>Tabela 24. Comparação de médias e desvios padrão entre os fatores do QOOS e o grau de proximidade dos/as participantes com pessoas LGB (ANOVA oneway)</i>	62
<i>Tabela 25. Comparação de médias entre os fatores dos QOH-Masculina e QOH-Feminina e o grau de proximidade dos/as participantes com pessoas LGB (ANOVA oneway)</i>	64

Índice de anexos

Anexo I - Pedido de autorização para a adaptação/reestruturação da EMAFLG

Anexo II - Questionário Sociodemográfico; Questionário de Opiniões sobre a Orientação Sexual; Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Masculina; Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Feminina

Anexo III - Pedido de colaboração

Anexo IV- Comparação de médias entre os fatores do QOOS; QOH-Masculina e QOH-Feminina e o sexo das pessoas LGB que os/as participantes conhecem

Introdução

Ao longo da história da humanidade vários foram os registos que indicam que a homossexualidade esteve presente nas várias sociedades, apesar das normas e valores de cada uma delas influenciarem as vivências das pessoas homossexuais.

Em algumas dessas sociedades os relacionamentos sexuais tinham uma forte ligação com a posição política sendo reflexo da hierarquia social vigente que pressuponha um/a que domina/a e outro/a que se deixa dominar (Halperin, 2002) sendo o papel de passivo/a representado pelas pessoas excluídas da atividade política onde se incluía as mulheres, os/as jovens e os/as escravos (Moita, 2001). A homossexualidade masculina era permitida, mas com algumas condicionantes que a restringia a normas específicas, enquanto a homossexualidade feminina para além de não ser permitida, era tomada como não existente e sem propósitos benéficos para as sociedades.

O advento e difusão do Cristianismo levou à valorização crescente da heterossexualidade e, acima de tudo, à valorização das relações sexuais tendo como finalidade a procriação (Herek, Chopp & Strohl, 2007). Todos os comportamentos sexuais que não tivessem como finalidade a procriação, eram considerados contra - natura ou pecados contra a natureza (Herek *et al.*, 2007).

A religião cristã teve um papel fundamental na categorização da homossexualidade e dos comportamentos homossexuais como anti-naturais e condenáveis sendo responsável pela perseguição de milhares de pessoas ao longo dos séculos para assegurar e vincar a conformidade sexual e a sexualidade desejada: heterossexualidade com intuito de reprodução.

Atualmente, a doutrina cristã faz uma distinção entre atos homossexuais e pessoas com orientação sexual homossexual (Herek *et al.*, 2007). Embora a homossexualidade não seja considerada um pecado, agir de acordo com esses sentimentos ou manter um relacionamento com uma pessoa do mesmo sexo, é considerado pecado (Herek *et al.*, 2007). Assim, a conversão é encorajada e os homossexuais devem tentar tornar-se heterossexuais ou então devem permanecer celibatários/as para que possam ser recebidos pela igreja (Herek *et al.*, 2007). Estes esforços para combater as orientações sexuais não heterossexuais, enfatizam os valores presentes nesta instituição em que o amor, os relacionamentos e as famílias são restritas ao universo heterossexual (Fernandes, 2011).

No início do século XIX as teorias acerca das causas da homossexualidade foram condicionadas pelas configurações políticas e culturais da época nomeadamente pela

valorização da sexualidade como finalidade da reprodução, tendo como modelo os papéis sociais rígidos atribuídos, distintamente, ao homem e à mulher, assistindo-se à biologização das “diferenças sexuais” (Weeks, 2000). Assiste-se, assim, à criação de um modelo hegemónico da sexualidade, que toma como norma as relações entre pessoas do sexo oposto, ostracizando e designando como perversas, todos os comportamentos sexuais que nesta norma não se enquadrem (Marcus, 2002).

As questões da sexualidade neste século tornam-se assim objeto de preocupação, e a preservação cultural começa a ser considerada como um triunfo evolutivo em que práticas consideradas promíscuas eram consideradas como etapas retrógradas de antigas civilizações, não justificáveis nas sociedades civilizadas estando a homossexualidade incluída nesses comportamentos considerados primitivos (Herdt, 1993).

Considerada a homossexualidade um comportamento anormal e primitivo não correspondente às sociedades civilizadas, torna-se então uma ameaça e esta ameaça teria de ser devidamente identificada. Desta forma, criam-se características específicas para a identificação das pessoas homossexuais, características físicas, psicológicas e morais distintas (Moita, 2001).

Considerando a homossexualidade uma perversão, possível de ser modificada, as teorias para a explicar começam a assumir um carácter essencialista resultando numa ligação entre o fisiológico e as orientações sexuais não normativas (Moita, 2001). Esta designação irá atribuir às pessoas homossexuais a categorização de “anormal”, resultando numa dupla medida de controlo social a uma considerada ameaça para a sociedade: por um lado criam-se classificações biomédicas específicas para a identificação física do/a homossexual e, por outro lado, difunde-se estes critérios de forma a que a sociedade auxilie na identificação destas pessoas, resultando numa perseguição não só a pessoas homossexuais mas também às que “aparentam” ser (Carneiro, 2009).

Na área da Psicologia, os primeiros trabalhos sobre a sexualidade (e os seus considerados desvios), tomavam uma abordagem essencialista (inspirados pelos estudos da medicina), adotando um modelo biomédico (Oliveira, 2010).

A sexualidade, de acordo com este modelo, define o/a sujeito/a e a este/a cabe tomar uma decisão relativamente a ela, ou seja, cabe à pessoa (Oliveira, 2010) “reprimir, descobrir, negar ou assumir” a sua identidade sexual (Clarke, Ellis, Peel & Riggs, 2010). A génese deste modelo está associada aos primeiros trabalhos sobre a sexualidade e as diferentes sexualidades o que implica, como evidenciámos anteriormente, uma ligação direta com a

patologização ou com a atribuição de “defeitos biológicos” para explicar as causas das mesmas (Oliveira, 2010). Porém, é na Psicanálise que surgem as contribuições mais marcantes quando nos referimos às sexualidades não normativas, nomeadamente, com os trabalhos de Freud em 1905 quando publica os “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” (Foucault, 1994). Segundo este autor os objetos considerados normais seriam aqueles que permitiam a reprodução enquanto os restantes seriam considerados desviantes do objeto sexual e esses desviantes seriam as crianças, os animais e os/as homossexuais (Moita, 2001).

Os psicanalistas começam a argumentar que a homossexualidade é um desvio patológico da heterossexualidade resultante do estabelecimento de relações patológicas com os respetivos familiares (Herek *et al.*, 2007). Por sua vez, essas relações patológicas faziam com que a criança desenvolvesse respostas de natureza fóbica relativamente ao/a progenitor/a do sexo oposto (Herek *et al.*, 2007). Considerava-se assim, que a pessoa que desenvolvesse esta tipologia relacional encontrava-se num estágio de desenvolvimento psicosssexual inferior (Carneiro, 2009; Oliveira, 2010), portanto, as estratégias de intervenção deste modelo visavam modificar a estrutura e o funcionamento psicológico destas pessoas no sentido de ultrapassarem o desejo “homossexual” para um estágio mais avançado, estipulado como “heterossexual” (Carneiro, 2009).

Outra vertente da Psicologia responsável pela patologização da homossexualidade foi o comportamentalismo que considerava que a homossexualidade resultava de processos mal adaptativos ao contexto (Carneiro, 2009). Davison e Wilson (1973) argumentavam que a homossexualidade resultava de “uma má aprendizagem dos afetos e da sexualidade” e Nurius (1983) acrescenta ainda que a homossexualidade é um “hábito que reflete a impossibilidade de alcance de prazer nas relações heterossexuais”. Tanto o modelo psicodinâmico como o comportamentalista acordavam que a homossexualidade era uma patologia embora as razões que a explicassem diferissem bastante entre estas duas correntes (Oliveira, 2010). Em suma, os psicanalistas argumentavam que a homossexualidade podia ser explicada através da análise das experiências precoces e das relações familiares enquanto os modelos comportamentalistas argumentavam que os comportamentos homossexuais advinham na repetição de experiências prazerosas (Oliveira, 2010).

Neste sentido, nos anos 30, as primeiras abordagens terapêuticas assentavam no modelo da aprendizagem comportamental e tinham como objetivo a redução do prazer obtido através do homoerotismo e/ou aumento do prazer heteroerótico (Moita, 2001; Oliveira, 2010).

Procedeu-se assim a várias formas de psicoterapia com o objetivo principal de alterar a orientação sexual dos/as que se identificavam como homossexuais e iniciou-se o período das terapias de conversão que associavam a um estímulo homoerótico uma punição (Oliveira, 2010). Essas terapias de conversão utilizavam como recurso choques elétricos ou drogas que provocavam náuseas quando expunham o estímulo aos/às indivíduos/as (American Psychological Association - APA, 2009) embora também se utilizasse a hipnose, lobotomias e a castração (Herek *et al.*, 2007). Tendo em conta a radicalidade dos métodos utilizados, é de referir que estas terapias não surtiam efeito ao nível da mudança dos comportamentos sexuais, para além de terem consequências nefastas para as pessoas sujeitas a elas (Oliveira, 2010).

Em 1950 a homossexualidade passa a integrar a primeira edição do DSM (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*) na categoria de distúrbios da personalidade sociopática, descrita como um mal-estar psicológico causado pelo sentido de “não-conformidade com as normas do meio sociocultural em que a pessoa está integrada” (Correia, 2014) facilitando um incremento das terapias de conversão (Oliveira, 2010). Esta classificação patologizante teve repercussões ao nível dos preconceitos, acentuando-os e enraizando-os na sociedade, ao mesmo tempo que fornece uma justificação para negar às pessoas homossexuais os direitos que deveriam ser comuns a todos os seres humanos, inferiorizando-os/as em comparação com as pessoas heterossexuais (Herek *et al.*, 2007).

Em 1968 o primeiro DSM é revisto, passando a incluir a homossexualidade na categoria de “outras perturbações mentais não-psicóticas”, ao lado de classificações como o “fetichismo, pedofilia, travestismo, exibicionismo, voyeurismo, sadismo e masoquismo” (Correia, 2014). Esta categorização originou grandes contestações sociais por parte dos movimentos *gays* e *lésbicos* e, contando com o apoio dos movimentos feministas e de vários profissionais da saúde mental (Oliveira, 2010), a questão da homossexualidade passou a ser discutida noutra perspetiva tendo em conta aspetos como os sentimentos e vivências de quem é homossexual (Correia, 2014).

Apenas em 1973 é que o diagnóstico foi removido da lista de transtornos mentais da Associação Americana de Psiquiatria (Oliveira, 2010) e em 1975 a Associação Americana de Psicologia decidiu aclamar esta proposta, apelando aos/às psicólogos/as a recusa na consideração de pessoas *lésbicas*, *gay* e *bissexuais* como doentes mentais (Oliveira, 2010). Finalmente, em 1986 a homossexualidade é removida do DSM (Rita, 2012), embora, a

Organização Mundial de Saúde só tenha reconhecido a homossexualidade como uma orientação sexual e não uma doença em 1992 (Moita, 2001).

A partir desta altura, os estudos relacionados com a homossexualidade deixam de ter como base o patológico e as suas causas para passar a ser um estudo centrado nas características psicossociais e preocupações de lésbicas e gays, centrando-se também no estudo das atitudes sociais para com as pessoas LGBT (Nogueira & Oliveira, 2010). Atualmente, considera-se que a homossexualidade é uma variante normal da expressão sexual humana e este conhecimento exerceu um papel fundamental para a alteração de atitudes e comportamentos sociais, assumindo-se como pilar para reverter muitas políticas e leis anti - gay enraizadas na sociedade do século XXI (Herek *et al.*, 2007).

Em Portugal, existiu uma forte condenação da diversidade sexual, influenciada pelas correntes científicas do século XIX e XX, pelo regime ditatorial do Estado Novo e pela forte influência judaico cristã que serviram de auxílio para a manutenção de condições ideológicas para a condenação da homossexualidade (Carneiro, 2009).

Durante o século XIX e XX as teorias acerca das causas e natureza da homossexualidade que assolaram a Europa, fizeram-se sentir também em Portugal. Vários foram os trabalhos desenvolvidos sobre as inversões e perversões sexuais e em todos estes trabalhos realça-se a existência dos comportamentos homossexuais ao longo tempo (Moita, 2001).

Legalmente, os comportamentos homossexuais eram punidos e a severidade dessa punição atingiu o seu auge durante o Estado Novo e só com o término deste regime é que começaram a surgir os primeiros movimentos ao nível da promoção de igualdade de direitos destas minorias sexuais (Brandão, 2008). Apesar da ditadura ter assistido ao seu fim em 1974, só em 1982 é que se retirou do Código Penal a punição da homossexualidade entre adultos (Oliveira & Nogueira, 2010).

Apenas em 1982 são feitas alterações jurídicas do código penal português para descriminalizar a homossexualidade (Fernandes & Ramos, 2013), até então mencionada como “prática de vícios contra a natureza” e penalizada com medidas de segurança de entre as quais constavam o internamento, a liberdade vigiada e a interdição do exercício da profissão (Bastos, 1997 *cit in* Carneiro, 2009).

São as modificações sócio históricas permitidas sobretudo pela revolução de 1974, bem como a adesão à União Europeia em 1986, que permitem uma reconfiguração de

atitudes, de práticas culturais e das deliberações jurídico-legais face à homossexualidade (Carneiro, 2009).

Em 1996, Portugal assiste à primeira organização não-governamental especificamente vocacionada para a defesa dos direitos homossexuais – A ILGA Portugal, sendo detentora de um espaço de Centro Comunitário Gay e Lésbico (Carneiro, 2009). Nos anos subsequentes ao da criação da ILGA-Portugal, outras associações e organizações de defesa dos direitos LGBT vão proliferar em Portugal (e.g. Rede ex aequo; Clube Safo...) tendo como objetivos trabalhar vários aspetos relacionados com inúmeras situações de discriminação das minorias sexuais e prestando serviços a diferentes públicos-alvo (e.g. mulheres ou jovens). Estas associações foram desenvolvendo esforços de atuação baseados num princípio comum, apoiado na resistência a posições hegemónicas incapazes de responderem às necessidades das várias orientações sexuais (Carneiro, 2009).

As primeiras ações desenvolvidas pelas associações LGBT foram sobretudo direcionadas para regulamentações institucionais discriminatórias: refiram-se as regulamentações do ingresso na carreira militar, que considerou a “homossexualidade e outras perversões sexuais” como inaptidão para o cumprimento de carreira ou os critérios de admissão de guardas prisionais, tendo a Direção Geral dos Serviços Prisionais integrado a homossexualidade num capítulo classificativo de doenças psicopáticas (Carneiro, 2009). Em 1999 o Instituto Português de Sangue excluía explicitamente os/as homossexuais do seu regulamento para a doação voluntária de sangue, deliberação nessa altura justificada pelo seu presidente com a alegação de que os/as homossexuais eram sexualmente mais promíscuos/as do que os/as heterossexuais (Carneiro, 2009).

A maior parte destas regulamentações, de facto, sofreu alterações devido aos protestos associativos; no entanto, é importante referir que ainda são alvo de preocupação do movimento LGBT já que as queixas relativas a situações de discriminação continuam a ser presentes em contextos como o militar, policial ou o das instituições de saúde onde, muitas vezes, os/as dadores/as de sangue são questionados/as sobre a sua orientação sexual¹ (Carneiro, 2009). Em paralelo com as regulamentações institucionais, foram sendo reivindicados pelo movimento LGBT aspetos da Constituição com carácter discriminatório em relação à não heterossexualidade, nomeadamente, a reformulação do artigo 13º da

¹ Atualmente esta questão ainda está a ser debatida. O Ministério da Saúde, está a realizar um estudo aos riscos associados à dádiva de sangue por pessoas homossexuais e bissexuais, de forma a verificar se existe alguma correlação com um aumento de probabilidade de haver sangue contaminado por vírus sexualmente transmissíveis (Horta, 2018).

Constituição Portuguesa (Princípio Fundamental da Igualdade) (Carneiro, 2009). Esta reformulação era pedida na medida em que este artigo, desde a revisão constitucional de 1982, nunca menciona especificamente a orientação sexual como critério proibitivo de discriminação (Carneiro, 2009). Em finais de 2004, a Assembleia da República aprovou a reformulação deste artigo que atualmente estabelece que “Ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual” (Constituição da República Portuguesa, 2005).

Em 2001 alargou-se os direitos sociais de cidadania a casais homossexuais vivendo em união de facto há mais de dois anos, incluindo-se a proteção da casa de morada de família ou aplicação do regime do imposto de pessoas singulares nas mesmas condições dos/as sujeitos/as casados/as (Carneiro, 2009). Do ponto de vista instrumental gays e lésbicas puderam pela primeira vez encontrar uma reconhecida oportunidade para a sua representação política, para figurarem no espaço público como deles/as sendo efetivamente integrantes e, o valor intrínseco destas ações reside no reconhecimento formal de igualdade de direitos e deveres entre homossexuais e heterossexuais que esta lei permitiu (Carneiro, 2009).

Nos últimos anos têm-se assistido a um alargamento dos direitos das pessoas homossexuais por toda a Europa e, Portugal, não ficou indiferente. Atualmente o casamento e adoção de crianças por parte de casais homossexuais são uma realidade em Portugal mas estes avanços não são sinónimo de não-discriminação da homossexualidade já que vários são os casos de discriminação e violência relatados por lésbicas, gays, bissexuais e transgénero, atualmente (ILGA, 2018)

Tendo em conta os casos de discriminação face a pessoas LGBT, muitas vezes impulsionados por preconceitos acerca das orientações sexuais não normativas, quisemos analisar possíveis diferenças relativamente ao preconceito direcionado à homossexualidade, mais especificamente, homossexualidade masculina e feminina respetivamente.

Neste sentido, o presente estudo tem como objetivo principal perceber as semelhanças/diferenças entre os preconceitos direcionados, especificamente e distintamente, a gays e a lésbicas.

A primeira parte deste estudo destina-se ao enquadramento teórico e está dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo, será apresentado a evolução dos conceitos ao nível da

discriminação face à homossexualidade – como da homofobia passámos a falar de homonegatividade. Nesse sentido, serão explorados os conceitos de Heterossexismo, Heteronormatividade e Preconceitos Tradicionais e Moderno/Contemporâneos.

O segundo capítulo destina-se à análise da manifestação de preconceitos face a gays e a lésbicas, mais especificamente, as representações associadas ao género; de que forma os preconceitos podem perpetuar atos discriminatórios; contextos discriminatórios e de que forma os preconceitos afetam as vivências e a construção identitária de lésbicas e gays.

A segunda parte destina-se ao estudo empírico e está dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo diz respeito às questões de investigação colocadas, tendo em conta os objetivos principais. No segundo capítulo é descrito o plano metodológico, nomeadamente, a caracterização dos/as participantes, dos instrumentos utilizados e os procedimentos de recolha e análise de dados. O terceiro capítulo inclui a apresentação e análise de resultados obtidos e, por último, o quarto capítulo diz respeito à discussão dos resultados, conclusões gerais, limitações, propostas para estudos posteriores e implicações para a prática em psicologia.

Parte I- Enquadramento Teórico

Capítulo I- Da homofobia a homonegatividade: evolução dos conceitos

1.1. Homofobia, heterossexismo e heteronormatividade

Em 1971 o termo homofobia foi utilizado pela primeira vez por Kenneth Smith mas, normalmente, o termo é atribuído ao psicólogo George Weinberg (1972) (Moita, 2001; Oliveira, 2010). Weinberg (1972) definia a homofobia como sendo um medo irracional ou receio de estar nos mesmos locais que homossexuais, principalmente se esses locais estivessem fechados (Oliveira, 2010). Esse medo e/ou evitamento irracional poderia ser suscitado pela presença real e/ou imaginada de homossexuais e esta questão da presença real e/ou imaginada é de se realçar pois a homofobia revela um conjunto de atitudes, valores e práticas hostis dirigidas não só a pessoas que revelam uma sexualidade não - normativa, mas também a pessoas que são percecionadas como não heterossexuais (independentemente de o serem ou não) (Carneiro, 2009). A criação e utilização deste termo foi bastante importante pois retirou o foco na consideração da homossexualidade como um problema, colocando a problemática nas pessoas que discriminam e rejeitam a homossexualidade (Herek, 2009).

No entanto, o termo homofobia tem sido bastante criticado na comunidade científica e várias são as diferentes terminologias que vão surgindo para substituir esta definição (Moita, 2001) Estas críticas apoiam-se em dois fundamentos bastante específicos, por um lado, os dados empíricos acerca das atitudes negativas contra os/as homossexuais, em nada indicam que têm uma raiz de cariz fóbico (Logan, 1996) isto é, as pessoas que se manifestam de forma negativa contra as pessoas homossexuais, não têm reações fisiológicas associadas a outras fobias, o que quer dizer que as pessoas consideradas homofóbicas não expressam/experienciam, de facto, uma fobia (Logan, 1996). Por outro lado, o termo homofobia remete para uma entidade clínica individual (Kitzinger, 1987) quando na verdade os preconceitos direccionados às pessoas homossexuais estão enraizados nas normas sociais e culturais e nas relações intergrupos (Ritter & Terndrup, 2002).

Ao aceitarmos o termo homofobia, estamos a desresponsabilizar as pessoas que rejeitam a homossexualidade e os atos hostis muitas vezes perpetuados por essa rejeição, já que sendo uma fobia essas pessoas têm um medo incontável dos/as homossexuais (Carneiro, 2009). Não sendo uma fobia, a rejeição e estigmatização da homossexualidade tem como base uma série de preconceitos estereotipados do que é ser/ter uma orientação sexual não normativa (Fernandes, 2011).

Assim, podemos considerar que a homofobia pode ser vista como um preconceito socialmente construído, perpetuado a partir das estruturas sociais de uma sociedade assente em normas sobre papéis de género, sexualidade e as relações interpessoais entre membros da mesma sociedade e de sexos opostos (Pimenta, 2013). Portanto, a homofobia não é uma característica universal do comportamento humano, mas sim uma variação quanto à sua forma inicial, pois está associada a questões de natureza pessoal, cultural e social (Pimenta, 2013).

Dado que os preconceitos direcionados à homossexualidade não têm um cariz fóbico, começou-se a utilizar o termo heterossexismo em detrimento do termo homofobia.

O heterossexismo é um termo que retira a desresponsabilização que a homofobia oferece, permitindo uma análise mais a nível da discriminação de pessoas homossexuais (Oliveira & Nogueira, 2010). O heterossexismo surge como um sistema ideológico que “nega, denigre e estigmatiza qualquer forma não heterossexual de comportamento, identidade, relação ou comunidade” (Herek 1990). Por consequência, reforça o estigma sexual já que partilha da crença de que a homossexualidade é um construto inferior à heterossexualidade, sendo por isso denegrada, desacreditada e considerada inválida (Herek *et al.*, 2007).

Este sistema ideológico em muito contribui para a invisibilidade da homossexualidade pois não a considera tão válida como a heterossexualidade (Smith & Ingram, 2004). O resultado dessa invalidez, principalmente quando perpetuada por algumas instituições, faz com que o acesso a certos benefícios que os/as heterossexuais têm, não se estendam às pessoas com orientações sexuais não normativas (Herek *et al.*, 2007; Smith & Ingram 2004). Quando essa invisibilidade é confrontada, o heterossexismo viabiliza a manifestação tradicional ou subtil de preconceitos (Gato, Fontaine & Carneiro, 2012) manifesta em atos discriminatórios ou tentativas de ataques à integridade física e/ou psicológica de pessoas com (ou perceção de) orientações sexuais não-normativas (Herek, *et al.*, 2007).

Segundo Herek (1990) o heterossexismo envolve duas grandes componentes, que define como classes ideológicas. Em primeiro lugar este sistema obriga, de certa forma, a que todos os comportamentos não heterossexuais sejam restritos e mais privados, isto é, que não sejam visíveis e, em segundo lugar, esta ideologia comporta a rigidez de papéis de género em função do sexo biológico de cada um/a (Herek, 1990).

A primeira classe ideológica, referente à invisibilidade da homossexualidade, resulta numa lógica de desigualdade entre a homossexualidade e a heterossexualidade, pois enquanto a primeira não é reconhecida e aceite, a segunda é legitimizada e tomada como norma (Herek, 1990). A segunda classe ideológica referida por este autor prende-se com as

representações de gênero correspondentes a cada pessoa, de acordo com o seu sexo biológico (Herek, 1990). Essas representações envolvem não só formas de se comportar, de vestir, de agir como também o “ideal” em termos de relações amorosas – homem e mulher (Herek, 1990). Dada a rigidez destas representações, esta segunda classe acaba por suportar comportamentos discriminatórios contra as pessoas LGBT pois estas são vistas como transgressoras das normas (Herek, 1990).

É importante referir que esta ideologia deve, também, a sua institucionalização à desigualdade entre homens e mulheres (Carneiro, 2009). A esta institucionalização Rich (1980) apelidou de “heterossexualidade compulsória” que estabelece que homens e mulheres são mutuamente atraídos entre si com base num impulso, assentando assim a heterossexualidade como regra universal. Este autor refere ainda que as estratégias sócio - culturais e políticas para enclausurar as mulheres no território (sexual) masculino, apelam para a imposição da heterossexualidade como meio de sobrevalorizar o direito masculino e heterossexual de acesso às esferas social e cultural (Carneiro, 2009).

Posto isto, entende-se o porquê das lutas das mulheres e dos/as homossexuais contra a opressão terem raízes semelhantes: se sob este regime heterossexual compulsório os homens controlam as vidas das mulheres (a sua sexualidade, atividades, o trabalho ou o acesso ao domínio do conhecimento), então tanto os homens como as mulheres que não cumprem os padrões que lhes são atribuídos serão excluídos (Carneiro, 2009). As mulheres que escapam a este padrão serão duplamente discriminadas se forem lésbicas e os homens serão também discriminados pois não alcançaram a “superior” expressão e o “superior” estatuto de cidadania que a heterossexualidade oferece (Carneiro, 2009).

Através do heterossexismo, formas de expressão e vivências que não se enquadrem neste sistema ideológico acabam por ser desvalorizadas (Herek *et al.*, 2007). Dentro destas expressões e vivências recriminadas, destacam-se atitudes, comportamentos, construções sociais associadas ao gênero e estereótipos que acabam por traduzir-se em comportamentos discriminatórios contra as pessoas homossexuais ou percecionadas como homossexuais (Fernandes, 2011). Agregado a este conceito, destaca-se a heteronormatividade que, em certa parte, ajuda na institucionalização do heterossexismo, isto é, constitui-se como um sistema que coloca a heterossexualidade como única expressão natural e normal de sexualidade, onde os padrões da heterossexualidade são os dominantes, tornando-a, automaticamente, a norma vigente e descurando e “rejeitando” quaisquer expressões sexuais que não se enquadrem nesta categoria (Pereira & Souza, 2012).

Se a heterossexualidade continuar a ser vista como a expressão única, natural e aceitável da sexualidade humana e até mesmo como superior, isto vai legitimar e reforçar comportamentos discriminatórios e, atualmente, tanto o heterossexismo como a homofobia são termos que na sua concepção, remetem para formas de preconceito (Rita, 2012) ao mesmo tempo que exercem, ainda, um papel ativo na nossa sociedade (Gato *et al.*, 2012).

1.2. Preconceitos tradicionais e moderno/contemporâneos

A noção terminológica de preconceito nasce através dos trabalhos desenvolvidos por Gordon Allport em 1954 (Gato *et al.*, 2012; Herek, 2009; Monteiro, 2013). Segundo o autor, os preconceitos eram expressos através de ações negativas e contínuas que abrangiam comportamentos desde observações negativas (que designou de antilocução), evitação, discriminação, ataques físicos, culminando no extermínio de uma determinada pessoa ou grupo (Herek, 2009).

Com algumas mudanças desde a sua definição inicial, os preconceitos podem assumir várias formas, desde atitudes, crenças sociais e emoções negativas a comportamentos discriminatórios pela pertença de pessoas a um determinado grupo (Aboud, 2005). Os preconceitos muitas vezes estão associados a estereótipos, que resultam na extrapolação de características específicas de certas pessoas, generalizando-as a todas as pessoas pertencentes ao mesmo grupo (Garcia-Marques, 1999) e desempenham um papel fundamental na manutenção dos preconceitos já que veiculam informações que vão servir na aceitação/exclusão de pessoas, tornando mais simples o processo e tratamento de informação (Judd & Park, 2005).

A sua (não) manifestação, pode diferir de acordo com as atitudes/crenças de cada pessoa (Herek, 2009) mas não são preditores exatos de discriminação, isto é, os comportamentos negativos direcionados a uma determinada minoria sexual são motivados por preconceitos, mas nem sempre as atitudes/crenças negativas influenciam a expressão de comportamentos negativos direcionados a um determinado grupo (Herek, 2009) e mesmo pessoas consideradas pouco ou nada preconceituosas, podem exibir comportamentos ou juízos enviesados baseados em estereótipos culturais (Marques, 1999).

Uma característica essencial na compreensão dos preconceitos, reside na identificação correta da categoria que gera negatividade (Bodenhausen & Richson, 2010), por exemplo, as pessoas podem não ser preconceituosas relativamente às mulheres, de uma

forma geral, mas podem ser preconceituosas quando as mulheres desempenham papéis sociais tradicionalmente associados ao sexo masculino (Eagly & Diekmann, 2005).

Alguns investigadores/as interessados/as nos estudos dos preconceitos, nomeadamente o preconceito racial flagrante (percepção do exogrupo como ameaça e rejeição de intimidade com o exogrupo) e racial subtil (defesa dos valores tradicionais/percepção de que o exogrupo não adere aos seus valores, acentuação das diferenças culturais, negação de emoções positivas em relação ao exogrupo) (Monteiro, 2013) tentaram transpor e aplicar esta teoria para os preconceitos contra lésbicas e *gays* (Gato *et al.*, 2012).

Aplicando este modelo aos preconceitos direcionados às pessoas LGBT, estes/as investigadores/as identificaram como indicador de preconceito flagrante a rejeição da proximidade e, como indicador de formas de preconceito mais subtils, a negação de emoções positivas ou expressão de emoções (Gato *et al.*, 2012).

As manifestações modernas de preconceito face a pessoas homossexuais têm especificidades que as distinguem das formas contemporâneas do preconceito racial/étnico ou do sexismo (Massey, 2009). As pessoas LGBT não estão tão protegidas pela norma social que impeça a expressão de formas mais hostis de preconceitos como outros grupos aos quais é atribuído um estatuto inferior (Pereira, Monteiro & Camino 2009). Por outras palavras, o preconceito contra as pessoas homossexuais é socialmente mais aceite do que o preconceito étnico ou o sexismo (Gato *et al.*, 2012).

Morrison e Morrison (2002) propuseram o conceito de homonegatividade moderna que explica algumas expressões de preconceitos relativas à homossexualidade, nomeadamente, as crenças de que as lésbicas e os *gays* exigem mudanças sociais desnecessárias pois o preconceito e a discriminação são fenómenos do passado e que a população LGB coloca demasiada ênfase na sua sexualidade e, ao fazê-lo, tornam-se responsáveis pela sua marginalização.

Os preconceitos direcionados as pessoas LG podem então assumir duas grandes expressões: por um lado uma expressão mais tradicional de preconceito e, por outro lado, manifestações mais contemporâneas (Gato *et al.*, 2012). Ao nível das expressões mais tradicionais será importante colocar em ênfase dois tipos de atitudes: por um lado a condenação moral e a patologização da homossexualidade; por outro lado o preconceito tradicional clássico, isto é, a rejeição/evitamento da interação com lésbicas e *gays* em diversos contextos e papéis sociais, acrescentando o manifesto de emoções negativas relativamente às pessoas LG (Marinho, Marques, Almeida, Menezes & Guerra, 2004; Pereira

et al., 2009). Estas manifestações de preconceito devem-se, em grande parte, ao desconforto com a crescente visibilidade que, ao mesmo tempo, é percebida como uma ameaça aos valores e instituições tradicionalmente associados à heterossexualidade (e.g. casamento e a parentalidade) (Gato *et al.*, 2012). Assim, não serão as identidades, mas as manifestações explícitas destas identidades que motivam o tratamento aversivo, principalmente, quando questionam a normatividade da heterossexualidade (Gato *et al.*, 2012).

Capítulo II – Discriminação face a orientações sexuais não normativas – Lésbicas e Gays

2.1. Representações sociais associadas ao género

A cultura é um veículo condutor da atividade humana, que determina através de uma série de valores e normas, os comportamentos e as vivências de todos/as que nela se enquadram (Pereira & Souza, 2012). São os princípios de cada cultura que definem e estruturam o que é aceitável e o que não é e desde que nascemos que esses princípios nos são ensinados (Pereira & Souza, 2012).

Na nossa sociedade, existem ainda fortes laços acerca do que são os comportamentos mais adequados para cada pessoa mediante o seu sexo biológico e estas expectativas relativamente aos comportamentos, alastra-se do campo social para os campos afetivos e sexuais (Almeida & Carvalheira, 2007). Estas normas que relacionam e unificam o sexo biológico ao género, enquadra-se no sistema ideológico do heterossexismo e acaba por discriminar todos os comportamentos ou identidades que não se enquadrem nesta imposição (Almeida & Carvalheira, 2007).

Mas a verdade é que a identidade sexual de cada pessoa não é definida pelo sexo biológico com que nasce, na verdade, engloba três grandes dimensões para a sua construção: a identidade de género, os papéis sexuais e a orientação sexual (Almeida & Carvalheira, 2007) dos quais as pessoas LGBT são tomadas como transgressoras.

Desde crianças, é-nos transmitido não só os comportamentos que são “mais adequados” para os rapazes e para as raparigas mas também o que é o “ideal” em termos relacionais (tendo como norma a heterossexualidade), colocando-se desde muito cedo as pessoas em “caixas” e criando-se uma série de condicionamentos à expressão individual de cada um/a. Esta imposição é facilmente visível se pensarmos que desde crianças que atribuímos, por exemplo, cores distintas de acordo com o sexo biológico (as meninas com cor-de-rosa e os

meninos de azul), os próprios brinquedos são direcionados para a estereotipização dos sexos biológicos (e.g. pista de carros para os meninos, utensílios de cozinha e nenucos para as meninas) (Pereira & Souza, 2012) e expomos e somos expostos desde muito cedo a estas normas. Se é só isto que conhecemos, é com isto que crescemos, são estes valores que nos são inculcados e que dificilmente os questionamos. Desde pequenos que nos “ensinam” como devemos vestir de acordo com o nosso sexo biológico, como nos devemos comportar, as próprias funções domésticas são direcionadas de acordo com o nosso sexo biológico e é com esta cultura de género que vivemos (Pereira & Souza, 2012) e por isso, mais uma vez, quando alguém foge à regra muitas vezes é recriminado/a por isso.

Estas representações sociais associadas ao género vão abrir portas para a estereotipização de pessoas que não se enquadram nas normas estabelecidas e as minorias sexuais encontram-se neste grupo (Herek & Berrill, 1992). Isto acontece porque os homossexuais não se enquadram na ideologia estabelecida pela sociedade relativamente aos papéis de ser “menino” e “menina”, principalmente ao nível dos papéis sexuais esperados, portanto, a homossexualidade é vista como uma violação das normas de género (Herek & Berrill, 1992). Embora não haja uma relação entre o comportamento sexual e a conformidade de género (Herek & Berrill, 1992), a verdade é que os *gays* e as *lésbicas* são tomados como “menos homem” ou “menos mulher” respetivamente (Correia, 2014) não só por não terem uma orientação sexual normativa, mas também por acreditar-se que os comportamentos manifestos não se enquadram nas normas de género impostas, associando-se os homens homossexuais com comportamentos considerados mais femininos e as mulheres homossexuais com comportamentos mais masculinos (Pereira & Souza, 2012) reforçando a invisibilidade da sua sexualidade e dos seus comportamentos de maneira a não serem colocados/as sobre julgamento (Fernandes, 2011).

Para além de se estereotipar as pessoas homossexuais cria-se, ao mesmo tempo, um género de perfil específico do que é suposto ser uma pessoa *gay* ou uma pessoa *lésbica*. Portanto, todos os homens que apresentem comportamentos considerados mais femininos ou todas as mulheres que apresentem comportamentos considerados masculinos, serão associados a uma orientação sexual não normativa (Pereira & Sousa, 2012). Daí que os comportamentos discriminatórios tendo por base estigmas sexuais (Herek, 2009) não sejam apenas direcionados a pessoas homossexuais, mas também a pessoas que são percecionadas como homossexuais (Carneiro, 2009; Herek, 2009).

Esta categorização pode levar a uma inviabilização das identidades podendo ter repercussões ao nível da integração das pessoas LGBT nos vários contextos e nos grupos em que se inserem, já que a aceitação de como realmente somos é fundamental para a integração saudável de cada pessoa (Correia, 2014). No entanto, infelizmente, para as pessoas LGB a aceitação surge como o principal obstáculo na construção da identidade (Correia, 2014) e os grupos de socialização são imperativos para esta construção (Rita, 2012).

2.2. Manifestações dos preconceitos: discriminação face a lésbicas e a gays

Ao debruçarmo-nos acerca das visões sobre a homossexualidade ao longo da história, percebemos que muitos dos preconceitos que surgiram, prevalecem até aos dias de hoje e que a maior ou menor aceitação da homossexualidade ainda é uma questão que difere de sociedade para sociedade.

Em Portugal, as manifestações de preconceito evoluíram de expressões mais tradicionais, isto é, das expressões mais flagrantes para expressões mais subtis (Gato, Leme & Leme 2010). Como foi referido anteriormente, culturas e sociedades em que o heterossexismo e a heteronormatividade imperam, resultam numa ostracização de identidades que nela não se enquadrem, incluindo, pessoas com orientações sexuais não normativas. Apesar de tanto as lésbicas como os gays serem igualmente vistos/as como transgressores/as das regras normativas, principalmente ao nível do género e dos papéis sexuais (Evans, 2001), alguns estudos sugerem que existem diferenças de género ao nível desta discriminação, considerando-se que os homens heterossexuais manifestam mais preconceitos do que as mulheres heterossexuais, sendo que os homens homossexuais são mais discriminados que as mulheres homossexuais (Gato *et al.*, 2010). Vários autores/as apontam para a construção da masculinidade e todas as expectativas adjacentes a esta construção para explicar esta diferenciação entre gays e lésbicas, já que se considera que a masculinidade apresenta mais inflexibilidades do que a feminilidade existindo uma forte pressão para a conformidade dos papéis considerados masculino associados à virilidade a ao afastamento do considerado feminino (em que a homossexualidade masculina está incluída) (Halberstam, 1998; Amâncio, 1994; Amâncio, 2004). Logo, existem mais sanções para os homens que se desviam desse padrão e de forma mais acentuada por homens que a praticam (LaMar & Kite, 1998; Gato *et al.*, 2010; Rampullo, Castiglione, Licciardello & Scolla, 2013). Porém, outros/as autores/as afirmam que as mulheres lésbicas são alvo de mais comportamentos discriminatórios, por um lado, por serem mulheres e por outro por

apresentarem uma orientação sexual não-normativa (Carneiro, 2009). A discriminação sentida pelas pessoas LG estende-se também para contextos legais, institucionais e sociais, afetando a sua integração nos vários contextos como o educacional, laboral, familiar, grupos de pares e podendo apresentar também fragilidades ao nível da saúde e da sua segurança (Pinto, Cortê-Real, Ramos & Torres., 2014).

Ao nível da saúde, a predominância do heterossexismo e heteronormatividade institucionalizada neste contexto, pode perpetuar alguns atos discriminatórios face a pessoas LGBT traduzidos, por exemplo, através dos discursos de alguns/as profissionais de saúde quando assumem que todas as pessoas são heterossexuais (Pinto *et al.*, 2014) (e.g. perguntar a uma pessoa que é lésbica e sexualmente ativa se utiliza preservativo e, caso a resposta seja negativa, alerte-se para o risco de engravidar). Estes pressupostos acabam por reforçar a invisibilidade da homossexualidade neste contexto, podendo ainda trazer constrangimentos na ótica do/a utente que não se identifique como heterossexual (Pinto *et al.*, 2014).

Um estudo levado a cabo pela Associação ILGA em 2014 constatou que 17% dos/as participantes foi alvo de discriminação ou tratamento desadequado em contextos de saúde sendo que 87% das situações envolveu um/a profissional da saúde e em 11% dos atendimentos relacionados com a saúde mental foi sugerido ao/à utente que a homossexualidade era uma doença e que poderia ser curada (Pinto, *et al.*, 2014).

Como foi referido anteriormente, contextos como a escola ou o meio laboral surgem, também, como mecanismos que por vezes centralizam a sexualização normativa, dificultando vivências de género e sexuais não normativas (Santos, 2013).

Um estudo realizado pela European Union Agency for Fundamental Rights (FRA) em 2014 sobre a discriminação sentida por pessoas LGBT a nível europeu, revelou que esta discriminação era sentida nos diferentes contextos em que as pessoas LGBT estavam integradas, especialmente no contexto educacional e laboral.

Considerando o meio educacional, cada vez mais se têm realizado esforços de maneira a haver uma maior integração dos/as alunos/as no meio escolar, tanto a nível da diversidade de género como étnica, mas, relativamente à diversidade sexual, esta é tomada muitas vezes como ausente ou invisível (Nelson, 2006). Os próprios manuais escolares e os materiais utilizados em sala de aula muitas vezes estão delineados com pressupostos heterossexistas que não permitem a abertura a outras identidades ou vivências, colocando-as num espectro silencioso (Moore, 2016). Na sua forma mais extrema, alunos/as

homossexuais ou bissexuais (ou percecionados como tendo uma sexualidade não normativa ou porque não “encaixam” nos papéis de género normativos) muitas vezes sofrem de *bullying* homofóbico que engloba todas as formas relacionadas com o *bullying*, como agressões físicas, verbais (e.g. utilização da palavra gay ou lésbica como insulto), psicológicas e sexuais, mas todas de natureza homofóbica (António, Pinto, Pereira, Farcas & Moleiro 2012). Alguns/as autores/as consideram que o *bullying* homofóbico pode ter ramificações mais graves que outras formas de *bullying* por ser menos visível e ser tomado com menos credibilização por parte dos órgãos educativos (António *et al.*,2012) incluindo professores/as, funcionários/as e gestores/as que muitas vezes têm preconceitos internalizados ou então não agem da forma mais correta por sentirem que não têm as ferramentas necessárias para lidar com estas situações (Ramos & Bordignon, 2013). O’Higgins-Norman (2008) sugere que o *bullying* homofóbico é uma forma manifesta de crenças negativas sobre os papéis de género, dividindo-o em duas tipologias: o *bullying* assente no carácter heteronormativo institucionalizado no ambiente escolar, referindo-se então às expectativas rígidas dos papéis de género, sendo indiferente a verdadeira orientação sexual da vítima, havendo uma regulação e controlo dos comportamentos considerados esperados para o género feminino e masculino de acordo com o sexo biológico e, seguidamente, o *bullying* que tem por base comportamentos discriminatórios e persecutórios contra pessoas LGB. Portanto, o *bullying homofóbico* não se restringe apenas ao universo da homossexualidade/bissexualidade, vitimizando, também, pessoas heterossexuais (Carvalhosa, Monteiro & Sales, 2009).

Em Portugal, os dados obtidos através do *Observatório* de Educação LGBT revelou que a maior parte destas incidências ocorrem no ambiente escolar e abrangiam idades desde o final da adolescência até ao início da idade adulta (Rede ex aequo, 2014). Em 2012 outro estudo em Portugal verificou que 42% dos/as participantes já tinham sofrido várias formas de *bullying* homofóbico por serem homossexuais ou bissexuais e 67% afirmou que tinha assistido a situações deste teor a alunos/as que eram percecionados como tendo uma orientação sexual não normativa sendo que 80% dos/as agressores/as não sofreu qualquer represália (António *et al.*,2012).

Ainda nesta linha, considerando as estatísticas a nível europeu, 8 em cada 10 pessoas LGBT assistiram a condutas de teor negativo contra pessoas consideradas LGBT, sendo que 67% dos/as inquiridos/as sentiam a necessidade em ocultar a sua orientação sexual dos/as colegas (no ensino escolar até aos 18 anos) (FRA, 2014). Os homens gays e bissexuais

tinham mais tendência em esconder a sua orientação sexual do que mulheres lésbicas ou bissexuais (FRA, 2014).

Em Portugal, no contexto do Ensino Superior, um estudo sobre a gestão da visibilidade neste meio revelou que a (não) inibição de orientações sexuais não normativas, dependia da perceção da possível aceitação ou rejeição da mesma (Morais, 2016). Ainda assim, estudantes que não escondiam a sua orientação sexual, tendiam a experienciar mais atos discriminatórios neste contexto e por parte dos grupos de pares (Morais, 2016).

No contexto laboral, alguns estudos indicam que quando o heterossexismo prevalece neste contexto, existem várias situações que o exprimem (FRA, 2014) nomeadamente, a expressão de comentários negativos, abusos verbais, negação de emprego ou promoção, despedimentos e/ou avaliações negativas (Badgett, Sears, Lao & Ho, 2009). Para além disso, homens homossexuais recebem menos que homens heterossexuais quando desempenham a mesma função e, tanto trabalhadores/as gays como lésbicas, apresentam menos satisfação no trabalho que os/as seus/as colegas (Drydakis, 2014). No entanto, nalguns casos, homens e mulheres homossexuais que não escondem a sua orientação sexual no contexto laboral apresentam níveis de satisfação mais elevados que as pessoas homossexuais que não o fazem (Drydakis, 2014).

Porém, a prevalência do heterossexismo ainda predomina neste contexto e as consequências negativas para as pessoas LG são superiores às positivas, existindo uma correlação positiva entre o heterossexismo no trabalho e o *stress* psicológico, baixa-autoestima e problemas de saúde, resultando também numa maior insatisfação com a vida por parte das pessoas LGBT (Smith & Ingram, 2004).

O contexto educacional e laboral é apenas uma amostra de um contexto social mais vasto onde a heteronormatividade, a masculinidade hegemónica e a heterossexualidade compulsória são celebradas enquanto as pessoas que são percecionadas como fora destes padrões, são discriminadas e ostracizadas (Santos, 2013). Para além disso, um dos fenómenos que pode ser recorrente é a discriminação direcionada a familiares ou amigos/as de pessoas homossexuais, por serem vistos como aliados/as destas pessoas, acabando por sofrer um género de estigma por associação (Herek, 2008) acentuando ainda mais a premissa de que os preconceitos e discriminação LGBT não se restringe apenas a pessoas LGBT e a determinados contextos, sendo sim um fenómeno social mais macro.

Sendo um fenómeno social que abrange vários contextos e instituições, os preconceitos podem tomar expressões agravantes que, na sua forma mais tradicional, em si,

retém uma forma mais direta. Embora se tenha referido anteriormente que o *bullying* homofóbico está presente nas escolas a verdade é que não é apenas no contexto escolar que as agressões que o definem, ocorrem. De acordo com o Observatório LGBT da ILGA Portugal, em 2015 revelou que os três primeiros locais em que a discriminação era mais sentida seria na rua (23.49%), online (15.44%) e em casa (14.09%), sendo que 41.61% foram expressas em ameaças verbais, insultos ou através de outro tipo de linguagem discriminatória, 16.11% correspondia a tentativas e/ou agressões e 7.38% da discriminação foi sentida no contexto laboral.

Alguns estudos indicam que quão mais as pessoas LGB são diretas acerca da sua orientação sexual, maior é o sentido de discriminação (Smith & Ingram, 2004; Morais, 2016), assistindo-se a atos discriminatórios, cada vez mais, de natureza mais subtil, portanto expressas, maioritariamente, através de microagressões (e.g. não ser convidado/a para eventos sociais) (Galupo & Resnick, 2016) sendo congruente com a teoria do *stress* das minorias que afirma que as formas mais subtis de preconceito são as que mais influenciam o *stress* psicológico (Smith & Ingram, 2004). As microagressões incluem expressões verbais, comportamentais ou contextuais de teor negativo (Sue, 2010; Shelton & Delgado-Romero, 2011). Podem ser propositadas ou realizadas de forma não intencional e são caracterizadas pela sua natureza hostil, insultante e podem ser direcionadas a uma determinada pessoa ou grupo tendo em conta determinadas características (e.g. etnia, género ou orientação sexual) (Sue, 2010; Shelton & Delgado-Romero, 2011). As microagressões podem traduzir-se em microataques que resultam na utilização de discursos de ódio para designar a orientação sexual homossexual (e.g. *Camiona*) (Burn, Kadleck & Rexer, 2005) ou o recurso a linguagem/piadas heterossexistas; em microinsultos que assentam na premissa de ativamente ignorar ou colocar no espetro da invisibilidade a homossexualidade e, por último, as microinvalidações que são a suposição de que a homossexualidade é menos válida que a heterossexualidade (e.g. não convidar um/uma pai/mãe que seja homossexual para o dia da família, por não olharem para estas pessoas como pertencentes a tal) (Sue, 2010; Shelton & Delgado-Romero, 2011).

Considerando as microagressões realizadas de acordo com a orientação sexual, a literatura indica uma série de fatores que são associados às pessoas homossexuais que os motivam (Sue, 2010). As principais microagressões face a lésbicas e a gays são motivadas pela associação entre a homossexualidade e a hipersexualidade; pela “homofobia”; a religião

e a patologização da homossexualidade também são fatores que as motivam e a negação do heterossexismo e da heteronormatividade também (Sue, 2010).

A hipersexualidade surge na associação entre homossexuais e atividade sexual excessiva, olhando para estas pessoas apenas como seres sexuais, descurando todas as outras características que nos tornam humanos (e.g. família, amigos/as, crenças, aspirações, carreira...), sendo expressa, através de afirmações como “Evito contacto com o casal de lésbicas que mora ao pé de nós para não terem a ideia errada”, “Quem quer tomar banho no balneário do ginásio em frente do nosso colega gay?” (Sue, 2010).

A dimensão relacionada com a “homofobia” traduz-se, no fundo, na manifestação de comportamentos ansiosos e evitantes direcionados a pessoas LGB (Sue, 2010). Estes comportamentos podem ser expressos através do medo em estar em contacto com pessoas LGB por se achar que se “pode ficar como eles/as” ou que apanharão alguma doença apenas por estarem na sua presença (Sue, 2010). Também a utilização de linguagem heterossexista (e.g. perguntar a uma rapariga se tem namorado, assumindo automaticamente, através desta afirmação, que é hetero), é outra das microagressões relacionadas com esta dimensão e, provavelmente, a mais comum entre a população estudantil, principalmente, quando dão uso às palavras gay ou lésbica com conotação negativa para nomear comportamentos/características não desejados/as (Sue, 2010; Gaston, 2015; Nadal, Whitman, Davis, Erazo & Davidoff, 2016). Apesar de não haver uma forte correlação entre a utilização de linguagem heterossexista e crenças/comportamentos homofóbicos, a verdade é que a utilização desta linguagem tem impactos negativos nas pessoas a quem são dirigidas (Sue, 2010).

A religião é outro dos fatores que influenciam as microagressões. Apesar das visões acerca da homossexualidade diferirem de religião para religião, a verdade é que algumas vêem a homossexualidade como um pecado e quem a “pratica” é visto/a como depravado/a (Sue, 2010). A literatura indica que existem dois tipos de vivências religiosas: uma orientada intrinsecamente (e.g. quem vive a sua religião) e outra extrinsecamente (e.g. quem usa a religião), relatando que as pessoas que são mais religiosas (intrínseca) têm tendência para serem mais preconceituosas e a discriminarem mais as pessoas homossexuais (Sue, 2010).

A premissa de que a homossexualidade é uma anormalidade, um desvio da “verdadeira” sexualidade (heterossexualidade) é outro dos fatores a considerar, sendo influenciado pela ciência como já foi referido anteriormente, esta premissa ainda predomina

nos dias de hoje e pode ser traduzida através de afirmações como: “É apenas uma fase, eventualmente vais ultrapassar isso e voltar a sentir sentimentos normais”.

Por último, a negação do heterossexismo e a predominância da heteronormatividade são os últimos fatores identificados pela literatura (Sue, 2010). O primeiro refere-se à negação de preconceitos direcionados à homossexualidade por se saber que serão sancionados/as se os expressarem, mas depois podem traduzir-se em afirmações como: “Não tenho nada contra homossexuais, eu tenho um amigo gay” e quando confrontados/as têm tendência a entrar na defensiva (Sue, 2010; Gaston, 2015). Finalmente, a predominância da heteronormatividade numa determinada sociedade, inevitavelmente, coloca em ênfase os comportamentos que são aceitáveis e os que não são, existindo uma série de normas que os condicionam e aos papéis de género também, fazendo com que as pessoas que não se enquadram nestas normas sejam discriminadas ou forçadas a entrar no espectro da invisibilidade (Sue, 2010; Gaston, 2015; Nadal *et al.*, 2016).

Vários estudos mencionam o sexo e o grau de proximidade como fortes preditores na avaliação das atitudes face a gays e a lésbicas (Gato *et al.*, 2012). Tendencialmente, os homens apresentam atitudes mais negativas que as mulheres e, geralmente, quem é mais próximo de pessoas LGB, terá menos atitudes negativas face à homossexualidade (Gato *et al.*, 2012). A literatura indica também que existem algumas diferenças na natureza das microagressões direcionadas a lésbicas e gays. Relativamente às lésbicas, as microagressões sentidas estão relacionadas com estereótipos ligados à orientação sexual, mais especificamente, relacionados com a aparência (e.g. frequentemente é sugerido para vestirem-se de forma mais “feminina”, sendo encorajadas a conformar-se com os papéis de género esperados pela sociedade) e com a invalidação das suas relações amorosas (Nadal *et al.*, 2016) sendo essas microagressões também sentidas em contextos psicoterapêuticos (Shelton & Delgado-Romero, 2011). Outro tema comum quando referimos as microagressões direcionadas a lésbicas relaciona-se com a assunção, por parte de familiares e amigos/as, que trata-se apenas de uma fase e como a sexualidade, por alguns/as, é tomada como uma escolha, este tipo de microagressão é possível que seja mais frequente quando direcionada a mulheres do que a homens (Nadal *et al.*, 2016). Também é relatado tanto por parte de mulheres lésbicas como bissexuais propostas de teor sexual por parte de homens heterossexuais, situação que não relatada por parte de homens homossexuais (Nadal *et al.*, 2016).

Relativamente aos homens homossexuais, a microagressão mais comum é a utilização de linguagem heterossexista, mais especificamente, a utilização da palavra gay com conotação negativa e com o objetivo de ofender, particularmente utilizada e direcionada a pessoas consideradas como transgressoras das normas de género (Nadal *et al.*, 2016). A segunda microagressão mais comum relaciona-se com a imposição da masculinidade e dos papéis de género masculinos (e.g. não permitir que um rapaz jogue futebol porque é gay, assumindo que todos os homens gays são menos masculinos ou até menos atléticos que homens heterossexuais), havendo o pressuposto de que todos os homens homossexuais são mais efeminados e havendo uma associação direta entre homossexualidade masculina e papéis de género femininos (e.g. a nível de interesses, comportamentos, escolhas profissionais...) (Nadal *et al.*, 2016). E, por último, outra das microagressões relacionam-se com estereótipos, tanto positivos (e.g. vestem-se melhor ou são mais inteligentes) como negativos (e.g. são predadores sexuais/pedófilos) (Nadal *et al.*, 2016). Embora os estereótipos positivos, à primeira vista, sejam tomados como elogios a verdade é que trazem consigo consequências negativas para quem os são direcionados já que colocam essas pessoas em “caixas” e com o sentimento de que poderão não estar a corresponder às expectativas (Nadal *et al.*, 2016). Vários estudos indicam também que o sexo é um dos preditores mais fortes na avaliação das atitudes negativas contra lésbicas e gays, normalmente os homens apresentam atitudes mais negativas que as mulheres (Gato *et al.*, 2012), sendo que o grau de proximidade com pessoas LGBT também é um forte preditor dessas atitudes, já que, normalmente, quem é mais próximo/a dessas pessoas, terá menos atitudes negativas (Gato *et al.*, 2012; Bartos, Berger & Hegarty, 2014).

Considerando este panorama de discriminação, Cresnschaw (1989) argumentou que quando as pessoas são, consecutivamente, forçadas e colocadas em grupos minoritários por serem alvo de preconceitos relacionados com a sua identidade, dever-se-ia olhar para esta discriminação tendo em conta as várias características identitárias dessas pessoas e a forma como estas interagem. A esta análise apelidou-se de interseccionalidade que se refere às várias características de foro social como a etnia, género, estatuto socioeconómico e orientação sexual e à forma como estas categorias interagem umas com as outras de forma a criar sistemas de opressão, domínio e discriminação (Proctor, Williams, Scherr & Li, 2017). Compreender a interseccionalidade, permite-nos examinar os processos, práticas e estruturas que aumentam o risco de certas pessoas experienciarem desvantagens ou discriminação por causa das suas identidades (Proctor *et al.*, 2017) e isto é extremamente

importante pois os preconceitos na sua forma mais tradicional ou subtil, perpetuam atos discriminatórios que afetam as vivências destas pessoas dificultando a sua integração nos vários contextos e trazendo consequências negativas tanto a nível pessoal, como emocional, psicológico e social.

2.3. Influência dos preconceitos e discriminação nas vivências e construção identitária de lésbicas e gays

Como foi referido anteriormente, os preconceitos e discriminação relativamente à orientação sexual assumem várias formas e verificam-se em vários contextos, influenciando as vivências das pessoas homossexuais.

Consensualmente, a literatura indica que quando se verifica a predominância do heterossexismo e heteronormatividade numa determinada sociedade, pessoas que se enquadrem num grupo considerado minoria, neste caso sexual, não é a orientação sexual da pessoa que causa desconforto psicológico, mas sim a consciência de que são parte integrante de uma minoria discriminada, sendo designada como *stress* das minorias (Smith & Ingram, 2004; Pereira & Souza, 2012). Este conceito abrange uma série de stressores vivenciados de forma constante numa determinada cultura que exclui um determinado grupo por o considerar inferior, fazendo com que quem pertença a esse grupo seja alienado, marginalizado e oprimido havendo, ao mesmo tempo, uma internalização desses valores por parte dos membros desse grupo (Meyer, 1995; Smith & Ingram, 2004; Pereira & Souza, 2012).

Meyer (1995) identifica três componentes principais quando refere este conceito: estigma percebido, comportamentos preconceituosos e a homofobia internalizada. O estigma percebido ocorre quando a pessoa sente que será tratada de forma diferente por não ter uma orientação sexual normativa; os comportamentos preconceituosos referem-se às manifestações preconceituosas e discriminatórias direcionadas a homossexuais e, por último, a homofobia internalizada refere-se à interiorização das visões negativas referentes à homossexualidade por parte de gays, lésbicas e bissexuais. Esta última resulta então da internalização de preconceitos que predominam em sociedades heterossexistas (Williamson, 2000) que, conseqüentemente, promove ideias erróneas acerca de identidades que não se enquadrem na norma, por isso, muitas vezes as pessoas homossexuais podem interiorizar estes valores e achar que são psicologicamente doentes ou imorais (Pettili, 2014).

A exposição a estas mensagens surge desde muito cedo, podendo surgir até antes das pessoas homossexuais saberem que o são, portanto, numa fase inicial estas mensagens

não têm consequências para a pessoa, considerando apenas que a homossexualidade não é desejável (Pettili, 2014). Quando começam a surgir as primeiras questões acerca da homossexualidade, surge um confronto entre os pensamentos preconceituosos e os sentimentos homossexuais o que pode resultar numa baixa autoestima e sentimentos de culpa e vergonha que vão dificultar a própria aceitação da identidade sexual e influenciar a sua construção (Pettili, 2014) Para além disso, existem uma série de problemáticas que podem ser desencadeadas pela homofobia internalizada, sendo que as que têm tido especial atenção são as que se relacionam com comportamentos autodestrutivos como o abuso de substâncias, distúrbios alimentares, mutilação e, no seu extremo, alguns estudos sugerem que os/as jovens homossexuais apresentam mais vulnerabilidade quando falamos de suicídio principalmente se obtiverem reações negativas no processo de *coming out*, se sofrerem de *bullying homofóbico* ou se tiverem tendência para utilizar as drogas e/ou álcool como mecanismos de *coping* (Williamson, 2000). Esta população alvo é considerada como de maior risco dado que o seu desenvolvimento, a nível de estratégias de *coping*, é menor podendo esta situação ser agravada quando se enquadram em contextos em que o heterossexismo e a heteronormatividade são predominantes e o contacto com pessoas homossexuais ou organizações LGBT é mais restrito (Williamson, 2000). Quando enquadrados/as em contextos ou grupos sociais que possam ser percebidos como preconceituosos ou discriminatórios, para além da homofobia internalizada ser uma consequência destes meios, o processo de *coming out* também é afetado (Oliveira, 2010) já que pode haver uma associação direta entre o processo de *coming out* e vitimização (D'Augelli & Grossman, 2001).

O processo de *coming out* é examinado por uma série de modelos que visam a compreensão do desenvolvimento psicológico das identidades sexuais LGB e que vão-se adaptando às influências contextuais que influenciam essa construção (Xavier, 2013). O desenvolvimento da identidade sexual, é um processo complexo e idiossincrático já que cada pessoa progride e atribui significados de forma diferente (Brown, 2002). Apesar de haver vários modelos de construção da identidade sexual (e.g. Ponse, 1978; Cass, 1979; Troiden, 1979; McDonald, 1982; Gramick, 1984; Coleman, 1985; Falco, 1991, entre outros/as), dois grandes temas surgem consistentemente e parecem aplicar-se para a maioria das pessoas (Brown, 2002). O primeiro tema relaciona-se com o processo das experiências internas que englobam sentimentos de “diferença” relativamente à norma, reconhecimento da atração por pessoas do mesmo sexo e a atribuição de significado a essas experiências. Seguidamente, surge o agir de acordo com esses sentimentos/experiências (e.g. fantasias,

comportamentos...) e a procura de uma comunidade que possa ajudar a nível de informação, apoio social e criação de oportunidades de contacto com pessoas que possam servir como modelos de referência (Brown, 2002). O segundo tema emerge através de vários modelos de desenvolvimento da identidade que reforçam a importância da procura de oportunidades interpessoais, isto é, a procura de grupos semelhantes e afiliação/identificação com esse grupo e a procura de criação de relações que possibilitem o contacto emocional e/ou sexual (Brown, 2002).

Quando enquadrados/as em contextos e com grupos sociais percecionados como preconceituosos, o processo desta construção identitária e conseguinte *coming out* podem ser afetados (Oliveira, 2010), muitas vezes sendo um processo complexo e que pode até demorar uma vida inteira (Venâncio, 2010) sendo muitas vezes ocultado pelo medo das repercussões negativas que essa revelação possa vir a trazer, principalmente, pelas pessoas mais próximas (Pérez-Sancho, 2005). A ocultação da identidade sexual pode levar a uma série de consequências nefastas para quem a esconde, nomeadamente, podem ocorrer situações que desencadeiam sentimentos de negação, culpa e vergonha; resulta também num maior distanciamento dos grupos sociais como amigos/as e/ou família e aumenta a ansiedade nessas relações aumentando, por consequência, a dificuldade na procura de ajuda junto desses grupos (Pérez-Sancho, 2005).

Portanto, como é visível as consequências do heterossexismo e da heteronormatividade nas vidas das pessoas que não tenham uma identidade sexual normativa são bastante nefastas e dificultam não só a sua integração nos vários contextos, como influenciam as suas relações com os grupos sociais e até consigo mesmas e enquanto os preconceitos e a discriminação de acordo com a orientação sexual forem uma realidade, estas consequências predominarão.

Tendo em conta as consequências dos preconceitos nas vivências das pessoas homossexuais e da importância que a compreensão e possível desconstrução dos mesmos teria para estas pessoas, o presente estudo tem como objetivo principal analisar a multidimensionalidade dos preconceitos, mais especificamente, semelhanças/diferenças quando direcionados a lésbicas e quando direcionados a gays. Pretendemos saber se essas semelhanças ou disparidades se verificam ao nível da sua distribuição e/ou tipologia.

Em segundo lugar, pretende-se perceber se existem diferenças nas manifestações de preconceitos em função das variáveis pessoais (e.g. idade, sexo, grau de escolaridade, ocupação, posição política/religiosa e grau de proximidade com pessoas LGB).

Parte II – Estudo Empírico

Capítulo I- Questões de Investigação

Colocando em ênfase os objetivos desta investigação e de forma a perceber se existem diferenças ao nível dos preconceitos direcionados a lésbicas e a gays, foram colocadas as seguintes questões de investigação:

- 1) Existem diferenças/semelhanças na distribuição e multidimensionalidade dos preconceitos direcionados a gays e lésbicas?
- 2) As variáveis sociodemográficas influenciam a manifestação de preconceitos face a homossexualidade de uma forma geral e, especificamente, a manifestação de preconceitos face a lésbicas e a gays distintamente?
 - 2.1) Existem diferenças nas manifestações de preconceito em função do sexo dos/as participantes?
 - 2.2) Existe alguma relação entre a idade dos/as participantes e as manifestações de preconceito?
 - 2.3) Existem diferenças nas manifestações de preconceito em função do grau de escolaridade?
 - 2.4) Existem diferenças nas manifestações de preconceito em função da posição religiosa?
 - 2.5) Existem diferenças nas manifestações de preconceito em função da posição política?
 - 2.6) Existem diferenças nas manifestações de preconceito em função do conhecimento e grau de proximidade com pessoas?

Capítulo II- Metodologia

2.1) Participantes

O presente estudo conta com 251 participantes heterossexuais com idades compreendidas entre os 15 e os 86 anos do sexo feminino e do sexo masculino. Para a recolha dos dados utilizou-se o método *snowball* de forma a obter respostas de maior diversidade, permitindo-nos alargar o estudo para diversas faixas etárias, sendo a amostra de conveniência.

Os dados de caracterização da amostra foram recolhidos através do questionário sociodemográfico (e.g. idade, sexo, naturalidade, grau de escolaridade, ocupação, posição

política e religiosa e conhecimento/grau de proximidade com pessoas LGB). A posição política e religiosa foi avaliada através de 12 níveis de concordância numa escala de Likert, enquanto o grau de proximidade foi avaliado através de 6 níveis de concordância.

Os/as participantes são estudantes do ensino secundário (regular e profissional), do ensino superior e trabalhadores/as (no ativo/a, desempregados/as) e reformados/as. Foram recolhidos 263 questionários dos quais 12 foram excluídos (7 foram retirados porque os/as participantes se identificaram como *gays*, lésbicas ou bissexuais e 5 por apresentarem questionários incompletos ou por preencher). Deste modo, dos 263 questionários recolhidos apenas 251 (125 do sexo feminino e 126 do sexo masculino) foram considerados válidos.

A média de idades assenta nos 37 e a mediana nos 31. A amostra está distribuída pelas diferentes faixas etárias, sendo que 25.9% tem entre os 15 e os 22 anos; 24.3% entre 23 anos e 31 anos; 25.1% entre 32 e 49 anos; 14.3% entre 50 e 65 anos e 10.4% da amostra encontra-se acima dos 65 anos (Tabela 1).

Tabela 1. Distribuição dos/as participantes por grupos de faixas etárias

Grupos de Idades	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Até 22 anos	25	40	65
23 – 31 anos	38	23	61
32 – 49 anos	27	36	63
50 – 65 anos	19	17	36
Mais de 65 anos	17	9	26
Total	126	125	251

Relativamente ao grau de escolaridade dos/as participantes (concluído ou a frequentar) 8% dos/as participantes afirmaram que as suas habilitações literárias são ao nível do 1º ciclo do ensino básico; 6% afirmam que concluíram o 2º ciclo do ensino básico; 10.8% o 3º ciclo do ensino básico; 33.2% o ensino secundário ou o ensino profissional; 27.6% a licenciatura e 14.4% indicou que está a frequentar/concluir o mestrado (Tabela 2).

Em relação à ocupação, 30.7% são estudantes a tempo integral: 1.25% frequentam o 3º ciclo do ensino básico; 28.8% o ensino secundário ou profissional; 47.5% frequentam a licenciatura e 22.5% frequentam o mestrado. Relativamente aos/às estudantes do Ensino Secundário e Superior, 18% frequentam a área de humanidades; 47.4% a área das ciências

sociais; 3.9% a área da saúde; 20.5% a área das ciências e tecnologia e 10.3% a área das artes.

Tabela 2. Distribuição dos/as participantes de acordo com a ocupação

Ocupação	Frequência	Porcentagem
Estudantes	77	30.7%
Empregados/as	120	47.8%
Desempregados/as	17	6.8%
Reformados/as	33	13.1%
Trabalhador/a estudante	4	1.6%
Total	251	100%

Considerando a população da amostra que se encontra no ativo, desempregado/a ou reformado/a, verificou-se que 47.8% estavam empregados/as, 6.8% estavam desempregados/as; 13.1% estão reformados/as e 1.6% corresponde aos/às trabalhadores/as estudantes.

Semelhantemente ao agrupamento de áreas de estudo dos/as estudantes, optou-se por agrupar as profissões e/ou profissões anteriores por áreas. Tendo em conta a classificação portuguesa de profissões (Carvalho, 2011) obtiveram-se seis categorias: quadros superiores de administração pública e empresas, dirigentes e cargos intelectuais e científicos (25.8%); técnicos/as e profissionais de nível intermédio e administrativo (19%); serviços e vendedores/as (12.3%); operários/as, artificies, operadores/as de instalações e máquinas (14%), militares, bombeiros/as e GNR (17.2%) e trabalhadores/as não - classificados/as (11.7%).

A maioria dos/as participantes (85.3%) afirmou que conhecia pessoas LGB; 8.4% afirmaram que conheciam pessoas só do sexo feminino, 22.9% exclusivamente do sexo masculino e 68.7% afirmam que conheciam pessoas LGB de ambos os sexos (Tabela 3).

Tabela 3. Distribuição dos/as participantes de acordo com o conhecimento de pessoas LGB

Ocupação	Conhece alguém que seja LGB		Total
	Sim	Não	
Estudantes	74	3	77
Empregados/as	105	15	120
Desempregados/as	14	3	17

Reformados/as	17	16	33
Trabalhador/a - estudante	4	0	4
Total	214	37	251

Quanto ao grau de proximidade com pessoas LGB (sendo que 1 significa pouco próximo/a e 6 muito próximo/a), 12.6% afirmam que são pouco próximos/as e 15% afirmam que são muito próximos/as, sendo a média de respostas 3.48 (36.4%), indicando que os/as participantes deste estudo são moderadamente próximos a pessoas LGB.

Relativamente à posição religiosa (1 – 4 = nada religioso/a; 5 – 8 = moderadamente religioso/a e 9 – 12 = muito religioso/a) 36.7% dos/as participantes consideram-se nada religiosos/as; 37.8% dos/as participantes consideram-se moderadamente religiosos/as e 25.5% muito religiosos/as (Tabela 4).

Tabela 4. Distribuição dos/as participantes de acordo com a posição religiosa agrupada

Posição Religiosa	Frequência	Percentagem
Nada Religioso/a	92	36.7%
Moderadamente Religioso/a	95	37.8%
Muito Religioso/a	64	25.5%
Total	251	100 %

Considerando a posição política (1 – 4 = esquerda; 5 - 7= centro e 8 – 12 = centro direita/direita) 35.5% dos/as participantes situam-se mais à esquerda; 39% encontram-se no centro e 22.3% situam-se centro-direita/direita (Tabela 5).

Tabela 5. Distribuição dos/as participantes de acordo com a posição política agrupada

Posição Política	Frequência	Percentagem
Esquerda	89	35.5%
Centro	98	39.0%
Centro Direita/Direita	65	22.3%
Total	243	96.8 %

2.2) Instrumentos

Para que fosse possível atingir os objetivos deste estudo, foi necessário a utilização de um instrumento que avaliasse atitudes face à homossexualidade, mais especificamente,

face à homossexualidade masculina e feminina distintamente. No entanto, os instrumentos existentes e adaptados para a população portuguesa, avaliam algumas dimensões de preconceito sobre a homossexualidade, mas de uma forma geral, não havendo questões específicas para a homossexualidade masculina e feminina. Para além disso, apresentavam questões desatualizadas dadas as mudanças legislativas verificadas desde a sua construção. Assim, surgiu a necessidade de construção e adaptação de um instrumento que analisasse preconceitos específicos para a homossexualidade masculina e feminina. Para tal, optou-se por uma adaptação da EMAFLG (Escala Multidimensional de Atitudes face a Lésbicas e a Gays) (Gato *et al.*, 2012), para avaliar as atitudes face à homossexualidade. Para tentarmos perceber as eventuais diferenças nas atitudes face a lésbicas e a gays, procedemos à reestruturação da EMAFLG, com autorização do autor, (Anexo I) e criou-se duas escalas específicas para a homossexualidade masculina e feminina (Anexo II).

2.2.1) Escala Multidimensional de Atitudes face a Lésbicas e a Gays (EMAFLG)/Questionário de Opiniões sobre a Orientação Sexual (QOOS)²

A Escala Multidimensional de Atitudes face a Lésbicas e Gays (EMAFLG) (Gato *et al.*, 2012) avalia as atitudes face à homossexualidade e é constituída por 27 itens, com 6 níveis de concordância numa escala de Likert (1=discordo completamente; 2= discordo muito; 3= discordo um pouco; 4= concordo um pouco; 5= concordo muito; 6= concordo completamente).

A EMAFLG foi construída com o objetivo de agrupar itens que permitissem avaliar, adequadamente, a multidimensionalidade dos preconceitos face a gays e a lésbicas (Gato *et al.*, 2012). Para garantir a validade do conteúdo deste instrumento, os autores selecionaram uma série de escalas que avaliam as atitudes face à homossexualidade, nomeadamente, a *Attitudes toward Lesbian Women/Gay Men* (Herek, 1988); *Index of Homophobia* (Hudson & Ricketts, 1990); *Homosexuality Attitude Scale* (Kite & Deaux, 1986); *Modern Homonegativity Scale* (Morrison *et al.*, 2005); *Heterosexism Scale* (Park, 2001); *Modern Homophobia Scale* (Raja & Stokes, 1998) e *The Homophobia Scale* (Wright *et al.*, 1999) (Gato *et al.*, 2012). A

² A EMAFLG é uma escala que avalia as atitudes face à homossexualidade (Gato *et al.*, 2012). As atitudes podem caracterizar-se pela sua natureza estável e refletem tendências psicológicas (reais ou hipotéticas) que podem, potencialmente, influenciar o comportamento (Ferguson & Fukukura, 2012). Diversos estudos demonstraram que na avaliação das atitudes, existe uma forte probabilidade dos/as participantes responderem de acordo com o que acham ser socialmente desejável, particularmente, quando se trata de assuntos socialmente estigmatizados (Ferguson & Fukukura, 2012). Neste sentido, optou-se por substituir, nos nomes dos instrumentos, atitudes por opiniões para retirar a possibilidade de se encarar a recolha das informações com um carácter avaliativo, tentando contrariar a desejabilidade social. No entanto este estudo pretende avaliar as atitudes face à homossexualidade, mais especificamente, homossexualidade masculina e feminina, e não as opiniões acerca delas.

tradução dos itens foi assegurada por tradutores/as da língua portuguesa-inglesa e as categorias dos itens foram avaliadas por seis pessoas com formação em Psicologia (Gato *et al.*, 2012).

Inicialmente, aquando da sua construção, esta escala era composta por 30 itens, dos quais 11 pertenciam à dimensão de Rejeição de Proximidade, 6 à dimensão da Homopatologização e 13 à dimensão Heterossexismo Moderno. Após a análise fatorial, para além das três dimensões acima referidas, emergiu um quarto fator referente a níveis de suporte. Após a supressão de 3 itens que saturavam em mais do que um fator, a EMAFLG ficou com 27 itens que correspondem e estão distribuídos por três fatores negativos (Rejeição de Proximidade, Homopatologização e Heterossexismo Moderno) e por um fator positivo (Suporte). A análise dos valores do *alpha* de Cronbach ($f_1 - 0.91$; $f_2 - 0.83$; $f_3 - 0.79$ e $f_4 - 0.86$), revelou uma boa consistência interna dos fatores sendo a variância do primeiro fator de 40.99%, a do segundo 6.46%, a do terceiro 4.98% e a do quarto 4.20%, sendo a variância total de 56.7% (Gato *et al.*, 2012).

O fator Homopatologização diz respeito a uma atitude tradicional de condenação moral e patologização da homossexualidade. Por sua vez, a Rejeição da proximidade é uma manifestação clássica de preconceito que se relaciona com a rejeição/evitamento da convivência com lésbicas e *gays* em diversas circunstâncias sociais e com a manifestação de emoções negativas relativamente a esta população. O terceiro fator negativo, o Heterossexismo Moderno compreende itens que correspondem à homonegatividade moderna, pressupondo ainda posicionamentos relativos ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, ou seja, à homoparentalidade e à visibilidade/expressão das identidades lésbicas e *gays*. As atitudes positivas assentam no fator Suporte que consiste no apoio dos direitos de lésbicas e *gays* (Gato, *et al.*, 2012).

Na construção desta escala verificou-se que existiam diferenças ao nível do sexo dos participantes e que o grau de proximidade também afetava as atitudes face a lésbicas e *gays*. Participantes do sexo masculino apresentavam valores mais elevados que as mulheres nos três fatores negativos (Homopatologização, Rejeição da Proximidade e Heterossexismo Moderno), enquanto as mulheres apresentavam valores mais elevados no fator positivo (Suporte) (Gato *et al.*, 2012). Relativamente à proximidade, quão maior era o contacto interpessoal dos/as participantes com lésbicas e/ou *gays*, menor valores apresentavam nos fatores negativos (Gato *et al.*, 2012).

A EMAFLG, como foi referido anteriormente, apresenta itens sobre a homossexualidade em geral e pretendia-se questões específicas/diferenciadas para a homossexualidade masculina e para a homossexualidade feminina que permitissem avaliar eventuais diferenças na discriminação face a gays e a lésbicas. Assim, contactou-se o autor desta escala para se pedir autorização para a adaptação e reestruturação da mesma. O autor considerou os objetivos desta investigação pertinentes e, após o seu consentimento e utilizando como guião os itens do questionário original, fez-se um estudo exploratório (Field, 2009) para a reestruturação e adaptação da EMAFLG. Da escala original (constituída por 27 itens), mantiveram-se 20 itens e apelidou-se de *Questionário de Opiniões sobre a Orientação Sexual*, por ser um questionário com itens mais gerais sobre a homossexualidade. Os sete itens restantes, (4, 7, 15, 16, 18, 21 e 24) que pertenciam à dimensão Rejeição de Proximidade foram adaptados e incluídos nos instrumentos destinados, especificamente, para a homossexualidade masculina e feminina – *Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Masculina* e *Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Feminina*.

2.2.2. Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Masculina e Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Feminina

Tendo em conta os objetivos deste estudo, que visam uma avaliação mais concreta das opiniões sobre a homossexualidade masculina e feminina, mais especificamente, tentar perceber se existem diferenças/semelhanças nos preconceitos face a gays e lésbicas, criou-se dois instrumentos que pudessem satisfazer esse propósito.

A sua construção teve como base a revisão de literatura e implicou a utilização e adaptação de alguns itens da EMAFLG e a realização de entrevistas individuais.

As entrevistas individuais foram não diretivas e não estruturadas, a duas lésbicas, dois gays e duas pessoas que são bissexuais (entre 20-25 anos) de forma a ter-se um maior entendimento acerca do tipo de preconceitos e discriminação sentida. Das entrevistas foram retiradas informações não só acerca da discriminação sentida (nos diferentes contextos e grupos sociais em que estão inseridos/as), mas também de comportamentos que por vezes ocultam/reprimem para não serem discriminados/as.

Após as entrevistas, incluíram-se nos instrumentos 7 itens da EMAFLG correspondentes à dimensão Rejeição de Proximidade e criaram-se mais 19 itens, equivalentes nas duas escalas e específicas para a homossexualidade feminina e masculina,

relacionados com temáticas sobre a rejeição de proximidade, visibilidade, homonegatividade e incluiu-se ainda questões sobre as normas de género resultando, no seu total, em 27 itens para cada instrumento.

Utilizando uma primeira versão dos questionários, decidiu-se testar os itens através da realização de um *focus grupo* (Dias, 2000) com quatro pessoas heterossexuais (duas do sexo feminino e duas do sexo masculino com idades compreendidas entre 23-25 anos, em que todos/as conheciam pessoas LGBT). O objetivo principal era a testagem dos itens de forma a perceber se estes, de facto, traduziam os preconceitos e discriminação mencionados na literatura e pelos/as participantes nas entrevistas.

Após a sua testagem, obtiveram-se dois instrumentos, um com questões específicas acerca da homossexualidade masculina e outro sobre a homossexualidade feminina, cada um com 27 itens equivalentes que pudessem exprimir temáticas consideradas pouco exploradas na distinção de preconceitos direcionados a gays e a lésbicas, distintamente, relacionadas com a visibilidade (e.g. *Os gays devem conter as suas demonstrações de afeto em público; Incomodar-me-ia se visse duas mulheres a beijarem-se*), proximidade de pessoas LGB (e.g. *Nas eleições não votaria num candidato que fosse gay; Não me importaria de trabalhar com uma pessoa que fosse lésbica*), normas de género (e.g. *Se um rapaz me dissesse que gostava de fazer ballet, eu desconfiaria que esse rapaz era homossexual; Quando vejo mulheres vestidas de forma mais masculina do que os homens, sinto-me desconfortável*) e preconceitos de foro mais tradicional (e.g. *As lésbicas são homossexuais porque nunca encontraram o homem certo; No fundo, os homens homossexuais gostavam de ser mulheres*).

2.3. Procedimentos

2.3.1. Procedimentos de recolha de dados

De forma a tentar obter uma amostra o mais diversificada possível, tanto ao nível de faixa etária, como de ocupação, grau de escolaridade e posições política e religiosa, optou-se por utilizar o método *snowball* para a recolha de dados.

Procedeu-se à recolha dos dados utilizando questionários em formato de papel e o seu preenchimento demorava, sensivelmente, 20 minutos. Foi pedido a todos/as os/as participantes consentimento para a participação no estudo, sendo assegurado o anonimato e a confidencialidade. Aos/às participantes, explicava-se a estrutura dos questionários e pedia-se que, antes da entrega do mesmo, que o colocassem num envelope, selando-o.

A recolha de questionários junto da população idosa (mais de 65 anos) decorreu de forma diferente das restantes faixas etárias, apesar de se integrarem na amostra de conveniência (Maroco, 2007). Primeiramente, em vez de se utilizar o método *snowball* (Atkinson & Flint, 2001), recolheram-se os dados em Associações de Pensionistas e Reformados e junto de uma universidade sénior na cidade de Évora. Por se tratar de instituições/associações com regras próprias, antecipadamente, era pedido a autorização para a realização do estudo nessa instituição (Anexo III). Contrariamente à recolha realizada com os/as jovens, jovens adultos/as e adultos/as em que o preenchimento era realizado pelos/as próprios/as, com os/as idosos/as leu-se as questões individualmente e apontou-se as respostas indicadas demorando, aproximadamente 45 minutos a 1 hora tendo como condição principal uma explicação mais aprofundada dos itens, tornando estas aplicações mais próximas do método da entrevista. Decidiu-se por esta metodologia pois os/as próprios/as participantes escolheram assim, alguns/as porque apresentavam algum tipo de debilitação física (e.g. comprometimentos ao nível da visão), outros/as porque apresentavam algumas limitações ao nível da leitura e escrita. Como a tipologia de recolha de dados foi realizada de forma diferente, não se pedia aos participantes para colocarem o questionário no envelope, esse seria colocado depois e à frente do/a participante no final do preenchimento do questionário. De forma a assegurar a confidencialidade, a aplicação do questionário a esta população foi realizada de forma individual, não se verificando um comprometimento ou constrangimento nas respostas dadas.

Os questionários foram recolhidos nos distritos de Aveiro, Beja, Braga, Coimbra, Évora, Faro, Guarda, Leiria, Lisboa, Portalegre, Porto, Santarém, Setúbal, Vila Real, Viseu e Região Autónoma da Madeira. Os distritos com maior percentagem de recolha foram o distrito de Setúbal (27.6%), Évora (16.7%) e Santarém (14.1%).

2.3.2. Procedimentos de análise de dados

Os dados recolhidos foram tratados estatisticamente e analisados através da aplicação da análise estatística IBM® SPSS® (versão 24).

Numa primeira fase, realizou-se um tratamento e análise descritiva da amostra, recorrendo a médias, medianas, desvios-padrão, mínimos e máximos e frequências de modo a descrever diversas características relevantes dos/as participantes. Sempre que necessário, e para facilitar a apresentação, análise e interpretação dos resultados, transformaram-se algumas variáveis em grupos, nomeadamente as variáveis referentes à idade, à posição

religiosa e política. Também se recorreu às análises descritivas das escalas utilizadas, onde para efeitos de descrição dos resultados foram utilizadas as medidas adequadas à natureza das variáveis, ou seja, foram pedidas frequências, percentagens, médias e desvio-padrão, bem como os mínimos e os máximos (Maroco, 2007).

Seguidamente, procedeu-se à análise psicométrica das escalas utilizadas relativamente à fiabilidade e validade, uma vez que estas podem afetar a qualidade dos dados obtidos (Pallant, 2007). No que diz respeito à validade, para a sua avaliação, recorreu-se à metodologia da Análise Fatorial Exploratória que permite determinar, perante um conjunto de itens, os grupos correspondentes ou os itens que foram respondidos de forma semelhante pelos/as participantes e que irão constituir os fatores a ser extraídos (Pallant, 2007). Desta forma, as questões do QOOS e dos *Questionários de Opiniões sobre a Homossexualidade Masculina e Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Feminina*, foram submetidas à Análise Fatorial Exploratória sobre a matriz das correlações. Utilizou-se o método de componentes principais com rotação *Varimax* para a extração dos fatores, tendo como critério de valor próprio superior a 1 e em consonância com o *Scree Plot* e a percentagem de variância retida, já que a utilização de um único método pode resultar na retenção de fatores (mais ou menos fatores) do que aqueles relevantes para descrever a estrutura latente (Maroco, 2007). A adequabilidade da Análise Fatorial Exploratória do QOOS e dos questionários sobre a homossexualidade masculina e feminina foi avaliada através do teste de esfericidade de Bartlett e do teste Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), com os critérios de classificação definidos por Maroco (2007).

Relativamente à fiabilidade, esta diz respeito ao grau em que as escalas utilizadas estão livres de erros aleatórios e uma das metodologias mais utilizadas para fazer esta avaliação é através da análise da consistência interna (Pallant, 2007). Apesar de poder ser avaliada de várias formas, a mais comum é através do Coeficiente *Alpha de Cronbach* (α) (Pallant, 2007), que foi a utilizada neste estudo.

De seguida, foram realizadas análises inferenciais dos resultados obtidos, com o intuito de responder às questões de investigação, isto é, analisaram-se possíveis diferenças/semelhanças em relação ao preconceito direcionado a gays e a lésbicas, respetivamente e analisaram-se possíveis diferenças entre as características dos/as participantes (e.g. idade, grau de escolaridade e posição religiosa e política) e se o facto de conhecerem pessoas LGB e o grau de proximidade, afetavam o nível de preconceito relativamente à homossexualidade, de forma geral, e especificamente face a gays e a

lésbicas. Para estas análises, utilizou-se os testes *t-student* para amostras emparelhadas (e.g. comparação entre os fatores das escalas), para amostras independentes (e.g. comparação entre os fatores das escalas e as características sociodemográficas da amostra) e ANOVA (*oneway*) que permite analisar diferenças entre as médias das amostras independentes e verificar se essas diferenças são (ou não) significativas (Martins, 2011). Com o intuito de obter uma análise detalhada das diferenças entre as médias de mais de dois grupos, recorreu-se ao Teste Post Hoc HSD de Tukey, considerando-se estatisticamente significativas as diferenças entre médias cujo *p-value* seja inferior ou igual a 0.05 (Maroco, 2007).

Por último, utilizou-se ainda o Coeficiente de Correlação de Pearson – *r* às escalas de opiniões sobre a orientação sexual e a homossexualidade masculina e feminina, com o intuito de analisar se existia alguma relação entre os fatores das escalas e, optou-se ainda por utilizar esta análise para perceber a relação entre os fatores e a idade dos/as participantes. Este teste permite averiguar se as variáveis intervalares estão associadas e na presença de uma associação significativa entre elas, este coeficiente permite avaliar a direção (positiva ou negativa) e a magnitude (variando entre +1 e -1) dessa mesma associação (Martins, 2011). Neste sentido, quanto mais perto o coeficiente de correlação estiver de um destes limites, mais forte será a relação entre as duas variáveis (Martins, 2011).

Capítulo III- Apresentação e análise psicométrica dos instrumentos

3.1) Análise fatorial exploratória e consistência interna do EMAFLG/QOOS

Optou-se pela realização da Análise Fatorial à EMAFLG/QOOS já que a escala sofreu alterações na sua forma original (adaptação e reestruturação de itens) e as próprias características da amostra poderiam influenciar a Escala existente. Numa primeira fase, após a realização da Análise Fatorial, obteve-se quatro fatores utilizando os 20 itens da escala. No entanto, vários itens saturavam em mais do que um fator ao mesmo tempo e, considerando as normas estatísticas onde os itens devem saturar mais de .40 (Maroco, 2007) e que o *crossloading* não deve ser inferior a .15 (Worthington & Whittaker, 2006), foi considerado que esses itens tornavam a matriz mais complexa e, conseqüentemente, houve a necessidade da sua exclusão. Após várias análises exploratórias, seguindo a regra de valor próprio superior a 1 e através do *Scree Plot*, concluiu-se que retirando os itens 6, 9, 11 e 19, que se obtinha uma estrutura fatorial mais simples, com três fatores que explicavam 52.95% da variância total.

Tendo em conta o número de itens do QOOS (16 itens), pode-se considerar que o número de fatores extraídos pela Análise Fatorial Exploratória (3 fatores) é adequado. Com efeito, e de acordo com Tabachnick & Fidell (2013), existem várias formas para avaliar a extração e o número de fatores e uma delas é através da análise do número de componentes com valor próprio superior a 1, que se deve encontrar entre o número de variáveis dividido por 3 e o número de variáveis dividido por 5. Considerando esta definição e tendo em conta o número de itens do QOOS, a quantidade de fatores extraídos enquadra-se no intervalo recomendado.

Tabela 6. Estrutura Fatorial do Questionário de opiniões sobre a orientação sexual

Itens	Fatores		
	1	2	3
10. Hesitaria em apoiar pessoas homossexuais com medo de ser confundido/a com elas.	0,702	0,109	-0,045
5. A homossexualidade é uma forma inferior de sexualidade.	0,684	0,405	-0,107
1. Para mim é igual se os/as meus/minhas amigos/amigas são heterossexuais ou homossexuais.	-0,680	-0,248	0,236
4. A legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo abala os princípios fundamentais da sociedade	0,652	0,199	-0,197
2. A homossexualidade é uma perturbação psicológica.	0,627	0,467	-0,054
8. A crescente aceitação da homossexualidade na nossa sociedade está a contribuir para a deterioração dos valores morais.	0,611	0,442	-0,207
7. Um programa escolar de educação sexual deveria referir-se a todas as orientações sexuais.	-0,542	0,058	0,394
3. Acredito que os pais e as mães homossexuais são tão competentes como os pais e as mães heterossexuais.	-0,410	-0,286	0,296
15. Se realmente quisessem, as lésbicas e os gays poderiam ser heterossexuais.	0,112	0,785	-0,038
16. As lésbicas e os gays deveriam submeter-se a terapia para mudar a sua orientação sexual.	0,385	0,740	-0,128
17. Sinto que não se pode confiar numa pessoa que é homossexual.	0,141	0,634	-0,160
18. Quando ouço falar numa relação amorosa, parto do princípio que são duas pessoas do sexo oposto.	0,191	0,498	-0,116
12. As pessoas que assumem a sua homossexualidade devem ser admiradas pela sua coragem.	0,006	-0,008	0,790
20. Vejo o movimento gay como algo positivo.	-0,359	-0,160	0,673
13. As lésbicas e os gays ainda precisam de lutar por direitos iguais.	-0,227	-0,104	0,633

14. Celebrações como o “dia do orgulho gay” são ridículas porque assumem que a orientação sexual deve constituir um motivo de orgulho.	0,113	0,290	-0,585
Porcentagem de Variância de Explicada	21.81	16.93	14.21
Alpha de Cronbach	.852	.755	.693
Média	2.06	2.37	3.85
Desvio Padrão	1.02	1.05	1.16

Por sua vez, o Teste de Esfericidade de Bartlett apresentou um $p < .001$, pelo que se conclui que é significativo, ou seja, as variáveis correlacionam-se de forma significativa. Em relação à Medida de Adequação da Amostra apresenta um KMO = .899 pelo que a fatorabilidade da matriz de correlações apresenta um índice bom (Maroco, 2007).

Como se pode verificar na Tabela 6, foi obtida uma estrutura fatorial com três fatores, sendo que o primeiro fator explica 21.81% da variância total e agrupa os itens 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8 e 10. O segundo fator explicativo de 16.93%, agrupa os itens 2, 15, 16, 17 e 18. Por último, o terceiro fator explica 14.21% da variância total e inclui os itens 12, 13, 14 e 20.

Tendo em conta o significado semântico dos itens agrupados em cada fator, o primeiro foi denominado Rejeição de Proximidade. A rejeição de proximidade surge como uma expressão mais clássica de preconceito, relacionando-se com a rejeição e/ou evitamento da convivência com pessoas LGB, acompanhado do manifesto de emoções negativas direcionadas a estas pessoas (Marinho *et al.*, 2004), expressas, por exemplo, através de afirmações como: “*Hesitaria em apoiar pessoas homossexuais com medo de ser confundido/a com elas*”.

O segundo fator foi denominado de Homopatologização. Segundo Carneiro (2009), a homopatologização, tal como o nome indica, refere-se à patologização e condenação moral da homossexualidade (e.g. *As lésbicas e os gays deveriam submeter-se a terapia para mudar a sua orientação sexual*).

Como se pode verificar, o item 2 (*A homossexualidade é uma perturbação psicológica*) satura nestes dois fatores. Considerando o seu conteúdo semântico e as definições dos fatores, percebemos que este item, por um lado, pode representar um carácter mais tradicional e aversivo (homopatologização), por outro, traz consigo um carácter de evitamento e/ou rejeição da homossexualidade (rejeição de proximidade).

O terceiro e último fator foi denominado de Suporte, já que diz respeito a expressões positivas relativas à visibilidade/expressão de identidades LGB (e.g. *Vejo o movimento gay como algo positivo*). Sendo o único fator positivo, na apresentação dos resultados, enquanto as médias para os outros fatores representam níveis mais elevados de preconceito

relativamente a pessoas homossexuais, as médias neste fator representam exatamente o contrário, referindo-se a expressões de aceitação e suporte de pessoas LGB.

No que diz respeito à análise da consistência interna (fiabilidade) utilizou-se o *Alpha de Cronbach* que deve ter como valor mínimo .70 (Pallant, 2007).

Tendo em conta o valor mínimo recomendado para o *Alpha de Cronbach* verificou-se que os fatores Rejeição de Proximidade ($\alpha = .85$) e Homopatologização ($\alpha = .75$) apresentam alphas superiores a esse valor. No entanto, o fator Suporte apresenta um α inferior ao recomendado ($\alpha = .69$). Assim, realizou-se uma análise de correlação inter-item, recomendada quando o α é inferior a .70. O facto do fator Suporte ter apresentado um α inferior a .70 era expectável, pois é esperado que para fatores com menos de 10 itens o α seja baixo (Pallant, 2007). Após a análise inter-item, em que os valores devem encontrar-se entre .2 e .4, verificou-se que o fator apresentava uma média de correlação de .36, estando esse valor inserido dentro do intervalo recomendado (Pallant, 2007).

3.2. Análise fatorial exploratória e consistência interna do QOH-Masculina

Na primeira análise fatorial utilizando os 27 itens do questionário, resultaram 5 fatores explicativos de 59.7% da variância total. No entanto, a matriz fatorial era complexa e de difícil interpretação já que alguns itens saturavam em mais do que um fator ao mesmo tempo. Após várias tentativas, uma nova análise fatorial com a retirada dos itens 20, 21, 23, 26 e 27 e seguindo a regra de valor próprio superior a 1 e através do *Scree Plot*, permitiu obter uma estrutura fatorial de quatro fatores explicativos de 55.33% da variância total como explicitado na Tabela 7. Tendo em conta os itens que constituem este instrumento (22 itens), a estrutura fatorial é adequada pois encontra-se entre o intervalo de 7 e 4 (Tabachnick & Fidell, 2013).

Por sua vez, o Teste de Esfericidade de Bartlett apresentou um $p < .001$, pelo que se conclui que é significativo, ou seja, as variáveis correlacionam-se de forma significativa. Em relação à Medida de Adequação da Amostra apresenta um $KMO = .901$ pelo que a fatorabilidade da matriz de correlações apresenta um índice excelente (Maroco, 2007).

Como se pode verificar na Tabela 7, foi obtida uma estrutura fatorial de quatro fatores, em que o primeiro fator explica 19.03% da variância total e agrupa os itens 1, 2, 3, 5, 7, 10, 18, 19. O segundo fator explicativo de 14.60%, agrupa os itens 4, 11, 14, 15, 16 e 24. O terceiro fator explica 12.63% da variância total e contempla os itens 6, 8, 9, 12 e 25. Por último, o quarto fator explica 9.07% da variância total e conta com os itens 13, 17, e 22.

Considerando a semântica dos itens que constituem esta escala, o primeiro fator foi denominado de Rejeição de Proximidade, já que os itens incluídos relacionam-se com o evitamento e manifestação de emoções negativas direcionadas a pessoas LGB (e.g. *Os gays enervam-me*). Para além disso, estes itens pertenciam também a esta categoria na escala original (EMAFLG).

O segundo fator, foi denominado Homonegatividade Tradicional. Atentando aos pressupostos teóricos considerados por Morrison e Morrison (2002) relativamente à homonegatividade moderna, isto é, às expressões de descontentamento relacionadas com formas de preconceito mais modernas (e.g. Descontentamento com o casamento homossexual), a homonegatividade tradicional tenta exprimir comportamentos aversivos de uma natureza mais clássica, tendo como base questões morais e/ou religiosas em que as pessoas homossexuais são tomadas como transgressoras (Gato, Carneiro & Fontaine 2011). Neste fator foram agrupados itens como: “*Os homens que são homossexuais não tiveram uma educação adequada*”.

O terceiro fator foi denominado Visibilidade/Expressão de Género e diz respeito ao desconforto tendo em conta a crescente visibilidade por parte de pessoas LGBT, seja ela relacionada com a expressão de diferentes vivências (Gato *et al.*, 2012) ou direcionada para a privatização de comportamentos considerados desadequados para os espaços públicos e/ou contextos sociais (e.g. *Os gays devem conter as suas demonstrações de afeto em público; É errado os homens homossexuais manifestarem afeto uns pelos outros à frente de crianças*).

Por último, o quarto fator foi denominado Transgressão dos papéis de género/Assunções sobre a homossexualidade. Como foi referido anteriormente, desde que nascemos que nos são atribuídos, papéis normativos de acordo com o nosso sexo biológico (Carneiro, 2009). Esses papéis envolvem não só comportamentos, mas também formas de vestir, de agir, decretando também o que é ideal em termos de relações amorosas - homem e mulher - e, quem não se encaixa nesses papéis construídos socialmente, é visto/a como transgressor/a das normas de género (Carneiro, 2009). Este fator refere-se à perceção de transgressão dos papéis normativos e agrupa itens como “*Se visse um rapaz maquilhado assumiria que era homossexual*”.

No que diz respeito à análise da consistência interna (fiabilidade) utilizou-se o *Alpha de Cronbach*, que deve ter como valor mínimo .70 (Pallant, 2007). Tendo em conta o valor mínimo recomendado, verificou-se que os fatores Rejeição de Proximidade ($\alpha = .87$),

Homonegatividade Tradicional ($\alpha = .78$) e Visibilidade ($\alpha = .77$) apresentam um α superior a esse valor. O fator Transgressão dos papéis de Gênero apresentou um α inferior a $.70$ ($\alpha = .65$). Assim, realizou-se uma análise de correlação inter-item, recomendado quando o α é inferior a $.70$ e adequado quando o número de itens é reduzido. Na análise inter-item, os valores devem encontrar-se entre $.2$ e $.4$ e verificou-se que o fator Transgressão das Normas de Gênero apresentava uma média de correlação de $.38$, estando esse valor inserido no intervalo recomendado (Pallant, 2007).

Tabela 7. Estrutura Fatorial do Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Masculina

Itens	Fatores			
	1	2	3	4
19. Nas eleições, não votaria num candidato que fosse gay.	0,767	0,169	0,128	0,235
18. Sentir-me-ia desconfortável se soubesse que o professor da minha filha fosse gay.	0,712	0,311	0,140	0,309
5. Sentir-me-ia desconfortável se soubesse que o professor do meu filho fosse gay.	0,667	0,261	0,249	0,175
2. Se fosse pai ou mãe aceitaria se o meu filho fosse homossexual.	-0,632	-0,234	-0,301	-0,129
3. Não me importo que uma empresa contrate uma figura pública abertamente gay para fazer publicidade aos seus produtos.	-0,619	0,109	-0,334	0,035
7. Sentir-me-ia pouco à vontade se descobrisse que o meu médico não era heterossexual.	0,610	0,396	0,132	0,154
10. Não me importaria de trabalhar com uma pessoa que fosse gay.	-0,609	-0,323	0,178	0,065
1. Os gays enervam-me.	0,531	0,383	0,270	0,063
15. Os homens homossexuais têm mais dificuldade em estabelecer relações duradouras.	0,162	0,677	0,206	0,167
4. No fundo, os homens homossexuais gostavam de ser mulheres.	0,266	0,624	0,259	-0,094
24. Os homens homossexuais são mais promíscuos.	0,226	0,616	0,185	0,264
14. Os homens que são homossexuais não tiveram uma educação adequada.	0,292	0,603	0,009	0,260
16. Nos casais gay há sempre um que faz de "homem" e outro de "mulher".	0,075	0,598	0,247	0,114
11. Os gays são homossexuais porque nunca encontraram a mulher certa.	0,351	0,409	0,195	0,006
25. Se o meu filho fosse homossexual preferia que não fosse efeminado.	0,125	0,145	0,731	0,250
9. Não tenho nada contra gays desde que não sejam muito femininos.	0,062	0,088	0,671	0,047
8. É errado os homens homossexuais manifestarem afeto uns pelos outros à frente de crianças.	0,394	0,320	0,621	0,102
6. Os gays devem conter as suas demonstrações de afeto em locais públicos.	0,302	0,305	0,597	0,013
12. Se pudesse escolher, preferia que o meu filho não fosse homossexual.	0,138	0,362	0,570	0,048

13. Se visse um rapaz maquilhado assumiria que era homossexual.	0,143	0,100	0,006	0,791
22. Se visse dois homens de mão dada assumia, automaticamente, que era homossexuais.	-0,023	0,245	0,226	0,724
17. Se um rapaz me dissesse que gostava de fazer ballet eu desconfiaria que esse rapaz era homossexual.	0,415	0,046	0,099	0,589
Percentagem de Variância Explicada	19.03	14.60	12.63	9.07
Alpha de Cronbach	.874	.778	.767	.650
Média	2.00	2.38	3.43	2.72
Desvio Padrão	1.04	1.01	1.32	1.16

3.3. Análise fatorial exploratória e consistência interna do QOH-Feminina

Na primeira análise fatorial utilizando os 27 itens, resultaram 5 fatores explicativos de 61.4% da variância total. No entanto, a matriz fatorial era complexa e de difícil interpretação já que alguns itens saturavam em mais do que um fator ao mesmo tempo. Após várias tentativas e considerando a dispersão dos itens, optou-se por forçar a Análise Fatorial Exploratória a 4 fatores e verificou-se que a inclusão dos itens 1, 4, 5, 7, 18 e 23 tornavam a matriz mais complexa, portanto, surgiu a necessidade de exclusão dos mesmos para se realizar de novo a Análise Fatorial Exploratória. Seguindo a regra de valor próprio superior a 1 e através do *Scree Plot* concluiu-se que retirando os itens acima mencionados e forçando a 4 fatores a estrutura relacional dos itens do QOH-Feminina em estudo, seria explicada por quatro fatores de 57.94% da variância total.

Por sua vez, o Teste de Esfericidade de Bartlett apresentou um $p < .001$, pelo que se conclui que é significativo, ou seja, as variáveis correlacionam-se de forma significativa. Em relação à Medida de Adequação da Amostra apresenta um $KMO = .905$ pelo que a fatorabilidade da matriz de correlações apresenta um índice excelente (Maroco, 2007).

Como se pode verificar na Tabela 8, foi obtida uma estrutura fatorial de quatro fatores em que o primeiro fator explica 19.04% da variância total e agrupa os itens 11, 14, 15, 16, 21, 24 e 26. O segundo fator explicativo de 17.10%, agrupa os itens 6, 8, 9, 12, 20, 25 e 27. O terceiro fator explica 11.35% da variância total e contempla os itens 2, 3, 10, e 19. Por último, o quarto fator explica 10.45% da variância total e conta com os itens 13, 17, 22 e 19.

Considerando a semântica dos itens que constituem esta escala o primeiro fator foi denominado de Homonegatividade Tradicional (e.g. *As lésbicas são homossexuais porque perderam o respeito pelos valores morais da sociedade*) o segundo foi nomeado Visibilidade/Expressão de Género (e.g. *É errado as mulheres lésbicas manifestarem afeto umas pelas outras à frente de crianças*) o terceiro fator foi intitulado Rejeição de Proximidade (e.g. *Se fosse pai ou mãe aceitaria se a minha filha fosse homossexual*) e, por último, o quarto fator foi designado Transgressão dos papéis de género/Assunções sobre a homossexualidade

(e.g. *As mulheres que praticam desportos violentos são, geralmente, lésbicas*). Tendo em conta o significado dos fatores, percebe-se a saturação do item 19 (*Nas eleições não votaria numa candidata que fosse lésbica*) nos fatores Rejeição de Proximidade e Transgressão das Normas de Género. Poder-se-á inferir que a sua saturação não se relaciona apenas com questões que dizem respeito à orientação sexual, mas também com o papel das mulheres na vida política.

Tabela 8. Estrutura Fatorial do Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Feminina

Itens	Fatores			
	1	2	3	4
14. As mulheres que são homossexuais não tiveram uma educação adequada.	0,723	0,121	0,327	0,191
26. As lésbicas são homossexuais porque perderam o respeito pelos valores morais da sociedade,	0,699	0,190	0,351	0,073
21. Se a minha filha fosse lésbica pedia-lhe que não contasse nem à minha família nem aos/às meus/minhas amigos/as.	0,625	0,252	0,328	0,159
24. As lésbicas são mais promíscuas.	0,620	0,333	0,056	0,304
15. As lésbicas têm mais dificuldades em estabelecer relações amorosas duradouras.	0,614	0,349	-0,026	0,272
11. As lésbicas são homossexuais porque nunca encontraram o homem certo.	0,604	0,197	0,325	-0,079
16. Nos casais de lésbicas há sempre uma que faz e “homem” e outra de “mulher”.	0,563	0,315	-0,045	0,224
6. As lésbicas devem conter as suas demonstrações de afeto em locais públicos.	0,154	0,762	0,246	0,030
8. É errado as mulheres lésbicas manifestarem afeto umas pelas outras à frente de crianças.	0,302	0,727	0,252	0,052
20. Incomodar-me-ia se visse duas mulheres a beijarem-se.	-0,067	0,691	0,420	0,332
12. Se pudesse escolher, preferia que a minha filha não fosse homossexual.	0,366	0,650	-0,041	-0,014
27. As lésbicas devem restringir as suas demonstrações de afeto aos locais que lhe são destinados (discotecas e cafés gays).	0,401	0,602	0,352	0,053
25. Se a minha filha fosse homossexual preferia que não fosse masculina.	0,388	0,523	-0,208	0,333
9. Não tenho nada contra lésbicas desde que não sejam muito masculinas.	0,308	0,453	-0,097	0,187
10. Não me importaria de trabalhar com uma pessoa que fosse lésbica.	-0,118	0,003	-0,717	-0,039
3. Não me importo que uma empresa contrate uma figura abertamente lésbica para fazer publicidade aos seus produtos.	-0,153	-0,137	-0,703	-0,146
2. Se fosse pai ou mãe aceitaria se a minha filha fosse homossexual.	-0,392	-0,287	-0,467	-0,126

22. Se visse duas mulheres de mão dada assumia, automaticamente, que eram homossexuais.	-0,019	0,152	0,032	0,734
13. Quando vejo mulheres vestidas de forma mais masculina do que os homens, sinto-me desconfortável.	0,212	0,133	0,188	0,693
17. As mulheres que praticam desportos mais violentos são, geralmente, lésbicas.	0,378	-0,104	0,108	0,626
19. Nas eleições não votaria numa candidata que fosse lésbica.	0,340	0,318	0,425	0,438
Percentagem de Variância Explicada	19.04	17.10	11.35	10.45
Alpha de Cronbach	.863	.844	.716	.689
Média	2.09	2.96	2.02	1.90
Desvio-padrão	1.03	1.28	1.10	.95

No que diz respeito à análise da consistência interna (fiabilidade), utilizou-se o *Alpha de Cronbach*, que deve ter como valor mínimo .70 (Pallant, 2007). A análise revelou que α dos fatores Homonegatividade Tradicional ($\alpha = .86$), Visibilidade ($\alpha = .84$) e Rejeição de Proximidade ($\alpha = .72$), era adequado e superior a .70. No entanto o α do fator Transgressão das Normas de Género era menor que o valor mínimo recomendado ($\alpha = .69$). Assim, realizou-se uma análise de correlação inter-item, adequado quando o α não atinge o valor mínimo (Pallant, 2007). Após a análise inter-item, verificou-se que o fator apresentava uma média de correlação de .36, sendo que esse valor se enquadra no intervalo recomendado (Pallant, 2007).

Tendo em conta a análise fatorial exploratória aos dois questionários, percebemos que a tipologia dos preconceitos é a mesma, dado o agrupamento de itens equivalentes nos dois questionários resultando nos mesmos fatores. No entanto, apesar da tipologia ser a mesma o peso fatorial é diferente. Se atentarmos a Tabela 7, percebemos que o fator que tem maior percentagem de variância quando nos referimos a atitudes relativamente à homossexualidade masculina, é o fator que agrupa itens relacionados com a Rejeição de Proximidade. No entanto, quando atentamos a Tabela 8 percebemos que relativamente à homossexualidade feminina, o fator com maior percentagem de variância é o fator que agrupa itens relacionados com a Homonegatividade Tradicional.

3.4. Análise descritiva dos fatores do QOOS e dos QOH-Masculina e QOH-Feminina

3.4.1. Análise descritiva dos fatores do QOOS

Realizou-se a análise descritiva dos fatores do QOOS de forma a perceber a média, o desvio padrão e os mínimos e máximos de cada fator desta escala. Nos três fatores, os valores mínimo e máximo são de 1 e 6, respetivamente. Considerando o fator Rejeição de Proximidade a $M = 2.06$ e o desvio-padrão é de 1.02. Para o fator Homopatologização a $M =$

2.37 e o desvio-padrão é de 1.05 e, por último, para o fator Suporte a M = 3.85 e o desvio-padrão é de 1.16 (Tabela 9).

Tabela 9. Médias e desvios-padrão dos fatores do QOOS

Fatores	Média	Desvio-padrão
Rejeição de Proximidade	2.06	1.02
Homopatologização	2.37	1.05
Suporte	3.85	1.16

3.4.2. Análise descritiva dos fatores do QOH-Masculina e QOH-Feminina

Realizou-se a análise descritiva dos fatores dos QOH-Masculina e QOH-Feminina de forma a perceber a média, o desvio padrão e os mínimos e máximos de cada fator das escalas. Nos quatro fatores dos dois questionários, os valores de mínimo e máximo são 1 e 6, respetivamente. Considerando o QOH-Masculina, para o fator Rejeição de Proximidade a M = 2.00 e o desvio-padrão é de 1.04. Para o fator Homonegatividade Tradicional a M = 2.38 e o desvio-padrão é de 1.01. Atentando o terceiro fator Visibilidade a M= 3.43 e o desvio-padrão é de 1.32. Por último, para o fator Transgressão das Normas de Género a M = 2.72 e o desvio-padrão é de 1.16 (Tabela 10).

Tabela 10. Médias e desvios padrão, dos fatores dos QOH-Masculina e QOH-Feminina

Fatores	Média	Desvio Padrão
M. Rejeição de Proximidade	2.00	1.04
M. Homonegatividade Tradicional	2.38	1.01
M. Visibilidade	3.43	1.32
M. Transgressão das Normas de Género	2.72	1.16
F. Rejeição de Proximidade	2.02	1.10
F. Homonegatividade Tradicional	2.09	1.03
F. Visibilidade	2.96	1.28
F. Transgressão das Normas de Género	1.90	.95

Considerando o QOH-Feminina, para o fator Homonegatividade Tradicional a $M = 2.09$ e o desvio-padrão é de 1.03. Para o fator Visibilidade a $M = 2.96$ e o desvio-padrão é de 1.28. Atentando o terceiro fator Rejeição de Proximidade a $M = 2.02$ e o desvio-padrão é de 1.10. Por último, para o fator Transgressão das Normas de Género a $M = 1.90$, o desvio-padrão é de .95 e o mínimo é 1 sendo o valor máximo 6.

3.5. Relação entre fatores do QOOS e dos QOH-Masculina e QOH-Feminina

Procedeu-se à análise do Coeficiente de Correlação de Pearson que permite averiguar se duas (ou mais) variáveis intervalares estão associadas (Martins, 2007) entre os fatores do QOOS e os fatores dos *Questionários de Opiniões sobre a Homossexualidade Masculina e Feminina* para perceber de que forma estes fatores associavam-se uns com os outros (Tabela 11).

Os resultados foram interpretados de acordo com as seguintes designações: um r inferior a .20 (ou -.20) é considerado muito baixo, revelando uma associação muito fraca; um r entre .20 e .39 (ou -.20 e -.39) é considerado baixo, revelando uma associação fraca; um r entre .40 e .69 (ou entre -.40 e -.69) é considerado médio e revela uma associação forte; um r entre .70 e .89 (ou entre -.70 e -.89) é considerado alto e revela uma associação forte e, por último, um r entre .90 e 1.00 (ou entre -.90 e -1.00) é considerado alto, revelando uma associação muito forte (Pestana e Gageiro, 2008). A avaliação do Coeficiente de correlação de Pearson é realizada através da direção, portanto, como está acima mencionado, pode ser positiva ou negativa e através da magnitude (variando entre -1 e +1) (Martins, 2007).

Analisando os resultados do Coeficiente de Correlação de Pearson (r) entre os fatores do *Questionário de opiniões sobre orientação sexual* verificamos a existência de correlações positivas elevadas entre o fator Rejeição de Proximidade e Homopatologização ($r = .72, p < .001$) e correlações negativas entre os fatores Suporte, Rejeição de Proximidade e Homopatologização (respetivamente, $r = .53, p < .001$; $r = .39, p < .001$).

Analisando a correlação entre os fatores do *Questionário de opiniões sobre a homossexualidade masculina*, percebemos que as relações são positivas e moderadas, de uma forma geral, entre os fatores Rejeição de Proximidade, Homonegatividade Tradicional, Visibilidade e Transgressão das Normas de Género, havendo apenas uma relação positiva fraca entre o fator Visibilidade e Transgressão das Normas de Género ($r = .35, p < .001$).

Relativamente à associação entre os fatores do *Questionário de opiniões sobre a homossexualidade feminina* as correlações entre os fatores, Rejeição de Proximidade, Visibilidade, Homonegatividade Tradicional e Transgressão das Normas de Género são todas positivas e moderadas.

Considerando as correlações entre todos os fatores dos três questionários, considerando a associação entre os fatores do *Questionário de Opiniões sobre a orientação sexual* e o *Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Masculina*, as correlações mais elevadas são entre os fatores Rejeição de Proximidade (QOOS) e Rejeição de Proximidade (QOH-Masculina) ($r = .80, p < .001$) e entre os fatores Homopatologização (QOOS) e Homonegatividade Tradicional (QOH-Masculina) ($r = .72, p < .001$).

Relativamente às correlações entre os fatores do *Questionário de opiniões sobre a orientação sexual* e o *Questionário de opiniões sobre a homossexualidade feminina* as correlações mais elevadas são entre os fatores Homopatologização (QOOS) e Homonegatividade Tradicional (QOH-Feminina) ($r = .75, p < .001$) e entre os fatores Rejeição de Proximidade (QOOS) e Homonegatividade Tradicional (QOH-Feminina) ($r = .73, p < .001$).

Por último, considerando os fatores do *Questionário de opiniões sobre a homossexualidade masculina* e os fatores do *Questionário de opiniões sobre a homossexualidade feminina*, as correlações mais elevadas são entre os fatores Homonegatividade Tradicional (QOH-Masculina) e Homonegatividade Tradicional (QOH-Feminina) ($r = .86, p < .001$); entre os fatores Visibilidade (QOH-Masculina) e Visibilidade (QOH-Feminina) ($r = .86, p < .001$); entre o fator Rejeição de Proximidade (QOH-Masculina) e o fator Rejeição de Proximidade (QOH-Feminina) ($r = .78, p < .001$) e, por último, entre o fator Rejeição de Proximidade (QOH-Masculina) e Homonegatividade Tradicional (QOH-Feminina) ($r = .74, p < .001$).

Tabela 11. Coeficiente de Correlação de Pearson (r) entre fatores do Questionário de Opiniões sobre a Orientação Sexual, do QOH-Masculina e QOH-Feminina

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1)Rejeição de Proximidade (QOOS)	-										
2)Homopatologização (QOOS)	.716**	-									
3)Suporte (QOOS)	-.525**	-.386**	-								
4)M.Rejeição de Proximidade	.799**	.695**	-.507**	-							
5)M.Homonegatividade Tradicional	.641**	.715**	-.374**	.656**	-						
6)M.Visibilidade	.601**	.592**	-.452**	.577**	.603**	-					
7)M.Transgressão das Normas de Género	.361**	.374**	-.245**	.420**	.416**	.352**	-				
8)F.Homonegatividade Tradicional	.734**	.751**	-.391**	.742**	.856**	.608**	.474**	-			
9)F.Visibilidade	.681**	.633**	-.486**	.648**	.623**	.864**	.384**	.686**	-		
10)F.Rejeição de Proximidade	.679**	.518**	-.412**	.775**	.501**	.430**	.292**	.601**	.527**	-	
11)F.Transgressão das Normas de Género	.481**	.445**	-.279**	.608**	.459**	.368**	.605**	.567**	.488**	.545**	-

** . Correlação é significativa ao nível 0.01 (2 extremidades)

3.6. Análise inferencial dos resultados

Com o intuito de responder às questões de investigação, foram analisadas diferenças ao nível dos fatores do QOH-Masculina e do QOH-Feminina. Seguidamente, foram analisadas diferenças entre as informações recolhidas através do Questionário Sociodemográfico em contraste com os fatores que constituem o QOOS e os QOH-Masculina e QOH-Feminina. Essas diferenças dizem respeito às variáveis sexo, idade, grau de escolaridade, posição política e religiosa e sobre o conhecimento e grau de proximidade com pessoas LGB.

3.6.1. Diferenças de médias entre os fatores dos QOH-Masculina e QOH-Feminina

O objetivo principal desta investigação era tentar perceber a multidimensionalidade dos preconceitos face a gays e lésbicas e se existiam diferenças ao nível da distribuição dos preconceitos.

Através da análise à Tabela 12, verificamos que, de facto, existem diferenças. Apesar da tipologia dos preconceitos ser a mesma, tanto para a homossexualidade masculina como feminina, existem diferenças estatisticamente significativas entre os fatores Homonegatividade Tradicional, Visibilidade e Transgressão das Normas de Género.

Analisando a média dos fatores, evidenciamos que a homossexualidade masculina é mais discriminada que a feminina, nos fatores acima mencionados.

Tanto no QOH-Masculina como no QOH-Feminina, a dimensão em que parece haver mais discriminação é a Visibilidade, que remete para o desconforto no confronto com orientações sexuais não normativas, seguindo a premissa de “Desde que eles não mostrem” (Pelixo, 2014). No entanto, as restantes dimensões tomam relevâncias diferentes, quando nos referimos, distintamente, à homossexualidade masculina e feminina. Na homossexualidade masculina, a segunda dimensão em que existe mais discriminação é na que diz respeito à Transgressão das Normas de Género, seguida da dimensão Homonegatividade Tradicional, enquanto na homossexualidade feminina, a dimensão mais discriminada, a seguir à Visibilidade, diz respeito à Homonegatividade Tradicional, seguida da Transgressão das Normas de Género.

Isto sugere, uma vez mais, que apesar da tipologia do preconceito ser a mesma para gays e lésbicas, que existem diferenças quanto ao grau de preconceito face à homossexualidade masculina e feminina, sendo sempre superior face a gays, exceto no fator Rejeição de Proximidade em que, apesar de não haver diferenças estatisticamente significativas, a média desse fator é superior no QOH-Feminina.

Tabela 12. Comparação de médias entre os diferentes fatores dos QOH-Masculina e QOH-Feminina (Paired samples t-test)

Fatores	Média		Desvio Padrão		t (250)	P
	M	F	M	F		
Rejeição de Proximidade	2.01	2.02	1.04	1.10	.319	.750
Homonegatividade Tradicional	2.38	2.09	1.01	1.03	8.39	<.001
Visibilidade	3.43	2.96	1.32	1.28	11.06	<.001
Transgressão das Normas de Género	2.72	1.90	1.16	.95	13.52	<.001

3.6.2. Diferenças de médias em função do sexo

De forma a tentar perceber se havia diferenças entre os/as participantes de acordo com o seu sexo, realizou-se o teste *t* para comparar a média e os desvios padrão entre esta variável e os fatores dos QOOS, QOH-Masculina e QOH-Feminina.

Tabela 13. Comparação de médias entre o sexo dos/as participantes e os fatores do QOOS (teste *t*)

Fatores	Sexo		t (249)	P
	Masculino (n = 126) Média (DP)	Feminino (n = 125) Média (DP)		
Rejeição de Proximidade	2.25 (1.08)	1.86 (.91)	3.10	.002
Homopatologização	2.62 (1.09)	2.12 (.95)	3.89	<.001
Suporte	3.58 (1.13)	4.12 (1.14)	3.85	.325

Conforme apresentado na Tabela 13, existem diferenças estatisticamente significativas entre os participantes do sexo masculino e as participantes do sexo feminino ao nível da Rejeição da Proximidade ($t_{(249)} = 3.10$ e $p = .002$) e Homopatologização ($t_{(249)} = 3.89$, $p < .001$). Atentando essas diferenças, percebemos que em todos os fatores os participantes do sexo masculino apresentam atitudes mais preconceituosas que as participantes do sexo feminino.

De seguida, analisou-se a mesma variável (sexo) em comparação com os fatores do QOH-Masculina e QOH-Feminina representados na Tabela 14.

Tabela 14. Comparação de médias entre o sexo dos/as participantes e os fatores dos QOH-Masculina e QOH-Feminina

Fatores	Sexo		<i>t</i> (249)	<i>P</i>
	Masculino (n = 126) Média (DP)	Feminino (n = 125) Média (DP)		
M.Rejeição de Proximidade	2.26 (1.15)	1.75 (.85)	3.94	<.001
M.Homonegatividade Tradicional	2.58 (1.00)	2.18 (.99)	3.14	.002
M.Visibilidade	3.81 (1.18)	3.06 (1.34)	4.71	<.001
M.Transgressão das Normas de Género	2.81 (1.23)	2.63 (1.08)	1.26	.210
F. Rejeição de Proximidade	2.14 (1.19)	1.90 (.99)	1.77	.079
F. Homonegatividade Tradicional	2.28 (1.08)	1.89 (.93)	3.03	.003
F. Visibilidade	3.22 (1.22)	2.70 (1.29)	3.31	.001
F. Transgressão das Normas de Género	1.98 (1.06)	1.83 (.82)	1.25	.214

Como se pode verificar através da Tabela 14 existem diferenças estatisticamente significativas entre o sexo dos/as participantes e os fatores Rejeição de Proximidade ($t_{(249)} = 3.94$, $p < .001$), Homonegatividade Tradicional ($t_{(249)} = 3.14$, $p = .002$) e Visibilidade ($t_{(249)} = 4.71$, $p < .001$) do QOH-Masculina e entre os fatores Homonegatividade Tradicional ($t_{(249)} = 3.03$, $p = .003$) e Visibilidade ($t_{(249)} = 3.31$, $p = .001$) do QOH-Feminina. Em relação aos fatores Rejeição de Proximidade e Transgressão das Normas de Género do QOH-Feminina, não existem diferenças estatisticamente significativas.

Percebemos assim que os participantes do sexo masculino têm atitudes mais negativas que as participantes do sexo feminino, tanto para a homossexualidade masculina como feminina. No entanto, ambos os sexos são mais discriminatórios com a homossexualidade masculina.

3.6.3. Relação entre a idade e os fatores dos QOOS, QOH-Masculina e QOH-Feminina

Decidiu-se realizar uma análise do coeficiente de correlação de Pearson entre a variável idade e os fatores dos QOOS, QOH-Masculina e QOH-Feminina (Tabela 15).

Tabela 15. Coeficiente de Correlação de Pearson (r) entre a idade e os fatores do QOOS, do QOH-Masculina e QOH-Feminina

	Idade
Idade	-
Rejeição de Proximidade (QOOS)	.300**
Homopatologização (QOOS)	.484**
Suporte (QOOS)	-.157*
M.Rejeição de Proximidade	.315**
M.Homonegatividade Tradicional	.430**
M.Visibilidade	.351**
M.Transgressão das Normas de Género	.073
F.Homonegatividade Tradicional	.409**
F.Visibilidade	.383**
F.Rejeição de Proximidade	.241**
F.Transgressão das Normas de Género	.177**

** . Correlação é significativa ao nível 0.01 (2 extremidades)

*. Correlação é significativa ao nível 0.05 (2 extremidades)

Analisando os resultados do Coeficiente de correlação de Pearson (r) entre a idade e os fatores dos QOOS, QOH-Masculina e QOH-Feminina, verificamos a existência de correlações positivas e moderadas entre esta variável e os fatores Homopatologização ($r = .48$, $p < .001$) do QOOS, Homonegatividade Tradicional ($r = .43$, $p < .001$) do QOH-Masculina e Homonegatividade Tradicional ($r = .41$, $p < .001$) do QOH-Feminina.

Existem também relações positivas e fracas entre a idade e os fatores Rejeição de Proximidade ($r = .30$, $p < .001$) do QOOS; Rejeição de Proximidade ($r = .32$, $p < .001$) e Visibilidade ($r = .35$, $p < .001$) do QOH-Masculina e Rejeição de Proximidade ($r = .24$, $p < .001$) e Visibilidade ($r = .38$, $p < .001$) do QOH-Feminina. A análise revelou ainda uma relação positiva muito fraca entre a variável idade e o fator Transgressão das Normas de Género ($r = .18$, $p < .001$) do QOH-Feminina. Por último, existe uma relação negativa muito fraca entre esta variável e o fator Suporte ($r = .16$, $p < .001$) do QOOS.

Os resultados parecem sugerir que, à medida que a idade vai aumentando, o preconceito relativamente à homossexualidade aumenta também. Isto quer dizer que, pessoas com idades mais velhas, têm tendência a ter atitudes mais negativas que os/as participantes mais novos/as. Existe uma maior correlação entre a idade e os fatores homopatologização (QOOS) e Homonegatividade Tradicional (QOH-Masculina e QOH-Feminina), portanto quão mais avançada é a idade, maior é o sentido de patologização e

condenação moral da homossexualidade e, é de referir que o facto do fator Transgressão das Normas de Género do QOH-Masculina e a idade dos/as participantes não ter revelado diferenças estatisticamente significativas, infere-se que independentemente da idade, itens relacionados com a transgressão das normas de género no sexo masculino, são os menos aceites por todos/as.

3.6.4. Diferenças de médias em função do grau de escolaridade

Relativamente ao grau de escolaridade, concluído ou a frequentar, decidiu-se agrupar em três grupos: Ensino Básico (1º ao 9º ano de escolaridade); Ensino Secundário/Profissional (10º-12º ano de escolaridade) e Ensino Superior (Licenciatura e Mestrado).

Como apresentado na Tabela 17, existem diferenças estatisticamente significativas entre a idade e os fatores Rejeição de Proximidade ($F(2, 247) = 15.73, p <.001$) e Homopatologização ($F(2, 247) = 38.22, p <.001$).

Os resultados parecem sugerir que, quão menor é o grau de escolaridade, mais elevado será o nível de preconceito, já que os/as participantes que apenas têm o Ensino Básico, são os que discriminam mais a homossexualidade, enquanto que os/as participantes que frequentam ou concluíram o Ensino Superior, são os que discriminam menos a homossexualidade.

O Teste Post-Hoc HSD de Tukey revelou que as diferenças detetadas dizem respeito a diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de diferentes graus de escolaridade, nomeadamente entre o Ensino Básico e Ensino Secundário/Profissional; Ensino Básico e Ensino Superior e Ensino Secundário/Profissional e Ensino Superior nos fatores Rejeição de Proximidade e Homopatologização.

Tabela 16. Comparação de médias e entre o grau de escolaridade dos/as participantes e os fatores do QOOS (ANOVA oneway)

Fatores	Grau de escolaridade			F (2,247)	P	Post-Hoc
	Ensino Básico (n = 62) Média (DP)	Ensino Secundário/ Profissional (n = 83) Média (DP)	Ensino Superior (n=105) Média (DP)			
Rejeição de Proximidade	2.59 (1.13)	2.08 (.94)	1.73 (.86)	15.73	<.001	EB>ESP; $p=.005$ EB>ES; $p<.001$ ESP>ES; $p=.035$
Homopatologização	3.21 (1.25)	2.29 (.85)	1.93 (.73)	38.22	<.001	EB>ESP; $p<.001$ EB>ES; $p<.001$ ESP>ES; $p<.001$
Suporte	3.60 (1.36)	3.88 (1.04)	3.98 (1.12)	2.15	.118	

Legenda: EB - Ensino Básico; ESP - Ensino Secundário/Profissional; ES- Ensino Superior

Relativamente aos QOH-Masculina e QOH-Feminina, foram reveladas diferenças estatisticamente significativas entre a variável idade e os fatores Rejeição de Proximidade ($F(2, 247) = 24.07, p <.001$), Homonegatividade Tradicional ($F(2, 247) = 34.54, p <.001$) e Visibilidade ($F(2, 247) = 17.81, p <.001$) do QOH-Masculina e os fatores Rejeição de Proximidade ($F(2, 247) = 16.27, p <.001$), Homonegatividade Tradicional ($F(2, 247) = 32.54, p <.001$), Visibilidade ($F(2, 247) = 21.22, p <.001$) e Transgressão das Normas de Género ($F(2, 247) = 8.65, p <.001$) do QOH-Feminina, como poderemos verificar na Tabela 17.

Semelhantemente aos resultados do QOOS, são novamente os/as participantes com menor grau de escolaridade (Ensino Básico) que têm mais preconceitos relativamente à homossexualidade masculina e feminina sendo que a masculina é a mais discriminada.

Tabela 17. Comparação de médias entre os fatores dos QOH-Masculina e QOH-Feminina e o grau de escolaridade dos/as participantes (ANOVA oneway)

Fatores	Grau de Escolaridade			F (2,247)	P	Post-Hoc
	Ensino Básico (n = 62) Média (DP)	Ensino Secundário/ Profissional (n=83) Média (DP)	Ensino Superior (n=105) Média (DP)			
M. Rejeição de Proximidade	2.69 (1.25)	1.96 (.90)	1.63 (.79)	24.07	<.001	EB>ESP; $p<.001$ EB>ES; $p<.001$
M. Homonegatividade Tradicional	3.17 (.95)	2.27 (.85)	1.99 (.90)	34.54	<.001	EB>ESP; $p<.001$ EB>ES; $p<.001$
M. Visibilidade	4.21 (1.10)	3.33 (1.29)	3.04 (1.26)	17.81	<.001	EB>ESP; $p<.001$ EB>ES; $p<.001$
M.Transgressão das Normas de Género	3.03 (1.23)	2.60 (1.14)	2.63 (1.12)	3.02	.051	
F. Rejeição de Proximidade	2.63 (1.26)	1.98 (1.02)	1.68 (.90)	16.27	<.001	EB>ESP; $p=.001$ EB>ES; $p<.001$
F. Homonegatividade Tradicional	2.89 (1.16)	1.91 (.87)	1.75 (.79)	32.54	<.001	EB>ESP; $p<.001$ EB>ES; $p<.001$
F.Visibilidade	3.79 (1.16)	2.85 (1.25)	2.56 (1.15)	21.22	<.001	EB>ESP; $p<.001$ EB>ES; $p<.001$
F.Transgressão das Normas de Género	2.32 (1.09)	1.77 (.94)	1.76 (.78)	8.65	<.001	EB>ESP; $p=.001$ EB>ES; $p<.001$

Legenda: EB - Ensino Básico; ESP - Ensino Secundário/Profissional; ES- Ensino Superior

3.6.5. Diferenças de médias em função da posição religiosa

De forma a facilitar a análise das diferenças de médias em relação à posição política decidiu-se agrupar os/as participantes por três grupos: Pouco religioso/a (1-4); Moderadamente religioso/a (5-8) e Muito religioso/a (9-12).

Considerando a Tabela 18 existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ao nível do fator Rejeição de Proximidade ($F(2, 248) = 15.12, p <.001$) e ao nível do fator Homopatologização $F(2, 248) = 10.67, p <.001$.

Analisando a Tabela 18, os resultados sugerem que, de uma maneira geral, os/as participantes que dizem ser mais religiosos/as apresentam atitudes mais negativas relativamente à homossexualidade que os/as participantes que são pouco ou moderadamente religiosos/as.

Tabela 18. Comparação de médias entre a posição religiosa e os fatores do QOOS (ANOVA oneway)

Fatores	Posição Religiosa			F(2, 248)	P	Post-Hoc
	Pouco Religioso/a (n=92) Média (DP)	Moderadamente Religioso/a (n=95) Média (DP)	Muito Religioso/a (n=64) Média (DP)			
Rejeição de Proximidade	1.64 (.77)	2.20 (1.03)	2.45 (1.10)	15.12	<.001	PR<MOD.R; p<.001 PR<MTO.R; p<.001
Homopatologização	2.02 (.79)	2.42 (1.04)	2.78 (1.23)	10.67	<.001	PR<MOD.R; p=.024 PR<MTO.R; p<.001
Suporte	4.01 (1.15)	3.75 (1.10)	3.77 (1.28)	1.39	.252	

Legenda: PR-Pouco Religioso/a; Mod.R- Moderadamente Religioso/a; MTO.R- Muito Religioso/a

O Teste Post-Hoc HSD de Tukey revelou que as diferenças detetadas dizem respeito a diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de diferentes posições religiosas, nomeadamente entre o grupo de pouco religioso/a e moderadamente religioso/a; e no grupo pouco religioso/a e muito religioso/a nos fatores Rejeição de Proximidade e Homopatologização.

Em relação às diferenças de médias entre a variável posição religiosa e os fatores do QOH-Masculina e QOH-Feminina, os resultados sugerem que existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ao nível do fator Rejeição de Proximidade ($F(2, 248) = 8.31, p < .001$), Homonegatividade Tradicional ($F(2, 248) = 7.26, p = .001$); Visibilidade ($F(2, 248) = 12.14, p < .001$) e Transgressão das Normas de Género ($F(2, 248) = 6.12, p = .003$) e dos fatores Homonegatividade Tradicional ($F(2, 248) = 10.37, p < .001$), Visibilidade ($F(2, 248) = 16.88, p < .001$); Rejeição da Proximidade ($F(2, 248) = 8.22, p < .001$) e Transgressão das Normas de Género ($F(2, 248) = 8.41, p < .001$) do QOH-Feminina (Tabela 19).

Uma vez mais, os resultados parecem revelar que os/as participantes que dizem ser menos religiosos/as apresentam atitudes menos negativas relativamente à homossexualidade masculina e feminina que os/as restantes participantes. De uma forma geral, a homossexualidade masculina, parece ser a mais discriminada, exceto no fator Rejeição de Proximidade.

O Teste Post-Hoc HSD de Tukey revelou que as diferenças detetadas dizem respeito a diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de diferentes posições religiosas, nomeadamente entre o grupo pouco religioso/a e moderadamente religioso/a e o grupo pouco religioso/a e muito religioso/a em todos os fatores dos QOH-Masculina e QOH-Feminina.

Tabela 19. Comparação de médias e desvios padrão entre os fatores dos QOH-Masculina e QOH-Feminina e a posição religiosa (ANOVA oneway)

Fatores	Posição Religiosa			F(2, 248)	P	Post-Hoc
	Pouco Religioso/a	Moderadamente Religioso/a	Muito Religioso/a			
	(n=92) Média (DP)	(n=95) Média (DP)	(n=64) Média (DP)			
M. Rejeição de Proximidade	1.67 (.86)	2.16 (1.04)	2.26 (1.17)	8.31	<.001	PR<MOD.R; p=.003 PR<MTO.R; p=.001
M. Homonegatividade Tradicional	2.09 (.87)	2.45 (.98)	2.68 (1.15)	7.26	.001	PR<MOD.R; p=.034 PR<MTO.R; p=.001
M. Visibilidade	2.93 (1.31)	3.63 (1.17)	3.86 (1.32)	12.14	<.001	PR<MOD.R; p=.001 PR<MTO.R; p<.001
M. Transgressão das Normas de Género	2.39 (1.00)	2.89 (1.25)	2.94 (1.15)	6.12	.003	PR<MOD.R; p=.008 PR<MTO.R; p=.009
F. Rejeição de Proximidade	1.67 (.96)	2.18 (1.12)	2.30 (1.15)	8.22	<.001	PR<MOD.R; p=.003 PR<MTO.R; p=.001
F. Homonegatividade Tradicional	1.72 (.71)	2.24 (1.02)	2.39 (1.26)	10.37	<.001	PR<MOD.R; p=.001 PR<MTO.R; p<.001
F. Visibilidade	2.41 (1.13)	3.22 (1.19)	3.60 (1.28)	16.88	<.001	PR<MOD.R; p<.001 PR<MTO.R; p<.001
F. Transgressão das Normas de Género	1.62 (.81)	1.97 (.94)	2.22 (1.03)	8.41	<.001	PR<MOD.R; p=.024 PR<MTO.R; p<.001

Legenda: PR-Pouco Religioso/a; Mod.R- Moderadamente Religioso/a; MTO.R- Muito Religioso/a (MTO.R)

3.6.6) Diferenças de médias em função da posição política

De forma a facilitar a análise das diferenças de médias em relação à posição política decidiu-se agrupar os/as participantes por três grupos: Esquerda (1-4); Centro (5-7) e Centro/Direita (8-12).

Em relação ao QOOS, como apresentado na Tabela 20, existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ao nível do fator Rejeição de Proximidade ($F(2, 240) = 4.94, p = .008$) e ao nível do fator Suporte ($F(2, 240) = 5.06, p = .007$).

Os/as participantes que parecem ter atitudes mais negativas relativamente à homossexualidade são os que se colocam mais à direita na posição política, enquanto que os/as participantes que se posicionaram numa posição mais à esquerda e central, são os/as que mais têm atitudes de Suporte.

O Teste Post-Hoc HSD de Tukey revelou que as diferenças detetadas dizem respeito a diferenças estatisticamente significativas entre os grupos Centro e Centro/Direita no fator Rejeição de Proximidade e entre os grupos Esquerda e Centro/Direita e Centro e Centro/Direita no fator Suporte.

Tabela 20. Comparação de médias entre a posição política e os fatores do QOOS (ANOVA oneway)

Fatores	Posição política			F (2, 240)	P	Post-Hoc
	Esquerda (n=89) Média (DP)	Centro (n=98) Média (DP)	Centro/Direita (n=56) Média (DP)			
Rejeição de Proximidade	2.03 (1.08)	1.86 (.88)	2.38 (1.04)	4.94	.008	C/D>C; $p = .005$
Homopatologização	2.29 (1.15)	2.29 (.99)	2.44 (.99)	.407	.666	
Suporte	3.94 (1.24)	4.05 (1.08)	3.45 (1.14)	5.06	.007	C/D<E $p = .038$ C/D<C $p = .006$

Legenda: E- Esquerda; C-Centro; C/D- Centro/Direita

Em relação aos QOH-Masculina não existem diferenças estatisticamente significativas entre a posição política dos/as participantes e os fatores deste questionário.

Porém, relativamente ao QOH-Feminina, existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ao nível do fator Visibilidade ($F(2, 240) = 3.06, p = .049$), Rejeição de Proximidade ($F(2, 240) = 4.51, p = .012$) e Transgressão das Normas de Género ($F(2, 240) = 4.34, p = 0.14$), como apresentados na Tabela 21.

Analisando a Tabela 21 verificamos que, de uma forma geral, os/as participantes que se centram mais à direita, apresentam atitudes mais negativas tanto para a homossexualidade masculina como feminina, embora, comparando as médias dos dois, a tendência é que as atitudes sejam mais negativas relativamente à homossexualidade masculina que feminina, exceto no fator Rejeição de Proximidade.

O Teste Post-Hoc HSD de Tukey revelou que as diferenças detetadas dizem respeito a diferenças estatisticamente significativas entre os grupos centro e centro direita nos fatores Rejeição de Proximidade e Visibilidade (QOH-Feminina) e entre o Centro/Direita e o Centro e o Centro/Direita e a Esquerda no fator Transgressão das Normas de Género (QOH-Feminina).

Tabela 21. Comparação de médias entre os fatores dos QOH-Masculina e QOH-Feminina e a posição política (ANOVA oneway)

Fatores	Posição política			F(2, 240)	P	Post-Hoc
	Esquerda (n=89) Média (DP)	Centro (n=98) Média (DP)	Centro/Direita (n=56) Média (DP)			
M. Rejeição de Proximidade	1.97 (1.17)	1.85 (.88)	2.23 (.98)	2.52	.083	
M. Homonegatividade Tradicional	2.32 (1.08)	2.34 (.95)	2.48 (1.04)	.466	.628	
M. Visibilidade	3.37 (1.46)	3.28 (1.30)	3.74 (1.10)	2.21	.112	
M. Transgressão das Normas de Gênero	2.63 (1.21)	2.66 (1.04)	2.94 (1.24)	1.44	.238	
F. Rejeição de Proximidade	1.99 (1.21)	1.79 (.88)	2.33 (1.09)	4.51	.012	C/D>C; p=.008
F. Homonegatividade Tradicional	2.07 (1.15)	1.98 (.87)	2.26 (1.11)	1.36	.259	
F. Visibilidade	2.87 (1.31)	2.80 (1.29)	3.30 (1.15)	3.06	.049	C/D>C; p=.047
F. Transgressão das Normas de Gênero	1.79 (.91)	1.80 (.75)	2.21 (1.23)	4.34	.014	C/D<E p=.008 C/D<C p=.009

Legenda: E-Esquerda; C-Centro; C/D-Centro/Direita

3.6.7. Diferenças de médias em função do conhecimento e grau de proximidade com pessoas LGB

De forma a verificar se existiam diferenças estatisticamente significativas na amostra entre os/as participantes que conheciam pessoas LGB e os que não conheciam tendo em conta os fatores dos três questionários, realizou-se o Teste *t* para amostras independentes.

Seguidamente para se verificar, relativamente aos/as participantes da amostra que conheciam pessoas LGB, quais é que conheciam pessoas LGB do sexo feminino, masculino ou então ambos, contrastou-se essa informação com os fatores, de forma a verificar se haviam diferenças estatisticamente significativas. Essa análise foi feita através do recurso à ANOVA – *oneway*.

Conforme apresentado na Tabela 22, compreende-se que existem diferenças estatisticamente significativas entre os/as participantes que responderam que conheciam e os/as que não conheciam pessoas LGB e dois fatores do QOOS. Essas diferenças estatisticamente significativas verificaram-se nos fatores correspondentes à Rejeição de Proximidade ($t(249) = 3.16, p = .003$) e Homopatologização ($t(249) = 4.29, p < .001$).

Assim sendo, pessoas que não conhecem pessoas LGB, apresentam atitudes mais negativas do que os/as participantes que conhecem pessoas LGB.

Tabela 22. Comparação de médias entre os fatores da QOOS e os/as participantes que conhecem pessoas LGB (teste t)

Fatores	Conhece pessoas LGB		t(249)	P
	Sim (n = 214) Média (DP)	Não (n = 37) Média (DP)		
Rejeição de Proximidade	1.96 (.96)	2.61 (1.17)	3.16	.003
Homopatologização	2.23 (.94)	3.19 (1.31)	4.29	<.001
Suporte	3.87 (1.16)	3.71 (1.20)	.612	.435

Seguidamente, tendo em conta os QOH-Masculina e QOH-Feminina e atentando a Tabela 23, percebemos que existem diferenças estatisticamente significativas entre os/as participantes que conhecem pessoas LGB e os que não conhecem pessoas LGB, nos fatores Rejeição de Proximidade ($t(249) = 4.14, p < .001$), Homonegatividade Tradicional ($t(249) = 3.92, p < .001$) e Transgressão das Normas de Género ($t(249) = 2.85, p = .005$) no QOH-Masculina e nos fatores Homonegatividade Tradicional ($t(249) = 3.21, p = .002$), Visibilidade ($t(249) = 2.41, p = .017$) e Rejeição de Proximidade ($t(249) = 3.46, p = .001$) do QOH-Feminina.

Através da análise da Tabela 23, compreende-se que os/as participantes que não conhecem pessoas LGB têm atitudes mais negativas relativamente à homossexualidade masculina e feminina do que os/as participantes que conhecem pessoas LGB.

Comparando os dois questionários, os/as participantes que não conhecem pessoas LGB tendem a discriminar mais a homossexualidade masculina, em detrimento da homossexualidade feminina.

A título de curiosidade e considerando apenas os/as participantes que conhecem pessoas LGB, tentou-se avaliar se o sexo das pessoas LGB conhecidas influenciavam os resultados dos fatores dos questionários. Os resultados desta análise estão apresentados no Anexo IV.

Tabela 23. Comparação de médias entre participantes que (não) conhecem pessoas LGB e os fatores dos QOH-Masculina e QOH-Feminina (Teste t)

Fatores	Conhece pessoas LGB		t (249)	P
	Sim (n = 214) Média (DP)	Não (n = 37) Média (DP)		
M. Rejeição de Proximidade	1.87 (.93)	2.79 (1.29)	4.14	<.001
M. Homonegatividade Tradicional	2.27 (.96)	2.96 (1.11)	3.92	<.001
M. Visibilidade	3.37 (1.31)	3.77 (1.34)	1.70	.090
M. Transgressão das Normas de Género	2.63 (1.11)	3.22 (1.33)	2.85	.005
F. Rejeição de Proximidade	1.92 (1.05)	2.59 (1.23)	3.46	.001
F. Homonegatividade Tradicional	1.98 (.95)	2.67 (1.24)	3.21	.002
F. Visibilidade	2.88 (1.26)	3.42 (1.31)	2.41	.017
F. Transgressão das Normas de Género	1.85 (.90)	2.23 (1.13)	1.97	.055

Seguidamente, pretendia-se avaliar as diferenças entre o grau de proximidade dos/as participantes com pessoas LGB e os fatores dos questionários. Para a averiguação destes pressupostos recorreu-se a ANOVA *oneway*.

Tabela 24. Comparação de médias e desvios padrão entre os fatores do QOOS e o grau de proximidade dos/as participantes com pessoas LGB (ANOVA *oneway*)

Fatores	Grau de Proximidade			F (2,211)	P	Post-Hoc
	Pouco/a Próximo/a (n = 70) Média (DP)	Moderadamente Próximo/a (n = 78) Média (DP)	Muito Próximo/a (n = 66) Média (DP)			
Rejeição de Proximidade	2.32 (1.04)	1.93 (.92)	1.63 (.77)	9.51	<.001	PP>MOD.P; p=.027 PP>MTO.P; p<.001
Homopatologização	2.72 (1.07)	2.13 (.80)	1.83 (.67)	19.04	<.001	PP>MOD.P; p<.001 PP>MTO.P; p<.001
Suporte	3.37 (1.15)	3.95 (1.08)	4.31 (1.07)	12.66	<.001	PP<MOD. p=.004 PP<MTO.P p<.001

Legenda: PP-Pouco Próximo/a; Mod.P- Moderadamente Próximo/a; MTO.P- Muito Próximo/a

Através da análise à Tabela 24, verifica-se diferenças estatisticamente significativas entre o grau de proximidade dos/as participantes com pessoas LGB e os fatores Rejeição de Proximidade ($F_{(2, 211)} = 9.51, p < .001$), Homopatologização ($F_{(2, 211)} = 19.04, p < .001$) e Suporte ($F_{(2, 211)} = 12.66, p < .001$) do QOOS.

De acordo com os resultados, infere-se que, quão menor é o grau de proximidade, maior será o nível de preconceito já os/as participantes que relataram serem pouco próximos/as de pessoas LGB apresentam médias mais elevadas nos fatores negativos (Rejeição de Proximidade e Homopatologização) enquanto que os/as participantes que afirmaram ser moderadamente ou muito próximos/as de pessoas LGB apresentaram uma média de respostas mais elevada para o fator Suporte.

O Teste Post-Hoc HSD de Tukey revelou que existiam diferenças estatisticamente significativas entre os grupos pouco próximo/as e muito próximo/a e o grupo pouco/a próximo e moderadamente próximo/a, nos fatores Rejeição de Proximidade, Homopatologização e Suporte.

Relativamente aos QOH-Masculina e QOH-Feminina, analisando a Tabela 24, os resultados sugerem que existem diferenças estatisticamente significativas entre o grau de proximidade e os fatores Rejeição de Proximidade ($F_{(2, 211)} = 11.95, p < .001$); Homonegatividade Tradicional ($F_{(2, 211)} = 11.49, p < .001$) e Visibilidade ($F_{(2, 211)} = 12.37, p < .001$) do QOH-Masculina e entre os fatores Homonegatividade Tradicional ($F_{(2, 211)} = 11.07, p < .001$), Visibilidade ($F_{(2, 211)} = 14.09, p < .001$) e Rejeição de Proximidade ($F_{(2, 211)} = 8.07, p < .001$) do QOH-Feminina.

Os resultados parecem sugerir que os/as participantes que são pouco próximos/as de pessoas LGB têm atitudes mais negativas que os/as restantes tanto para a homossexualidade masculina como para a homossexualidade feminina, embora a masculina seja a mais discriminada exceto no fator Rejeição de Proximidade.

O Teste Post-Hoc HSD de Tukey revelou que existiam diferenças estatisticamente significativas entre os grupos pouco próximo/a e muito próximo/a e o grupo pouco próximo e moderadamente próximo/a, nos fatores Rejeição de Proximidade e Homonegatividade Tradicional dos QOH-Masculina e QOH-Feminina. Revelou ainda, diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, pouco próximo/a e muito próximo/a; o grupo pouco próximo e moderadamente próximo/a e o grupo moderadamente próximo/a e muito próximo, no fator Visibilidade dos QOH-Masculina e QOH-Feminina. É de realçar que os resultados sugerem que, nos aspetos relacionados com a Visibilidade LGB, os grupos pouco próximo/a e

moderadamente próximo/a, são mais discriminatórios que o grupo que relatou ser muito próximo/a enquanto que nos restantes fatores as diferenças entre os grupos moderadamente próximo/a e muito próximo/a, não foram identificadas pelo Post-Hoc.

Tabela 25. Comparação de médias entre os fatores dos QOH-Masculina e QOH-Feminina e o grau de proximidade dos/as participantes com pessoas LGB (ANOVA oneway)

Fatores	Grau de Proximidade			F(2, 211)	P	Post-Hoc
	Pouco/a Próximo/a	Moderadamente Próximo/a	Muito/a próximo/a			
	(n =70) Média (DP)	(n = 78) Média (DP)	(n=66) Média (DP)			
M. Rejeição de Proximidade	2.26 (1.04)	1.81 (.88)	1.53 (.69)	11.95	<.001	PP>MOD.P; p=.006 PP>MTO.P; p<.001
M. Homonegatividade Tradicional	2.68 (.97)	2.18 (.95)	1.95 (.81)	11.49	<.001	PP>MOD.P; p=.003 PP>MTO.P; p<.001
M. Visibilidade	3.89 (1.19)	3.37 (1.21)	2.83 (1.32)	12.37	<.001	PP>MOD.P; p=.032 PP>MTO.P; p<.001 MOD.P>MTO.P; p=.026
M. Transgressão das Normas de Género	2.75 (1.09)	2.62 (1.06)	2.52 (1.19)	.773	.463	
F. Rejeição de Proximidade	2.32 (1.16)	1.79 (.94)	1.66 (.94)	8.07	<.001	PP>MOD.P; p=.005 PP>MTO.P; p=.001
F. Homonegatividade Tradicional	2.38 (1.03)	1.91 (.95)	1.65 (.71)	11.07	<.001	PP>MOD.P; p=.007 PP>MTO.P; p<.001
F. Visibilidade	3.39 (1.19)	2.91 (1.18)	2.30 (1.19)	14.09	<.001	PP>MOD.P; p=.042 PP>MTO.P; p<.001 MOD.P>MTO.P; p=.007
F. Transgressão das Normas de Género	2.02 (1.00)	1.81 (.93)	1.70 (.74)	2.44	.090	

Legenda: PP- Pouco Próximo/a; MOD.P-Moderadamente Próximo/a; MTO.P- Muito Próximo/a

Discussão dos resultados

Esta secção resume e sintetiza, de forma global, os resultados apresentados no capítulo anterior.

Como foi referido anteriormente, o objetivo principal deste estudo era a avaliação das semelhanças/diferenças entre os preconceitos direcionados a lésbicas e a gays. Para que esse objetivo fosse atingido, utilizou-se e adaptou-se a EMAFLG e construiu-se mais dois instrumentos que analisassem preconceitos específicos face à homossexualidade masculina e feminina.

A EMAFLG é uma escala que avalia atitudes face à homossexualidade não tendo perguntas específicas sobre a homossexualidade masculina e feminina. A adaptação e

reestruturação da EMAFLG deu origem a uma nova escala apelidada Questionário de Opiniões sobre a Orientação Sexual (QOOS), que foi submetida a uma nova análise fatorial exploratória. A análise fatorial exploratória deu origem a três fatores dos quais dois são negativos - *Rejeição de Proximidade* e *Homopatologização* - e um positivo - *Suporte* - incorporando no seu total 16 itens.

Quanto à análise da consistência interna, verificou-se que os fatores *Rejeição de Proximidade* e *Homopatologização* apresentavam valores superiores ao valor mínimo recomendado ($\alpha = .70$) para o *Alpha de Cronbach* ($\alpha = .85$; $\alpha = .75$, respetivamente). Porém, o fator *Suporte* apresentou um α inferior ao valor mínimo recomendado ($\alpha = .69$) e, por isso, realizou-se uma análise de correlação inter-item, verificando-se que a média de correlação encontrava-se dentro do intervalo recomendado.

Quanto ao QOH-Masculina, a análise fatorial exploratória deu origem a quatro fatores (*Rejeição de Proximidade*, *Homonegatividade Tradicional*, *Visibilidade* e *Transgressão das Normas de Género*) incorporando 22 itens no total.

Relativamente à análise da consistência interna, verificou-se que os fatores *Rejeição de Proximidade*, *Homonegatividade Tradicional* e *Visibilidade* apresentavam um α superior ao valor mínimo recomendado ($\alpha = .87$; $\alpha = .78$; $\alpha = .77$, respetivamente). No entanto, o fator *Transgressão das Normas de Género*, apresentou um α inferior ao valor mínimo recomendado ($\alpha = .65$). Assim, realizou-se uma análise de correlação inter-item e verificou-se que este fator apresentava uma média de correlação que se inseria no intervalo recomendado.

Em relação ao QOH-Feminina, a análise fatorial exploratória deu origem a quatro fatores (*Homonegatividade Tradicional*, *Visibilidade*, *Rejeição da Proximidade* e *Transgressão das Normas de Género*) utilizando 22 itens.

No que diz respeito à análise da consistência interna, os fatores *Homonegatividade Tradicional*, *Visibilidade* e *Rejeição de Proximidade* apresentaram um α superior ao valor mínimo recomendado ($\alpha = .86$; $\alpha = .84$; $\alpha = .72$, respetivamente). Porém, o fator *Transgressão das Normas de Género* revelou um α inferior ao valor mínimo recomendado ($\alpha = .69$). Assim, realizou-se uma análise de correlação inter-item e verificou-se que a média de correlação deste fator encontrava-se dentro do intervalo recomendado.

Analisando os resultados da Análise Fatorial Exploratória dos dois questionários (QOH-Masculina e QOH-Feminina), percebemos que a tipologia dos preconceitos direcionados a gays e a lésbicas é a mesma, já que os itens equivalentes dos dois questionários agruparam-se da mesma forma, dando origem aos mesmo fatores.

No entanto, apesar da tipologia do preconceito ser a mesma, parece que o peso fatorial é diferente. Enquanto que no QOH-Masculina o fator que tem maior percentagem de variância é o que agrupa itens relacionados com a *Rejeição de Proximidade*; no QOH-Feminina, o fator com maior percentagem de variância é o que agrupa itens relacionados com a *Homonegatividade Tradicional*.

A análise fatorial exploratória revelou ainda a saturação do item 19 (e.g. *Nas eleições não votaria numa candidata que fosse lésbica*) nos fatores *Rejeição de Proximidade* e *Transgressão das Normas de Género* no QOH-Feminina. Esta saturação parece sugerir que o grau de preconceito não se restringe apenas à orientação sexual, mas também com o papel da mulher na vida política. Assim, parece considerar-se que as mulheres lésbicas são vistas como transgressoras, não só dos papéis sexuais normativos, mas também por quebrarem os papéis sociais reservados ao sexo oposto.

Este resultado vai de encontro ao estudo efetuado por Santos (2017) em Portugal, que pretendia perceber a ligação entre o género e a política, mais especificamente, as perceções sobre as competências necessárias para o exercício de um/a deputado/a e verificou-se que foram salientados traços de personalidade (e.g. “inteligência, pragmatismo e convicção”), sobretudo associados ao sexo masculino (Amâncio, 1994), revelando que o contexto político ainda está associado e restrito ao sexo masculino.

No QOOS verificou-se que os/as participantes, de uma forma geral, parecem revelar atitudes de reconhecimento de desigualdades de direitos e a necessidade de combate às mesmas, semelhantemente a outros estudos (Gato *et al.*, 2012).

Por outro lado, relativamente aos QOH-Masculina e QOH-Feminina, percebemos que os/as participantes revelaram preconceitos relativamente à homossexualidade masculina e feminina, maioritariamente, de ordem mais subtil, à semelhança de outros estudos (Sue, 2010; Pelixo, 2014; Bota, 2016). Verificámos que, apesar da tipologia do preconceito ser a mesma, que o grau de preconceito toma relevâncias diferentes quando nos referimos, distintamente, à homossexualidade masculina e feminina.

Com efeito, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre os fatores *Homonegatividade Tradicional*, *Visibilidade* e *Transgressão das Normas de Género* sendo a homossexualidade masculina a mais discriminada.

Os resultados parecem sugerir que, tanto para a homossexualidade masculina como feminina, as atitudes são mais negativas quando existem manifestações explícitas e diretas de orientações sexuais não normativas, embora sejam mais negativas quando direcionadas

a gays. Este desconforto com a Visibilidade LGB pode estar relacionado com o confronto entre as vivências não normativas e o não seguimento da norma vigente, resultando numa perceção de transgressão.

Estes resultados vão de encontro à literatura que refere que não são as identidades não normativas que geram comportamentos discriminatórios, mas sim a expressão das mesmas (Gato *et al.*, 2012). E, são também as pessoas LGB que são mais diretas com a sua orientação sexual, as que percecionam mais atos discriminatórios (Morais, 2016).

Sendo as pessoas LGB transgressoras das normas, parece que na homossexualidade masculina a perceção da transgressão das normas de género é mais discriminada e menos tolerada do que na homossexualidade feminina, nas mulheres parece ser menos problemático esta perceção de transgressão.

Enquanto que nos homens homossexuais, a seguir à visibilidade, a perceção de transgressão das normas de género é considerada de uma forma pouco tolerante; nas mulheres homossexuais, a perceção de transgressão das normas morais e a prevalência de crenças tradicionais e heteronormativas acerca dos construtos de sexo, género e respetivos papéis sociais (Costa, Pereira, Oliveira & Nogueira, 2010), são as que geram mais atitudes negativas (uma vez mais, a seguir à dimensão visibilidade).

Podemos inferir que esta distribuição (dos preconceitos) diferenciada pode ser explicada pela (in) flexibilidade que existe nos papéis de género atribuídos de acordo com o sexo biológico. Se, por um lado, existe uma maior flexibilidade nas fronteiras entre os comportamentos e expressões de género femininos (Amâncio, 1994), por outro, as normas associadas às masculinidades são rígidas e consideradas superiores às femininas e, por conseguinte, devem afastar-se completamente da feminilidade (ou o que é associado a ela) (Halberstam, 1998; Grave, 2016).

Assim, os homens homossexuais são tomados como transgressores por quebrarem as normas das masculinidades e as mulheres lésbicas são vistas como transgressoras por quebrarem as normas morais/sociais.

Em relação às análises de correlação, esta revelou que as dimensões avaliadas neste estudo relacionam-se de forma estatisticamente significativa, das quais, resultaram correlações positivas e uma negativas (apenas entre o fator *Suporte* do QOOS e todos os outros fatores dos QOH-Masculina e QOH-Feminina).

Seguidamente, tentando responder às questões de investigação relacionadas com as variáveis sociodemográficas e o grau de preconceito, constatou-se que existiam diferenças estatisticamente significativas entre o sexo dos/as participantes e os fatores negativos (*Rejeição de Proximidade e Homopatologização*) do QOOS, sendo que os participantes do sexo masculino apresentaram atitudes mais negativas relativamente à homossexualidade, que as participantes do sexo feminino. Considerando os QOH-Masculina e QOH-Feminina, os resultados foram semelhantes, já que existiam diferenças estatisticamente significativas entre o sexo dos/as participantes e os fatores *Rejeição de Proximidade* (escala masculina), *Homonegatividade Tradicional* (escala masculina e feminina) e *Visibilidade* (escala masculina e feminina), sendo os participantes do sexo masculino os que apresentaram atitudes mais negativas.

Estes resultados são semelhantes aos resultados obtidos por alguns estudos, tanto a nível internacional (Kelly, 2001) como a nível nacional (Gato *et al.*, 2012; Pelixo, 2014; Bota, 2017). Nestes estudos, os participantes do sexo masculino apresentaram também atitudes mais negativas que as participantes do sexo feminino. Estes resultados podem sugerir, uma vez mais, que a rigidez de papéis associadas à masculinidade e que a ideia exacerbada da mesma, isto é, que os homens têm de ser viris, heterossexuais e têm de deter o domínio sobre outros/as, (Welzer-Lang, 2001) podem influenciar as representações sociais construídas acerca do que devem ser os comportamentos, aparência, vivências e identidade sexual, de acordo com o sexo biológico de cada um/a (Oliveira, 2010).

Considerando a variável idade verificou-se que esta se relacionava com quase todos os fatores dos Questionários, exceto no fator *Transgressão das Normas de Género* do QOH-Masculino. Quase todas as relações foram positivas (fracas e moderadas), exceto no fator *Suporte* do QOOS, em que a relação foi negativa. Os resultados sugerem que a idade é um fator a considerar quando falamos de preconceito já que, aparentemente, quão superior é a idade, maior é o grau de preconceito.

Existe uma maior correlação entre a idade e os fatores *Homopatologização* (QOOS) e *Homonegatividade Tradicional* (QOH-Masculina e QOH-Feminina), portanto, infere-se que quão mais avançada é a idade, mais prominente são as expressões de preconceito relacionadas com a patologização da homossexualidade, com as crenças tradicionais heteronormativas e com a condenação moral da mesma.

A correlação entre a idade dos/as participantes e o fator *Transgressão das Normas de Género*, não revelou diferenças estatisticamente significativas pelo que se infere que,

independentemente da idade, itens relacionados com a transgressão das normas de género no sexo masculino são menos aceites por todos/as.

Algumas investigações sobre o preconceito face à sexualidade com participantes de faixas etárias mais elevadas, revelaram que estes tendem a apresentar atitudes menos favoráveis relativamente a minorias sexuais do que participantes mais novos/as (Kelly, 2001; Herek, 2002).

Considerando o grau de escolaridade dos/as participantes, existem diferenças estatisticamente significativas entre todos os grupos nos fatores *Rejeição de Proximidade e Homopatologização*. Em relação aos QOH-Masculina e QOH-Feminina, existem diferenças estatisticamente significativas entre os fatores *Rejeição de Proximidade, Homonegatividade Tradicional e Visibilidade*. No fator *Transgressão de Normas de Género* não existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, exceto no QOH-Feminina. De uma forma geral, as diferenças são entre o grupo do Ensino Básico e o grupo do Ensino Superior (exceto no fator *Rejeição de Proximidade* do QOH-Masculina, em que existem diferenças entre todos os grupos), sendo que o grupo com apenas o Ensino Básico tem atitudes mais negativas relativamente à homossexualidade que os restantes, discriminando mais a homossexualidade masculina.

Estes resultados vão de encontro com a literatura que demonstra que pessoas com um nível de educação mais elevado tendem a ter atitudes mais favoráveis relativamente à homossexualidade que pessoas com menos escolaridade (Loftus, 2001; Kelly, 2001; Treas, 2002)

De seguida, analisou-se a posição política e religiosa dos/as participantes e constatou-se que, para a posição política, no QOOS os/as participantes que se posicionaram centralmente, apresentam atitudes menos negativas que os/as participantes que se posicionaram mais à direita e, são também os/as participantes numa posição política mais central e à esquerda, que apresentam atitudes de mais Suporte relativamente à homossexualidade.

No QOH-Masculina, não houve diferenças estatisticamente significativas entre a variável posição política e os fatores deste questionário. No QOH-Feminina, os resultados revelaram que as maiores diferenças são entre o grupo que está mais central e o grupo que se encontra mais à direita, sendo que o primeiro é o que discrimina menos e o segundo o que discrimina mais nos fatores *Rejeição de Proximidade, Visibilidade e Transgressão das Normas de Género*. A literatura sugere que quão mais elevado for o conservadorismo ao nível

da política, mais negativas serão as atitudes relativamente à homossexualidade (Pearl & Galupo, 2007), indo de encontro a resultados apresentados noutros estudos (Pelixo, 2014).

Por sua vez, quão mais os/as participantes diziam ser religiosos/as, tendem a discriminar mais que os grupos que dizem ser pouco ou moderadamente religiosos/as, sendo que discriminam mais a masculina. Alguns estudos demonstraram que existe uma relação muito forte entre o nível de religiosidade e a homonegatividade, sendo essa relação tanto a nível implícito como explícito (Duck & Hunsberger, 1999; Laythe, Finkel & Kirkpatrick 2001; Altemeyer, 2003). Estes resultados vão de encontro aos de outras investigações realizadas em Portugal que revelaram que, pessoas mais religiosas, tendem a manifestar mais preconceitos relativamente a orientações sexuais não normativas (Pelixo 2014; Bota, 2017).

De seguida, considerou-se a variável que dizia respeito ao conhecimento, por parte dos/as participantes, de pessoas LGB e concluiu-se que os/as participantes que não conheciam pessoas LGB tendem a discriminar mais a homossexualidade, discriminando, uma vez mais, a homossexualidade masculina em detrimento da feminina.

Estes resultados suportam algumas investigações na área da sexualidade que sugerem que quando se conhece pessoas lésbicas e gays (contacto intergrupalo) o grau de preconceito face a minorias sexuais tende a ser mais reduzido (Herek & Capitano, 1996; Castiglione, Rampullo & Licciordello, 2013).

Considerando-se apenas os/as participantes que conheciam pessoas LGB e o grau de proximidade, constatou-se que existiam diferenças significativas entre todos os fatores do QOOS e a variável grau de proximidade. Os/as participantes que afirmaram ser pouco próximos, têm tendência a discriminar mais a homossexualidade e a ter menos atitudes de suporte que os/as participantes que disseram ser moderadamente ou muito próximos/as. Nos QOH-Masculina e QOH-Feminina, os resultados foram idênticos. Uma vez mais, os/as participantes que dizem ser pouco próximos/as discriminam mais que os/as restantes, sendo a homossexualidade masculina a mais discriminada.

Estes resultados vão de encontro com a literatura, já que o grau de proximidade com pessoas LGBT é um forte preditor das atitudes e, normalmente, quem é mais próximo/a de pessoas LGBT, menos atitudes negativas apresentará (Gato *et al.*, 2012). Quem apresenta graus de proximidade mais elevados com pessoas LGB, tem ainda tendência a apresentar níveis mais elevados de sensibilização face a comportamentos preconceituosos dirigidos a estas pessoas (Heinze & Horn, 2009).

Conclusões

As configurações políticas, culturais, sociais e religiosas das sociedades foram influenciando as visões acerca da homossexualidade ao longo do tempo (Weeks, 2000), numa ótica de rejeição estigmatização e perseguição de pessoas com orientações sexuais não normativas (Marcus, 2002).

Duas grandes instituições responsáveis pela manutenção dos preconceitos direcionados à homossexualidade são a religião cristã e a ciência, uma por a considerar um pecado e difundir os valores de que a heterossexualidade é a única forma de expressão sexual desejável (Herek *et al.*, 2007); e a outra por inserir as orientações sexuais não normativas no mundo da patologização (Carneiro, 2009).

Apesar da religião cristã, atualmente, não partilhar do pressuposto de que a homossexualidade é um pecado, ainda se assiste à valorização da heterossexualidade em detrimento de orientações sexuais não normativas (Fernandes, 2011). Em Portugal, a influência da religião judaico-cristã, principalmente na altura do Estado Novo, foi um fator precipitante para a manutenção de condições ideológicas que condenam a homossexualidade (Carneiro, 2009) verificando-se, atualmente, ainda uma ligação entre o grau de religiosidade e os preconceitos direcionados a lésbicas e a gays, presente não só neste estudo, mas também noutros (Pelixo, 2014; Bota, 2016) realizados em Portugal.

Relativamente ao papel da ciência, atualmente, considera-se que a homossexualidade é uma vertente normal da expressão sexual humana (Herek *et al.*, 2007) mas ainda existe uma forte associação entre a “doença” e a homossexualidade, que se verificou neste estudo nas pessoas com idades mais avançadas.

Tendo como modelo hegemónico da sexualidade a heterossexualidade (Marcus, 2002) e considerando os papéis sociais atribuídos, distintamente, ao homem e à mulher de acordo com o seu sexo biológico (Weeks, 2000), esta discriminação não se restringe apenas à homossexualidade, sendo estendida para as pessoas que “aparentam ser” (Carneiro, 2009).

Estas representações sociais associadas ao género são reflexo da influência do heterossexismo e heteronormatividade na nossa sociedade, que colocam no espectro da invisibilidade qualquer identidade que não se enquadre nos padrões definidos por estes construtos, tanto a nível de papéis sexuais e afetivos como a nível de papéis sociais (Almeida & Carvalheira, 2007) e verificou-se uma forte presença destes construtos neste estudo.

Este estudo revelou que o preconceito face à homossexualidade, de forma geral, tomava uma expressão mais subtil e que, apesar de haver diferenças face à

homossexualidade masculina e feminina, fundamentalmente, estes preconceitos estão relacionados com a perceção que os homossexuais (gays e lésbicas) são transgressores/as das normas.

Uma das duas classes ideológicas do Heterossexismo (Herek *et al.*,2009) é a restrição e privatização dos comportamentos não heterossexuais e percebemos a presença deste sistema, quando a dimensão mais discriminada, tanto para a homossexualidade masculina como feminina, é a *Visibilidade*. Nesta ótica de constrangimentos com a manifestação explícita e direta de orientações sexuais não normativas, infere-se que não é apenas a manifestação dessas identidades que causa desconforto, por si só, mas também a perceção de que estas pessoas são transgressoras das normas, mais especificamente, dos papéis sexuais que lhe estavam destinados de acordo com o seu sexo biológico.

Isto sugere que, apesar da discriminação mais direta e hostil ter vindo a diminuir, ela permanece, fundamentalmente, nos homens, numa tentativa de tornar invisíveis as orientações sexuais não normativas, seguindo a premissa de Paulo Pelixo (2014) “*Desde que eles não mostrem*”.

A segunda e última classe ideológica do Heterossexismo prende-se com as representações de género correspondentes a cada pessoa, de acordo com o seu sexo biológico (Herek, 1990). Essas representações envolvem não só formas de se comportar, de vestir, de agir como também o “ideal” em termos de relações amorosas – homem e mulher (Herek, 1990) e verificámos a presença desta última classe, na diferenciação dos preconceitos direccionados a gays e a lésbicas.

Nos homens homossexuais a perceção de transgressão normas de género, mais especificamente, das masculinidades e a forte associação com a feminilidade é mais discriminada que nas mulheres homossexuais que, por sua vez, são mais discriminadas quando existe a perceção de transgressão das normas morais/sociais, assistindo-se à prevalência de crenças tradicionais e heteronormativas acerca dos construtos de sexo, género e respetivos papéis sociais.

Uma vez mais, esta distribuição pode ser explicada pelas (in)flexibilidades que existem nos papéis de género atribuídos de acordo com o sexo biológico. Enquanto que nas mulheres existe uma maior flexibilidade nos comportamentos e expressões de género feminino, por outro, as normas associadas à masculinidade são rígidas e deverão afastar-se o mais possível da feminilidade (Grave, 2016).

Mas apesar destas flexibilidades nos comportamentos e expressões de género femininos, quando se unifica a perceção de transgressão dos papéis sexuais com transgressão dos papéis morais/sociais, estas transgressões assumem um papel central na discriminação face a lésbicas, a seguir à Visibilidade.

Em suma, existem diferenças ao nível do grau de preconceito direcionados a gays e a lésbicas mas, no seu núcleo, as atitudes negativas relacionam-se com a perceção de transgressão das normas (de género, afetivas, sexuais, sociais) e o contacto direto com essa perceção de transgressão, revelando a forte presença do heterossexismo na nossa sociedade.

De forma geral, são os homens heterossexuais que têm atitudes mais negativas relativamente à homossexualidade e são os homens homossexuais os mais discriminados.

Também quem é mais velho/a; tem um grau de escolaridade pouco elevado; colocou-se mais à direita a nível de posição política; quem diz ser mais religioso/a e quem não conhece ou tem pouco contacto com pessoas LGB, tende a ter atitudes mais negativas relativamente à homossexualidade, numa ordem de preconceito mais subtil.

Limitações

A apreciação e interpretação dos resultados deste estudo devem ser feitas tendo em conta as suas limitações, sendo uma delas a representatividade da amostra, já que os espaços geográficos em que os dados foram recolhidos centralizou-se, maioritariamente, em três espaços geográficos específicos (Setúbal, 27.6%; Évora, 16.7% e Santarém, 14.1%).

A amostra também não se revela representativa no que respeita ao posicionamento político (maioritariamente de esquerda) e religioso dos/as participantes (pessoas afirmam ser, maioritariamente “pouco religiosas”), que pode ser justificado pela localização geográfica dos três lugares acima mencionados.

Por outro lado a variável sociodemográfica “idade” também apresenta limitações na sua representatividade, uma vez que a maior parte da amostra é constituída por jovens ou jovens/adultos.

Para além das limitações mencionadas, outra que se deve referir prende-se pelo método utilizado para a recolha da amostra, nomeadamente, a utilização do método *snowball* que vai comprometer a representatividade da amostra.

Por fim, este instrumento só é aplicável a pessoas heterossexuais e apenas avalia atitudes relativamente a lésbicas e a gays, sendo um pouco redutor face à diversidade sexual e de género.

Sugestões para estudos futuros

Considerou-se que, uma das vantagens deste estudo, foi a inclusão de diferentes graus de escolaridade e faixas etárias. Como foi referido anteriormente, os dados recolhidos junto dos/as idosos/as, aproximou-se da metodologia da entrevista utilizando os itens dos questionários.

Porém, este estudo é quantitativo e considerou-se a pertinência na realização de um estudo qualitativo que permitisse uma análise aos discursos dos/as participantes.

Quando se aplicou os questionários à população idosa, percebeu-se que através da análise dos discursos dos/as mesmo/as poder-se-ia obter um maior entendimento acerca das atitudes face à homossexualidade masculina e feminina. Alguns/as dos/as participantes, atribuíam causas diferentes para a homossexualidade de acordo com o sexo. Enquanto que consideravam a homossexualidade masculina uma “doença”, quando se referiam à feminina atribuíam como causas a dificuldade em encontrar um homem ou porque simplesmente estava “na moda” ser lésbica. Também apontavam diferentes discursos quando se colocava a hipótese de uma maior proximidade com pessoas LGB, isto é, tendencialmente os homens rejeitavam e apresentavam discursos mais hostis do que as mulheres quando se colocavam as hipóteses dos/as filhos/as; médicos/as ou professores/as dos/as filhos/as serem homossexuais, principalmente, quando nos referíamos à homossexualidade masculina embora tanto as mulheres como os homens, rejeitassem a hipótese de proximidade com pessoas homossexuais. Estes são alguns exemplos dos discursos que obtivemos aquando da aplicação dos questionários que poderiam ser mais exploradas num estudo de natureza qualitativa que avaliasse as várias dimensões de preconceito relativamente à homossexualidade masculina e feminina.

Seria ainda importante, replicar o estudo para confirmar a validade dos QOH-Masculina e QOH-Feminina, podendo-o alargar também para mais espaços geográficos e faixas etárias mais diversificadas.

Implicações para a intervenção/prática

Considerando o papel do/a psicólogo/a enquanto agente de mudança, dever-se-á encorajar essas mudanças principalmente ao nível de sistemas que privilegiam alguns/as ao mesmo tempo que oprimem outros/as (Sherrie *et al.*, 2017).

Colocando em ênfase a forte presença do heterossexismo na nossa sociedade, este estudo permitiu identificar algumas dimensões e diferenças ao nível dos preconceitos direcionados a gays e a lésbicas.

Apesar de não podermos afirmar que os preconceitos são preditores exatos de atos discriminatórios, a verdade é que estes têm como base fundamentos e crenças erróneas acerca do que são identidades não normativas (Herek, 2009) e, ao compreendermos as dimensões em que as atitudes são mais negativas, mais facilmente poderemos trabalhar na desconstrução dos preconceitos de forma a que seja possível minimizar (idealmente, erradicar) os atos discriminatórios.

Neste sentido, tendo em conta que esses atos são perpetuados nos vários contextos (saúde, social, laboral, educacional...) torna-se imperativo a sensibilização para questões LGBT e a formação de profissionais das mais variadas áreas para questões relacionadas com a(s) sexualidade(s)/identidades, numa tentativa de criar condições para uma maior inclusão das pessoas LGBT.

Esta sensibilização é fundamental pois, apesar dos preconceitos tomarem uma forma mais subtil e indireta, inevitavelmente, colocam no espectro da invisibilidade orientações sexuais não normativas influenciando a construção social das mesmas nos diferentes contextos e afetando as suas condições de vida (Herek *et al.*, 2007).

Estas ações de sensibilização parecem ser especialmente relevantes nos homens e em pessoas com pouca proximidade de pessoas LGB, pelo que deveriam fomentar a reflexão acerca das construções dos papéis de género e das masculinidades que afetam a aceitação da diversidade sexual.

Referências bibliográficas

Aboud, F. (2005). The development of prejudice in childhood and adolescence. In J. Dovidio, P. Glick & L. Rudman (Eds). *On the nature of prejudice: Fifty years after Allport* (pp. 310-326). Malden: Blackwell Publishing.

- Almeida, J., & Carvalheira, A. A. (2007). Flutuações e diferenças de género no desenvolvimento da orientação sexual: Perspectivas teóricas. *Análise Psicológica*, 3 (XXV), 343-350.
- Altemeyer, B. (2003). Why do religious fundamentalists tend to be prejudiced?. *The International Journal for the Psychology of Religion*, 13(1), 17-28.
- Amâncio, L. (1994). *Masculino e feminino: a construção social da diferença*. Porto: Afrontamentos.
- Amâncio, L. (2004). *Aprender a ser homem: construindo masculinidades*. Lisboa: Livros Horizonte.
- António, R., Pinto, T., Pereira, C., Farcas, D., & Moleiro, C. (2012). Bullying homofóbico no contexto escolar em Portugal. *Psicologia*, 26(1), 17-32.
- American Psychological Association. (2009). *Report of the Task Force on Appropriate Therapeutic Responses to Sexual Orientation*. Washington, DC: American Psychological Association. Acedido a 15 de Junho de 2016 em: <http://www.apa.org/pi/lgbt/resources/therapeutic-response.pdf>
- Atkinson, R., & Flint, J. (2001). Accessing hidden and hard-to-reach populations: Snowball research strategies. *Social research update*, 33(1), 1-4.
- Badgett, M. V. L., Sears, B., Lau, H., & Ho, D. (2009). Bias in the workplace: Consistent evidence of sexual orientation and gender identity discrimination 1998 – 2008. *Chicago-Kent Law Review*, 84, 559 – 596.
- Bartos, S. E., Berger, I., & Hegarty, P. (2014). Interventions to Reduce Sexual Prejudice: A Study- Space Analysis and Meta-Analytic Review. *The Journal of Sex Research*, 51(4), 363-382.
- Bodenhausen, G. V., & Richeson, J. A. (2010). Prejudice, stereotyping, and discrimination. *Advanced social psychology: The state of the science*, 341-383.
- Bota, P. (2017). *Evolução e Configuração atual do preconceito face a lésbicas e a gays: Um estudo comparativo (Dissertação de Mestrado não publicada)*. Évora: Universidade de Évora.

- Brandão, A. M. (2008). *Breve contributo para uma história de luta pelos direitos de gays e lésbicas na sociedade portuguesa*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Braga: Universidade do Minho.
- Burn, S. M., Kadlec, K., & Rexer, R. (2005). Effects of subtle heterosexism on gays, lesbians, and bisexuals. *Journal of Homosexuality*, 49(2), 23-38.
- Brown, T. (2002). A proposed model of bisexual identity development that elaborates on experiential differences of women and men. *Journal of Bisexuality*, 1, 69-91. Doi: 10.1300/j159v02n04_05.
- Carneiro, N. S. (2009). *Homossexualidades: Uma Psicologia entre o ser, pertencer e participar*. Porto: Livpsic.
- Carvalho, A. D. (2011). *Classificação Portuguesa das Profissões 2010*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Carvalhosa, S. F., Moleiro, C., & Sales, C. (2009). A situação do bullying nas escolas portuguesas. *Interações*, 13, 125-146.
- Castiglione, C., Rampullo, A., & Licciardello, O. (2014). Sexual prejudice, cross-group friendship and hegemonic beliefs in university students. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 127, 235-239.
- Clarke, V., Ellis, S.J., Peel, E., & Riggs, D.W. (2010). *Lesbian, gay, bisexual, trans and queer psychology: na introduction*. Cambridge, UK: Cambridge University
- Correia, R. (2014). *Identidade e Gestão da Visibilidade em Jovens Gays, Lésbicas e Bissexuais* (Dissertação de Mestrado não publicada). Évora: Universidade de Évora
- Costa, C., Pereira, M., Oliveira, J. & Nogueira, C. (2010). Imagens sociais das pessoas LGBT. In C. Nogueira & J. Oliveira (Org). *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género* (pp. 93-148). Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Crenshaw, K. (1989). Demarginalizing the intersection of race and sex: A Black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *University of Chicago Legal Forum*, 1989: 139–167.
- D'augelli, A. R., & Grossman, A. H. (2001). Disclosure of sexual orientation, victimization, and mental health among lesbian, gay, and bisexual older adults. *Journal of interpersonal violence*, 16(10), 1008-1027. Doi: 10.1177/088626001016010003

- Davison, G. C., & Wilson, G. T. (1973). Attitudes of behavior therapists toward homosexuality. *Behavior Therapy*, 4(5), 686-696.
- Dias, C. (2000). *Focus Group: Technique for the collection of data in qualitative research*. Brasília: Universidade de Brasília.
- Drydakis, N. (2014). Sexual orientation and labor market outcomes. *IZA World of Labor*. Doi: 10.15185/izawol.11
- Duck, R. J., & Hunsberger, B. (1999). Religious orientation and prejudice: The role of religious proscription, right-wing. *The International Journal for the Psychology of Religion*, 9(3), 157-179.
- Eagly, A. H., & Diekmann, A. B. (2005). What is the problem? Prejudice as an attitude-in-context. *On the nature of prejudice: Fifty years after Allport*, 19-35.
- European Union Agency for fundamental Rights (2014). *EU LGBT Survey. Europe Union Lesbian, gay, bissexual and transgender survey*. Luxemburgo: Publication Office of the European Union.
- Evans, N. J. (2001). The experiences of lesbian, gay and bisexual youths in university communities. In A. R. D'Augelli & C. J. Patterson (Eds.), *Lesbian, gay, and bisexual identities and youth: Psychological perspectives*, (pp.181-198). New York: Oxford University Press.
- Ferguson, M. J., & Fukukura, J. (2012). Likes and dislikes: A social cognitive perspective on attitudes. *The SAGE Handbook of Social Cognition*, (pp. 165-186). London: Sage Publications.
- Fernandes, S. C. (2011). *Homofobia: Percepção dos Discursos Sociais e Experiência de Vitimação de Homossexuais* (Dissertação de Mestrado não publicada). Braga: Universidade do Minho
- Fernandes, T. & Ramos, M. (2013). Portugal. In G. Viggiani (Eds.) *Violência doméstica e em contexto de trabalho sexual contra mulheres LBT na EU*, (pp.127 – 141). Associação ILGA Portugal, Lisboa.
- Field, A. (2009). *Discovering Statistics Using SPSS*. London: SAGE publications.
- Foucault, M. (1994). *História da sexualidade I. A vontade do saber*. Lisboa: Relógio D'Água.

- Galupo, M. P., & Resnick, C. A. (2016). Experiences of LGBT microaggressions in the workplace: Implications for policy. In T. Kollen (EDS.), *Sexual orientation and transgender issues in organizations*, (pp.271-287). Switzerland: Spring International Publishing.
- Garcia-Marques, L. (1999). O estudo dos estereótipos e as novas análises do racismo: serão os efeitos dos estereótipos inevitáveis?. In J. Vala (org.), *Novos Racismos: Perspetivas Comparativas*, (pp.31-59). Oeiras: Celta Editora
- Gaston, V. (2015). *Microaggression Prevalence in a Mid Sized College*. (Dissertação de Mestrado não publicada). New York: University of New York in Plattsburgh.
- Gato, J., Leme, V. B. R., & Leme, A. A. (2010). Atitudes relativamente à homossexualidade em Portugal e no Brasil. Em título do Simpósio *Fazendo gênero 9: diásporas, diversidades, deslocamentos*. Brasil: Universidade Federal de Santa Catarina.
- Gato, J., Carneiro, N., & Fontaine, A. (2011). Contributo para uma revisitação histórica e crítica do preconceito contra as pessoas não heterossexuais. *Crítica e Sociedade: revista de cultura política*. 1(1), 139 - 167
- Gato, J., Fontaine, A. M., Carneiro, N.S. (2012). Escala Multidimensional de Atitudes face a Lésbicas e a Gays: Construção e Validação Preliminar. *Paidéia*, 22 (51), 11-20.
- Grave, A.P.G. (2016). *Desidentificações de Género: Discursos e Práticas*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Halberstam, J. (1998). *Female masculinity*. Durham: Duke University Press.
- Halperin, D. (2002). *One Hundred Years of Homosexuality and Other Essays on Greek Love*. New York: Routledge
- Heinze, J. E., & Horn, S. S. (2009). Intergroup contact and beliefs about homosexuality in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 38(7), 937-951.
- Herdt, G. (1993). *Third Sex, Third Gender. Beyond Sexual Dimorphism in culture and History*. Amesterdão: Zone Books
- Herek, G. M. (1990). *The context of antigay violence: Notes on cultural and psychological heterosexism*. *Journal of Interpersonal Violence*, 5 (3), 316-333. DOI: 10.1177/088626090005003006

- Herek, G., & Berrill (1992). *HATE CRIMES: Confronting Violence Against Lesbians and Gay Men* (Eds.). Newbury Park: Sage.
- Herek, G. M., & Capitano, J. P. (1996). "Some of My Best Friends" Intergroup Contact, Concealable Stigma, and Heterosexuals' Attitudes Toward Gay Men and Lesbians. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 22(4), 412-424. Doi:10.1177/0146167296224007
- Herek, G. M. (2002). Gender gaps in public opinion about lesbians and gay men. *Public Opinion Quarterly*, 66(1), 40-66. Doi:10.1086/338409
- Herek, G. M., Chopp, R. & Strohl, D. (2007). Sexual Stigma: Putting Sexual Minority Health Issues in Context. In I. Meyer & M. Northridge (Eds.), *The health of sexual minorities: Public health perspectives on lesbian, gay, bisexual, and transgender populations*. New York: Springer.
- Herek, G. M. (2008) Sexual prejudice and stigma in the United States. In D. A. Hope (Ed.), *Contemporary perspectives on lesbian, gay and bisexual identities* (pp.171-208). New York: Springer.
- Herek, G. M. (2009). Hate crimes and stigma-related experiences among sexual minority adults in the United States: Prevalence estimates from a national probability sample. *Journal of interpersonal violence*, 24(1), 54-74.
- Horta, B. (2018) "Riscos nas dádivas de sangue por gays estão por estudar há um ano". *Público*, Saúde. Retirado de: <https://www.publico.pt/2018/03/19/sociedade/noticia/instituto-este-ha-um-ano-a-decidir-como-estudar-o-risco-nas-dadivas-de-sangue-por-gays-1806811>
- ILGA. (2018). Homofobia e Transfobia: Dados da discriminação em Portugal. Lisboa:ILGA Portugal. Acedido a 17 de Junho de 2018 em: http://ilga-portugal.pt/ficheiros/pdfs/observatorio/Relatorio-Discriminacao-2017_17maio2018.pdf
- Judd, M. & Park, B. (2005). Group differences and Stereotype Accuracy. In J. Dovidio, P. Glick & L. Rudman (Eds). *On the nature of prejudice: Fifty years after Allport* (pp. 123-138). Malden: Blackwell Publishing.
- Kelley, J. (2001). Attitudes towards homosexuality in 29 nations. *Australian Social Monitor*, 4(1), 15.

- Kitzinger, C. (1987). *The social construction of lesbianism*. London: Sage Publications.
- Laythe, B., Finkel, D., & Kirkpatrick, L. A. (2001). Predicting prejudice from religious fundamentalism and right-wing authoritarianism: a multiple-regression approach. *Journal for the scientific study of Religion*, 40(1), 1-10.
- LaMar, L. & Kite, M. (1998). Sex differences in attitudes toward gay men and lesbians: A multidimensional perspective. *The Journal of Sex Research*, 35(2), 189-196.
- Loftus, J. (2001). America's liberalization in attitudes toward homosexuality, 1973 to 1998. *American Sociological Review*, 66, 762-782.
- Logan, C. R. (1996). Homophobia? No, homoprejudice. *Journal of homosexuality*, 31(3), 31-53.
- Massey, S. G. (2009). Polymorphous prejudice: Liberating the measurement of heterosexuals' attitudes toward lesbians and gay men. *Journal of Homosexuality*, 56(2), 147-172.
- Marcus, E. (2002) *Making Gay History: The half-century fight for lesbian and gay equal rights*. New York: Harper Collins
- Maroco, J. (2007). *Análise Estatística – Com utilização do SPSS*. Edições Silabo LDA: Lisboa
- Marinho, C. A., Marques, E. F. M., Almeida, D. R., Menezes, A. R. B., & Guerra, V. M. (2004). Adaptação da escala de homofobia implícita e explícita ao contexto brasileiro. *Paidéia*, 14(29), 371-379. Doi: 10.1590/ S0103-863X2004000300012
- Martins, C. (2011). *Manuel de Análise de Dados Quantitativos com recurso ao IBM® SPSS®: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Psiquilibrios Edições: Braga
- Meyer, I. H. (1995). Minority stress and mental health in gay men. *Journal of health and social behavior*, 36(1), 38-56. Doi:10.2307/2137286
- Monteiro, M. B. (2013). Relações Intergrupais. In J. Vala & M. B. Monteiro (Cord.), *Psicologia Social: 9ª Edição Revista e Atualizada*, (pp. 493-568). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Moita, G. (2001). *Homofobia no discurso de clínicos: A homossexualidade de dois lados do espelho*. Porto: Universidade do Porto.
- Moore, A. R. (2016). Inclusion and exclusion: A case study of an English class for LGBT learners. *TESOL Quarterly*, 50(1), 86-108.

- Morais, A. L. S. (2016). *Gestão da Visibilidade LGB no Contexto do Ensino Superior*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Évora: Universidade de Évora.
- Morrison, M. A., & Morrison, T. G. (2003). Development and validation of a scale measuring modern prejudice toward gay men and lesbian women. *Journal of homosexuality*, 43(2), 15-37.
- Nadal, K. L., Whitman, C. N., Davis, L. S., Erazo, T., & Davidoff, K. C. (2016). Microaggressions toward lesbian, gay, bisexual, transgender, queer, and genderqueer people: A review of the literature. *The Journal of Sex Research*, 53(4-5), 488-508. Doi: 10.1080/00224499.2016.1142495
- Nelson, C. D. (2006). Queer inquiry in language education. *Journal of language, identity, and education*, 5(1), 1-9. Doi: 10.1207/s15327701jlie0501_1
- Nurius, P. (1983). Mental health implications of sexual orientation. *The Journal of Sex Research*, 19 (1), 119-136
- Oliveira, J. M. & Nogueira, C. (2010). Desafiar o futuro. In C. Nogueira & J. Oliveira (Org). *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*, 267-276. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Oliveira, J. M. (2010). Orientação Sexual e Identidade de Género na psicologia: notas para uma psicologia lésbica, gay, bissexual, trans e queer. In C. Nogueira; J. M. Oliveira; M. V. Almeida; C. G. Costa; L. Rodrigues & M. Pereira. (Eds.) *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*, 19-44. Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- O'Higgins-Norman, J. (2008). Equality in the provision of social, personal and health education in the Republic of Ireland: the case of homophobic bullying?. *Pastoral Care in Education*, 26(2), 69-81.
- Pallant, J. (2007). *SPSS Survival Manual*. Two Penn Plaza: New York
- Pearl, M. L., & Galupo, M. P. (2007). Development and validation of the attitudes toward same-[sex](#) marriage scale. *Journal of homosexuality*, 53(3), 117-134.
- Pelixo, P. (2014). “Desde que eles não mostrem”: Perspetivas de Professores/as sobre Orientação Sexual e Identidades LGBT (Dissertação de Mestrado não publicada). Évora: Universidade de Évora.

- Pereira, A., Monteiro, M. B., & Camino, L. (2009). Social norms and prejudice against homosexuals. *The Spanish Journal of Psychology*, 12(2), 576-584
- Pereira, S. & Souza, E. (2012). Azul para os meninos, Rosa para as meninas: Heterossexismo, Consumo e gênero. Em título do Simpósio V ENCONTRO DE MARKETING DA ANPAD. Brasil: Curitiba.
- Pérez-Sancho, B. (2005). *Homosexualidad: secreto de familia: El manejo del secreto en familias com algún miembro homosexual*. Madrid: Egales.
- Pestana, M., & Gageiro, J. (2008). *Análise de Dados para Ciência Sociais: A Complementaridade do SPSS* (5th ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Pettili, A. (2014). Violência na Intimidade em Relações entre pessoas do mesmo sexo In G. Viggiani (Eds.) *Violência doméstica e em contexto de trabalho sexual contra mulheres LBT na EU*, 10 - 23. Associação ILGA Portugal, Lisboa.
- Pimenta, N. (2013). *Bullying em Jovens LGBT* (Dissertação de Mestrado não publicada). Viseu: Instituto Politécnico de Viseu.
- Pinto, N., Côrte- Real, P., Ramos, M. & Torres, R. (2014). *Saúde em Igualdade. Pelo acesso a cuidados de saúde adequados e competentes para pessoas lésbicas, gays, bissexuais e trans*. Associação Ilga Portugal
- Ramos, V. & Bordignon, L. (2013). *Bullying Homofóbico nas escolas: realidade no Brasil e em Portugal* (Dissertação de Mestrado não publicada). Brasil: Universidade de Passo Fundo
- Rampullo, A., Castiglione, C., Licciardello, O., & Scolla, V. (2013). Prejudice toward gay men and lesbians in relation to crossgroup friendship and gender. *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, 84, 308-313
- Rede ex-aequo. (2014). Observatório de Educação LGBT. Lisboa: Rede ex aequo. Acedido a 19 de Julho de 2017 em: <https://www.rea.pt/imgs/uploads/doc-observatorio-educacao-2014.pdf>.
- Rich, A. (1980). Compulsory heterosexuality and lesbian existence. *Signs: Journal of women in culture and society*, 5(4), 631-660.
- Rita, C. (2012). *Impacto da satisfação com o Suporte Social e da Autoestima no Conforto com a Orientação Sexual de Jovens Homossexuais e Bissexuais* (Dissertação de Mestrado, não publicada). Almada: Instituto Piaget.

- Ritter, K. & Terndrup, A. (2002). *Handbook of affirmative psychotherapy with lesbians and gay men*. The Guilford Press: New York
- Santos, H. (2013). Um Desvio na Corrente Que(er)stionando as Margens. Percursos Escolares e Culturas Juvenis de Rapazes não heterossexuais. Porto: Universidade do Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação
- Santos, M.H. (2017). Desigualdades de género em profissões qualificadas e resistências à mudança. Um percurso de Investigação. In J. M. Oliveira & L. Amâncio (Eds.) *Géneros e sexualidades: interseções e tangentes*. *Géneros e sexualidades: interseções e tangentes*, (pp.55-72). Lisboa: Centro de Investigação e de Intervenção Social (CID IUL).
- Santos, M. H., & Amâncio, L. (2010). A (in) justiça relativa da acção positiva-a influência do género na controvérsia sobre as quotas baseadas no sexo. *Análise Psicológica*, 28(1), 43-57.
- Smith, N. G., & Ingram, K. M. (2004). Workplace Heterosexism and Adjustment Among Lesbian, Gay, and Bisexual Individuals: The Role of Unsupportive Social Interactions. *Journal of counseling psychology*, 51(1), 57.
- Shelton, K., & Delgado-Romero, E. A. (2011). Sexual orientation microaggressions: The experience of lesbian, gay, bisexual, and queer clients in psychotherapy. *Journal of Counseling Psychology*, 58(2), 210.
- Proctor, S. L., Williams, B., Scherr, T., & Kathrynne Li. (2017). Intersectionality and School Psychology: Implications for Practise. National Association of School Psychologists. Bethesda: NASP. Acedido a 9 de Fevereiro de 2018 em: <https://www.nasponline.org/resources-and-publications/resources/diversity/social-justice/intersectionality-and-school-psychology-implications-for-practice>
- Sue, D. W. (2010). *Microaggressions in everyday life: Race, gender, and sexual orientation*. John Wiley & Sons.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2007). *Using multivariate statistics*. Allyn & Bacon/Pearson Education.
- Treas, J., (2002). How cohorts, education, and ideology shaped a new sexual revolution: American attitudes toward nonmarital sex, 1972–1998. *Sociological Perspectives* 45 (3), 267–283

- Venâncio, J. (2010). Homofobia e Consequências da (Não) Assunção da homossexualidade: Um estudo sobre a visão LGBT. (Dissertação de Mestrado não publicada). Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Weeks, J. (2000). *Making sexual History*. Malden: Polity Press.
- Welzer-Lang, D. (2001). A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, 9(2), 460 - 482.
- Williamson, I. R. (2000). Internalized homophobia and health issues affecting lesbians and gay men. *Health education research*, 15(1), 97-107.
- Worthington, R. L., & Whittaker, T. A. (2006). Scale development research: A content analysis and recommendations for best practices. *The Counseling Psychologist*, 34(6), 806-838.
- Xavier, B. (2013). *E se eu (não) contar quem sou? Estudo exploratório em jovens homossexuais masculinos sobre as percepções das (im) possibilidades da revelação da orientação sexual ao pai: implicações para a construção de identidades não-normativas* (Dissertação de Mestrado não publicada). Braga: Universidade do Minho.

ANEXOS

Anexo I – Pedido de Autorização para a adaptação/reestruturação da EMAFLG

De: Joana Santos

Enviado: terça-feira, 24 de Fevereiro de 2015 14:14

Para: Jorge Gato

Assunto: Pedido - Autorização "Escala Multidimensional de Atitudes face a Lésbicas e a Gays"

Caro Prof. Doutor Jorge Gato
Boa Tarde.

No mês de Dezembro contactei-o para solicitar a sua autorização na utilização da "Escala Multidimensional de Atitudes face a Lésbicas e a Gays" para a minha dissertação que aborda a temática dos preconceitos e discriminação face a minorias sexuais.

No seguimento daquilo que lhe disse nesse último contacto, um dos grandes objetivos do meu estudo é tentar perceber se existem diferenças entre os preconceitos direcionados para gays em comparação com os preconceitos direcionados para lésbicas.

Nesse sentido, considerando a "Escala Multidimensional de Atitudes face a Lésbicas e a Gays", gostaria de pedir a sua autorização para adaptar alguns itens da escala. Essa adaptação consistiria na divisão de alguns itens (e.g. "*Os gays e as lésbicas enervam-me*" dividir-se-ia em "*Os gays enervam-me*" e "*As lésbicas enervam-me*"), divisão essa que iria ajudar-me a perceber se existem preconceitos direcionados para uma determinada minoria.

Agradeço, desde já, a sua disponibilidade.

Cumprimentos, Joana Santos.

Cara Joana,

Pode proceder às alterações. Gostaria apenas que me informasse dos resultados que obtiver.

Bom trabalho,

Jorge Gato, PhD

Post-Doctoral Researcher
Center for Psychology at University of Porto
Birkbeck, University of London
Universidad de Sevilla

Opiniões sobre a Orientação Sexual

- 1) Este estudo insere-se numa investigação no âmbito do Mestrado em Psicologia da Educação da Universidade de Évora.
- 2) É composto por quatro questionários que têm como objetivo recolher opiniões acerca de temáticas relacionadas com a Orientação Sexual.
- 3) As perguntas destes questionários, com exceção ao primeiro referente aos dados sociodemográficos, não são construídas para que apenas tenha que assinalar uma cruz para responder;
- 4) Não existem respostas certas ou erradas, o que se pretende é simplesmente obter a sua opinião pessoal.
- 5) É importante que responda a todas as questões. Pedimos que, no final, **confira as suas respostas**.
- 6) **Os dados recolhidos são confidenciais e anónimos**, exclusivamente utilizados para análise estatística no contexto do objeto de estudo.

OBRIGADA PELA SUA PARTICIPAÇÃO!

Questionário Sociodemográfico

1) Idade: _____

2) Sexo: Masculino Feminino Outro

3) Orientação Sexual: Heterossexual Bissexual Gay/Lésbico Não sei

4) Naturalidade: _____

5) Indique o seu grau de escolaridade (concluído ou a frequentar):

- 1º Ciclo de Ensino Básico (1º ao 4º ano de escolaridade)
- 2º Ciclo do Ensino Básico (5º e 6º ano de escolaridade)
- 3º Ciclo do Ensino Básico (7º ao 9º ano de escolaridade)
- Ensino Secundário/ Ensino Profissional
- Licenciatura
- Mestrado
- Doutoramento

6) Ocupação:

- Estudante Ano _____ Área de Estudos _____
- Empregado/a Profissão _____
- Desempregado/a Profissão _____
- Reformado/a Profissão Anterior _____

7) Numa escala de 1 a 12, indique a sua:

a) Posição Religiosa:

- ① Nada Religioso/a ③ ④ ⑤ ⑥ ⑦ ⑧ ⑨ ⑩ ⑪ ⑫ Muito Religioso/a

b) Posição Política/Ideológica:

- ① Extrema Esquerda ② ③ ④ ⑤ ⑥ ⑦ ⑧ ⑨ ⑩ ⑪ ⑫ Extrema Direita

8) Conhece alguém que seja homossexual ou bissexual? Sim Não

9) Indique o sexo dessa/dessas pessoas: F M Ambos

10) Numa escala de 1 a 6, assinale o grau de proximidade com essa/essas pessoas:

① ② ③ ④ ⑤ ⑥

Pouco
Próximo/a

Muito
Próximo/a

Questionário de Opiniões sobre a Orientação Sexual

(Gato, Fontaine & Carneiro, 2012; Gato, Fontaine & Leme, 2014)

As frases seguintes descrevem algumas opiniões relativamente à orientação sexual. Pedimos que para cada uma delas assinale, com a maior sinceridade, o seu grau de discordância/concordância utilizando a seguinte escala:

(1) Discordo completamente, (2) Discordo muito, (3) Discordo um pouco, (4) Concordo um pouco, (5) Concordo muito, (6) Concordo completamente.

	1	2	3	4	5	6
1. Para mim é igual se os/as meus/minhas amigos/amigas são heterossexuais ou homossexuais.						
2. A homossexualidade é uma perturbação psicológica.						
3. Acredito que os pais e as mães homossexuais são tão competentes como os pais e as mães heterossexuais.						
4. A legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo abala os princípios fundamentais da sociedade.						
5. A homossexualidade é uma forma inferior de sexualidade.						
6. Ser criado num lar homossexual é bastante diferente de ser criado num lar heterossexual.						
7. Um programa escolar de educação sexual deve referir-se a todas as orientações sexuais.						
8. A crescente aceitação da homossexualidade tende a contribuir para a deterioração dos valores morais.						
9. As organizações que promovem os direitos dos homossexuais são necessárias.						
10. Hesitaria em apoiar pessoas homossexuais com medo de ser confundido/a com elas.						
11. Os casais do mesmo sexo deviam, tal como os casais heterossexuais, poder adotar crianças.						
12. As pessoas que assumem a sua homossexualidade devem ser admiradas pela sua coragem.						
13. As lésbicas e os gays não precisam lutar por direitos iguais.						
14. Celebrações como o "dia do orgulho gay" são ridículas porque assumem que a orientação sexual deve constituir um motivo de orgulho.						
15. Se realmente quisessem, as lésbicas e os gays poderiam ser heterossexuais.						
16. As lésbicas e os gays devem submeter-se a terapia para mudar a sua orientação sexual.						
17. Sinto que não se pode confiar numa pessoa que é homossexual.						
18. Quando ouço falar numa relação amorosa, parto do princípio que são duas pessoas do sexo oposto.						
19. Os gays e as lésbicas deviam parar de impingir o seu estilo de vida aos outros.						
20. Vejo o movimento gay como algo positivo						

Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Masculina

(Melo & Santos, 2015: Adaptado de Gato, Fontaine & Carneiro, 2012)

As frases seguintes descrevem algumas opiniões relativamente à **homossexualidade masculina**. Pedimos que para cada uma delas assinale, com a maior sinceridade, o seu grau de discordância/concordância utilizando a seguinte escala: **(1) Discordo completamente**, **(2) Discordo muito**, **(3) Discordo um pouco**, **(4) Concordo um pouco**, **(5) Concordo muito**, **(6) Concordo completamente**.

	2	3	4	5	6
1. Os <i>gays</i> enervam-me.					
2. Se fosse pai ou mãe aceitaria se o meu filho fosse homossexual.					
3. Não me importo que uma empresa contrate uma figura pública abertamente <i>gay</i> para fazer publicidade de seus produtos.					
4. No fundo, os homens homossexuais gostavam de ser mulheres.					
5. Sentir-me-ia desconfortável se soubesse que o professor do meu filho fosse <i>gay</i> .					
6. Os <i>gays</i> devem conter as suas demonstrações de afeto em locais públicos.					
7. Sentir-me-ia pouco à vontade se descobrisse que o meu médico não era heterossexual.					
8. É errado os homens homossexuais manifestarem afeto uns pelos outros às crianças.					
9. Não tenho nada contra <i>gays</i> desde que não sejam muito femininos.					
10. Não me importaria de trabalhar com uma pessoa que fosse <i>gay</i> .					
11. Os <i>gays</i> são homossexuais porque nunca encontraram a mulher certa.					
12. Se pudesse escolher, preferia que o meu filho não fosse homossexual.					
13. Se visse um rapaz maquilhado assumiria que era homossexual.					
14. Os homens que são homossexuais não tiveram uma educação adequada.					
15. Os homens homossexuais têm mais dificuldade em estabelecer relações amorosas duradouras.					
16. Nos casais <i>gay</i> , há sempre um que faz o papel do outro de "mulher".					
17. Se um rapaz me dissesse que gostava de fazer <i>bal</i> , eu desconfiaria que esse rapaz era homossexual.					
18. Sentir-me-ia desconfortável se soubesse que o professor da minha filha fosse <i>gay</i> .					
19. Nas eleições, não votaria num candidato que fosse <i>gay</i> .					
20. Incomodar-me-ia se visse dois homens a beijarem-se.					
21. Se o meu filho fosse <i>gay</i> , não contasse nem à minha família nem aos/às meus/minhas amigos/as.					
22. Se visse dois homens de mão dada assumia, automaticamente, que eram homossexuais.					
23. Se uma criança for criada por um casal <i>gay</i> , tem mais probabilidade de vir a ser homossexual.					
24. Os homens homossexuais são mais promíscuos.					
25. Se o meu filho fosse homossexual preferia que não fosse efeminado.					
26. Os <i>gays</i> são homossexuais porque perderam o respeito pelos valores morais da sociedade.					
27. Os <i>gays</i> devem restringir as suas demonstrações de afeto aos locais que lhes são destinados (discotecas e cafés <i>gays</i>).					

Questionário de Opiniões sobre a Homossexualidade Feminina

(Melo & Santos, 2015: Adaptado de Gato, Fontaine & Carneiro, 2012)

As frases seguintes descrevem algumas opiniões relativamente à **homossexualidade feminina**. Pedimos que para cada uma delas assinale, com a maior sinceridade, o seu grau de discordância/concordância utilizando a seguinte escala: **(1) Discordo completamente**, **(2) Discordo muito**, **(3) Discordo um pouco**, **(4) Concordo um pouco**, **(5) Concordo muito**, **(6) Concordo completamente**.

	1	2	3	4	5	6
1. As lésbicas enervam-me.						
2. Se fosse pai ou mãe aceitaria se a minha filha fosse homossexual.						
3. Não me importo que uma empresa contrate uma figura pública abertamente lésbica para fazer publicidade aos seus produtos.						
4. No fundo, as mulheres homossexuais gostavam de ser homens.						
5. Sentir-me-ia desconfortável se soubesse que a professora da minha filha era lésbica.						
6. As lésbicas devem conter as suas demonstrações de afeto em locais públicos.						
7. Sentir-me-ia pouco à vontade se descobrisse que a minha médica não era homossexual.						
8. É errado as mulheres lésbicas manifestarem afeto umas pelas outras à frente de outras pessoas.						
9. Não tenho nada contra lésbicas, desde que não sejam muito masculinizadas.						
10. Não me importaria de trabalhar com uma pessoa que fosse lésbica.						
11. As lésbicas são homossexuais porque nunca encontraram o homem certo.						
12. Se pudesse escolher, preferia que a minha filha não fosse homossexual.						
13. Quando vejo mulheres vestidas de forma mais masculinizada do que homens, sinto-me desconfortável.						
14. As mulheres que são homossexuais não tiveram uma educação adequada.						
15. As lésbicas têm mais dificuldade em estabelecer relações amorosas duradouras.						
16. Nos casais de lésbicas há sempre uma que faz de "homem" e outra de "mulher".						
17. As mulheres que praticam desportos mais violentos são, geralmente, lésbicas.						
18. Sentir-me-ia desconfortável se soubesse que a professora do meu filho era lésbica.						
19. Nas eleições, não votaria numa candidata que fosse lésbica.						
20. Incomodar-me-ia se visse duas mulheres a beijarem-se.						
21. Se a minha filha fosse lésbica pedir-lhe que não contasse nem à minha família nem aos/às meus/minhas amigos/amigas.						
22. Se visse duas mulheres a beijarem-se, automaticamente, que eram lésbicas.						
23. Se uma criança criada por um casal de lésbicas tem mais probabilidade de vir a ser homossexual.						
24. As lésbicas são mais promíscuas.						
25. Se a minha filha fosse homossexual, preferia que não fosse muito masculina.						
26. As lésbicas são homossexuais porque perderam o respeito pelos valores morais da sociedade.						
27. As lésbicas devem restringir as suas demonstrações de afeto aos locais que lhes são destinados (discotecas e cafés gays).						

Anexo III– Pedido de colaboração

Exmo. Senhor(a) Dr(a).

Assunto: Pedido de colaboração para estudo

Exmo. Senhor(a),

No âmbito do projeto de Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, da Universidade de Évora, que estou a realizar sob orientação da Doutora Madalena Melo, pretendo desenvolver um estudo sobre as várias perspetivas acerca da orientação sexual.

Para a realização desta investigação seria importante poder contar com a colaboração da Vossa Instituição, autorizando a participação dos idosos/as que a frequentam, com idades a partir dos 65 anos.

Os dados serão recolhidos sob a forma de questionário com a duração de 30 minutos e tratados de forma anónima e confidencial. Serão acautelados todos os aspetos ético-deontológicos, ficando assegurado o carácter voluntário da participação dos/as idosos/as. Comprometo-me, ainda, se houver interesse da vossa parte, a disponibilizar à Vossa Instituição, os resultados do estudo.

Fico à Vossa disposição para quaisquer esclarecimentos adicionais que entender por convenientes.

Agradecendo antecipadamente a Vossa melhor atenção, apresento-lhe os meus melhores cumprimentos,

Joana Santos

Anexo IV- Comparação de médias entre os fatores dos QOOS, QOH-Masculina e QOH-Feminina e o sexo das pessoas LGB que os/as participantes conhecem

Fatores	Orientação Sexual das Pessoas LGB que os/as participantes conhecem			F (3, 247)	P	Post- Hoc
	Mulheres L/B (n = 18) Média (DP)	Homens G/B (n = 49) Média (DP)	Mulheres e Homens LGB (n = 147) Média (DP)			
Rejeição de Proximidade	1.97 (.95)	2.33 (1.09)	1.84 (.88)	7.65	<.001	Homens G/B – Mulheres e homens LGB
Homopatologização	2.26 (.97)	2.46 (.96)	2.15 (.92)	11.05	<.001	
Suporte	3.57 (1.25)	3.68 (1.27)	3.97 (1.10)	1.44	.231	

Fatores	Orientação Sexual das Pessoas LGB que os/as participantes conhecem			F (3, 247)	P
	Mulheres L/B (n = 18) Média (DP)	Homens G/B (n = 49) Média (DP)	Mulheres e Homens LGB (n=147) Média (DP)		
M. Rejeição de Proximidade	1.90 (.99)	2.11 (1.09)	1.79 (.85)	10.40	<.001
M. Homonegatividade Tradicional	2.23 (.83)	2.53 (.93)	2.19 (.98)	6.61	<.001
M. Visibilidade	3.51 (1.45)	3.73 (1.31)	3.24 (1.27)	2.81	.040
M. Transgressão das Normas de Género	2.46 (1.00)	2.72 (1.21)	2.63 (1.09)	2.93	.034
F. Rejeição de Proximidade	2.28 (1.17)	2.22 (1.17)	1.77 (.97)	6.97	<.001
F. Homonegatividade Tradicional	1.95 (.81)	2.28 (1.10)	1.89 (.90)	7.03	<.001
F. Visibilidade	3.02 (1.52)	3.20 (1.26)	2.75 (1.21)	3.59	<.014
F. Transgressão das Normas de Género	2.01 (1.04)	1.87 (.95)	1.82 (.87)	2.00	.114